

LINA MARÍA PARRA OCHOA

A MÃO QUE CURA

TRADUÇÃO DE HELENA PITTA

«Não somos nada.
Não passamos de um canal
por onde corre o que é verdade.
Tudo o que será já foi.»



D. QUIXOTE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

LINA MARÍA PARRA OCHOA

A MÃO QUE CURA

TRADUÇÃO DE HELENA PITTA

«Não somos nada.
Não passamos de um canal
por onde corre o que é verdade.
Tudo o que será já foi.»



D. QUIXOTE

Índice

Capa

Ficha Técnica

Morta há cinco horas uma rapariga ressuscita e faz profecias

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

Lina María Parra Ochoa



A MÃO QUE CURA

Romance

Tradução de
Helena Pitta

Ficha Técnica

Título: A Mão Que Cura
Título original: La mano que cura
Autora: Lina María Parra Ochoa
Edição: Cecília Andrade
Tradução: Helena Pitta
Revisão: Miguel Santos
Capa: Design original de © Rui Garrido
ISBN: 9789722082419

Publicações Dom Quixote
Uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Editorial Tránsito & Lina María Parra Ochoa, 2023
Todos os direitos reservados e controlados através da Editorial Tránsito, Madrid
Esta edição a/c SalmaiaLit, Literary Agency
Edição portuguesa © Publicações Dom Quixote, 2024
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.
www.leya.com

Para Soledad, que tem os poderes

«Quemarás la ruda
prepararás la poción
y en noche de luna
repetirás la oración:

linda luna que ahí con tu luz iluminas
el bebraje, a ti te invoco,
ayúdame a conseguir lo que he pedido».1

Juana Molina

«La escribiré con sangre
con tinta sangre del corazón».2

Benito de Jesús

«Llamo a Babalú3
Él viene p'acá
Babalú conmigo anda».4
Richie Ray e Bobby Cruz

1. «Queimarás a arruda / prepararás a poção / e numa noite de lua / repetirás a oração: // linda lua que aí com a tua luz iluminas / a beberagem, a ti te invoco, / ajuda-me a conseguir o que pedi.» (N. da T.)

2. «Escrevê-la-ei com sangue / com tinta-sangue do coração.» (N. da T.)

3. Babalú ou Babalú Ayé é o orixá Obaluaiê nas religiões afro-brasileiras. (N. da T.)

4. «Chamo Babalú / ele vem p'ra cá / Babalú comigo anda.» (N. da T.)



MORTA HÁ CINCO HORAS UMA RAPARIGA RESSUSCITA E FAZ PROFECIAS

Notícias recebidas de Chocó revelam que no povoado de San Pacho, município de Acandí, a jovem Ana Gregoria Mena, de dezassete anos, ressuscitou depois de cinco horas morta. Assim que voltou a falar, a ressuscitada disse a quem a ouvia que mantivera um longo diálogo com uma voz da selva, que lhe comunicou múltiplos saberes. A jovem Ana Gregoria fez várias profecias cuja veracidade não foi confirmada. A família acompanhou-a a Turbo no dia seguinte, pretendendo levá-la mais tarde para Medellín, onde seria submetida a avaliação médica. Reporta-se que a jovem nunca chegou à capital antioquense.

Osorio, correspondente

Aquilo das moscas já tinha acontecido antes a uma tia minha. Depois de o marido morrer, a casa dela começou a encher-se de moscas. Procurou várias explicações, mas realmente não as havia. Não encontrou ovos nem larvas, nada estava a apodrecer, não era possível os bichos entrarem-lhe em casa, mas todas as noites, no quarto do casal, via-se um enxame de moscas pretas e gordas a voar por todo o lado. A minha tia conta que fez rezas e que chamou uma bruxa a que ia sempre, fechando-se ali as duas sozinhas durante toda uma noite. Depois disso as moscas deixaram de aparecer. Esquecera-me desta história até ao dia posterior ao velório do meu pai. Voltei ao meu apartamento já de noite, cansada de falar com pessoas, de receber os pêsames, de repetir a mesma conversa muitas vezes, de organizar os comes e bebes, de falar com os tipos da agência funerária, com o padre que celebraria a missa, com tanta gente que, no fim, acho que nem velei o meu pai, que não o chorei. Já nem sei se o vi no caixão. Talvez, involuntariamente, tenha fugido desse lugar, dessa situação. Evitei ir até lá, onde estava o corpo que fora dele, já um pouco desajustado, cheio de algodão ou sabe-se lá de quê, para que se parecesse com o pai quando estava vivo, com o rosto cheio dele próprio. E, quando cheguei ao meu quarto, deparei com quatro moscas a voar sobre a minha cama. Abri a janela e expulsei-as como pude, com o cobertor. Na noite seguinte, estavam duas na sala e duas no meu escritório. Procurei larvas de mosca por toda a parte. Comecei pelo caixote do lixo, para verificar se, com os dias no hospital, a agonia, a morte e o enterro do meu pai, teria deixado coisas a apodrecer sem me dar conta. Não havia nada. Averigui se alguma planta tinha água estagnada com larvas. Também não. Procurei entre as almofadas, nos armários, debaixo dos móveis. Nessa altura lembrei-me do que acontecera àquela tia e telefonei à minha mãe. Ficámos de ver se a situação se repetia. Por alguns segundos, enquanto lhe contava, esqueci-me do meu pai, de que

tinha morrido, esqueci-me de que estávamos tão cansadas de cuidar dele, de esperar, de chorar. Esqueci-me de tudo. Por isso, agora que volto a telefonar-lhe, ao encontrar pela terceira vez moscas, à espera de que me sugira contratar a tal bruxa para fazer a mesma limpeza que fez em casa da minha tia, espanto-me por a sua resposta ser pulverizá-las com Raid.

*

A minha mãe depressa descobriu a sua maneira de fazer o luto. Depois dos primeiros dias a receber chamadas telefónicas e sentidos pêsames e Soledad, querida, estamos aqui para o que precisarem, tu e as meninas, e tu és uma mulher muito forte e Iván teria querido ver-te feliz; depois de assentir e de responder com amáveis banalidades, a minha mãe deixou de falar. Só abria a boca para dizer o indispensável. E o que fez a seguir foi pedir-me o carro emprestado e ir passear. Todos os dias a partir das nove anda às voltas pelas ruas, nunca deixa que eu ou a minha irmã a acompanhemos, e conduz sem parar até à uma da tarde, quando regressa a casa para um almoço ligeiro. Preferiu sair no meu carro e não no do marido, por ter sido este o único carro que conduziu. Um Volkswagen carocha de 1961, verde-alface, que compraram ainda recém-casados. Foi nele que a minha mãe aprendeu a conduzir e foi esse carro que aliás usou durante uns anos, até o meu pai sugerir que o melhor era ela não pegar no volante. A minha mãe é uma mulher nervosa e receosa da cidade, que se defende com uma certa agressividade serrana, o que faz dela uma condutora lenta e aselha que insulta todos aqueles com quem se cruza. Imagino que a sua forma de conduzir deva continuar igual, talvez mais lenta devido aos anos e às maleitas do corpo. O carro veio parar-me às mãos aos dezasseis, e eu encarreguei-me de o manter e de ir recuperando as peças originais alemãs que às vezes se perdiam misteriosamente nas oficinas. O Volkswagen tornou-se parte de mim, como uma extensão, uma carapaça. Mas, quando a minha mãe mo pediu emprestado, não pude recusar-lho. Achei estranho e um pouco irresponsável que quisesse voltar a enervar-se daquela maneira ao volante, mas não opus resistência. Disse-me que era só para dar umas voltas e é isso que faz: anda às voltas pela cidade.

*

A minha irmã voltou a casa por alguns dias, para se despedir do pai e acompanhar a mamã, para que ela não ficasse tão só no apartamento, tão rodeada de coisas e de espaços que antes lhe pertenciam a ele e que já se sentem vazios, como buracos negros por onde tudo pode cair a qualquer momento: a secretária do pai, o lado do pai na cama, a cadeira do pai na sala de jantar, a chávena de café do pai. É então a minha irmã quem acompanha a mamã durante a tarde, quem tenta conversar com ela, lutando, ela também, contra a dor da morte. É estranho que uma dor partilhada nos afaste de forma

tão subtil. Às vezes visito-as e tento telefonar-lhes uma vez por dia, para saber como estão e se precisam de alguma coisa. Atende-me quase sempre a minha irmã, que me fala da mãe, de duas ou três coisas que fez e depois desliga. Não dizemos muito, nem eu à minha mãe, nem ela à minha irmã, nem a minha irmã a mim. Estamos cansadas, julgo eu, de tudo o que falámos antes daquela morte. É como se as três tivéssemos decidido que o silêncio era a única possibilidade de, para já, aceitarmos a situação e o procurássemos de diversas maneiras.

*

Desde aquilo das moscas, o ambiente do meu apartamento parece pesado, como um lugar com humidades encerradas durante muito tempo. Bafiento, diria a minha mãe. E custa-me um pouco respirar. Tenho uma carraspeira incomodativa na garganta que às vezes me provoca tosse. O apartamento está cheio de um pó inexplicável, como se não o limpasse há meses ou anos, mas fi-lo há umas semanas. A princípio ainda tentei tornar a limpá-lo, mas já me rendi. Também deixou de me incomodar ver sobre todas as superfícies uma camada fina de sujidade e aperceber-me, na luz que entra pela janela, do pó que flutua no ar, criando uma atmosfera pesada e opaca nos quartos. Uma atmosfera de outro mundo. Tento não fazer caso disso, porque sei que o pó e a tosse são o rasto de outra coisa que ainda não consigo nomear. Uma coisa que é como uma sombra e que há dias se agarra às esquinas do meu apartamento, uma coisa que é como um animal que se esconde e que parece existir sobretudo quando não estou a olhar, no quarto de onde acabo de sair, ao fundo da cozinha quando apago as luzes à noite, junto da porta do meu quarto quando lhe viro as costas para adormecer.

Vou à cozinha buscar o Raid e sinto passos atrás de mim. Passos de um animal grande. Patas com unhas, como as de um cão muito pesado. Resisto à vontade de dar meia-volta: para quê, se já sei que não vou encontrar nada, só a casa vazia, escura e alheia? Só o ambiente viciado que se instalou entre as minhas paredes e essa sensação tangível de que alguma coisa me segue, caminha e se arrasta e se agarra às esquinas. Quando volto ao meu quarto, encho-o de uma quantidade talvez exagerada de inseticida, porque nesse momento, ao carregar no pulverizador da embalagem metálica, liberto também uma raiva que em mim foi crescendo contra as moscas, contra a sua presença incómoda e aparentemente inofensiva, uma raiva que não consigo perceber de todo contra as pessoas que não perderam ninguém, contra o silêncio que se adensa entre mim, a minha mãe e a minha irmã, contra os espaços vazios. Inspiro o veneno com força, para ver se também eu me intoxico um pouco e não tenho de enfrentar aquelas tarefas triviais que os mortos nos deixam, como o que fazer com a roupa deles, com as coisas que guardam nas gavetas, nos armários e, sobretudo, o que fazer com os livros. Essa é a tarefa que tenho de assumir agora, enfrentar os livros do meu pai, porque mais ninguém o fará.

Ponho de parte a embalagem vazia de Raid e sento-me na cama, a respirar e a habituar-me ao cheiro do químico que paira sobre todas as coisas no meu quarto. Não me atrevo a abrir a janela com medo de que entrem mais moscas, mesmo que a tosse seca de há dias me apanhe o peito e me afogue. Parece-me que os passos do animal se aproximam, vindos do corredor, e que atrás de mim alguma coisa também se senta na cama. Não sei aonde fui buscar isto, mas já há algum tempo me persegue a certeza de que, quando as moscas rondam, trazem sempre consigo uma mensagem.

*

Eu sou a filha mais velha, a que nasceu primeiro, a que se teria chamado David se fosse homem, a que quase morreu três vezes durante o primeiro ano de vida, a que segurava na lanterna enquanto o pai arranjava o Volkswagen, quando ficávamos parados na estrada. Agora sou a filha que se encarrega dos livros. É necessário fazê-lo, ocupam muito espaço em casa. As estantes cobrem as paredes e não deixam respirar. Quase todos os livros são dele, do meu pai. É uma coisa que temos em comum, que tínhamos em comum: os livros. No meu apartamento estão a nascer réplicas das estantes do meu pai, que vão subindo pelas paredes como trepadeiras.

Enfrento esses livros sem saber como começar a organizá-los. Todos juntos formam uma biblioteca que o meu pai foi montando com paciência, com cuidado, até com amor. Há livros que tinha desde a infância e outros que comprou meses antes de morrer, sabendo que não os leria porque os seus olhos já se enevoavam. Creio que ele pressentiu a chegada de uma cegueira repentina, como uma avalanche branca a cobrir-lhe a vista. Naquela casa, cada livro tem o seu lugar, porque toda a casa é a sua biblioteca e há uma lógica que funciona como o rasto dele, do meu pai, que lia livros de física, de astronomia, de teoria da evolução, de história e de filosofia da ciência. Paro diante de uma das estantes e tiro um livro ao acaso. Na capa está Lucy, a *Australopithecus afarensis* que recebeu o seu nome de uma canção dos Beatles. Abro o livro e lá dentro vejo a assinatura do meu pai. Tem-na em todos os livros. E os livros, que eram o mapa da sua vida, estão agora à espera de que eu os separe, organize e decida o que se fará com eles. Foi o que a minha mãe me encarregou de fazer. Trata de ver o que faremos com todos esses livros, disse-me.

Parada diante da biblioteca do meu pai, compreendo que desmembrá-la será outra morte, repartir os livros que, nessa altura, só permanecerão unidos pela sua assinatura que sempre adorei, assinatura de senhor: ininteligível, uma linha frenética e ininterrupta que só ele conseguia ler e só ele poderia escrever. Era como um mecanismo de segurança para que ninguém a falsificasse, acho que mo disse um dia. E tinha-a em cada livro, e todos juntos formavam a sua biblioteca, e essa biblioteca era uma unidade lógica, que só fazia sentido se estivesse junta. Era a sua história, a das suas leituras, a dos seus pensamentos.

Folheio o livro que tem Lucy na capa e sou presa de um novo ataque de tosse, embora não haja pó em lado nenhum. Vejo ideias sublinhadas a esferográfica. Ele dizia que um livro só se tornava realmente seu pelas ideias sublinhadas, porque assim nele podia ler-se a sua leitura. Decido que vou ficar com este livro e pouso-o num dos lados da mesa da sala de jantar onde irei amontoando os que quero para mim. Oíço novamente esse caminhar surdo, as unhas que raspam com suavidade os ladrilhos atrás de mim, e parece-me que tudo conforma o mesmo: a tosse, as moscas, o abandono inegável daquilo que se destrói, como se o tempo passasse mais depressa pelas coisas que são minhas, os passos do animal. Mantenho-me mais uma vez sem me voltar e, para não deixar que o medo me possua, penso em *Cosmos*, de Carl Sagan, e vou buscá-lo. Pouso-o sobre o de Lucy, já vão dois. Sinto que acabo de terminar um trabalho duro, mas a verdade é que ainda não sei por onde começar. Há livrarias em segunda mão que se especializam em comprar bibliotecas de mortos, em comprá-las inteiras para mais tarde verem o que têm de valor. Exibem-nas na livraria e, vendendo-as livro a livro, a biblioteca que era de alguém desaparece, dissemina-se até cair no esquecimento. O trabalho de toda uma vida de seleção e leitura. No esquecimento. Vem-me novamente a mesma tristeza do dia em que nos despedimos do meu pai – porque agora é como se me despedisse dos livros e também como se, ao separá-los, os matasse um pouco – e eu, como no dia da despedida, estivesse também a matá-lo um pouco.

Apesar de a tosse mais forte já me ter passado, a garganta não acalmou totalmente, como se dentro do meu corpo alguma coisa estorvasse e quisesse sair-me pela boca. Decido fazer um café. Pego na sua má cafeteira, que deixa um sabor a queimado, mas que é a única que os meus pais admitiram lá em casa. É um jarro de plástico com uma espécie de resistência no interior e um fio para a ligar à corrente. Enchemo-la simplesmente com água, deitamos as colheradas de café num filtro de plástico que encaixa no jarro, oito no total, tapamos e ligámo-la. Bebo o café simples e sem açúcar, enquanto penso que não conseguirei examinar os livros um por um. Acho que a melhor morte para a biblioteca do meu pai é passar a habitar outras bibliotecas, onde cada livro se encaixe de um modo lógico, amorosamente. Talvez alguns se possam vender, mas de pé ali na cozinha, tomando o café, decido que a maior parte deverá ser doada a universidades. Mentalmente, faço a lista dos que quero conservar, porque a minha mãe não me pediu que os levasse todos, simplesmente que desocupássemos um pouco a casa porque, com todos aqueles livros, ela sentia que o pai ainda lá estava. Penso numa edição muito antiga da história bíblica de José, com a qual o meu pai ensinou os irmãos a ler e, mais tarde, a mim e à minha irmã. Penso na teoria geral da relatividade de Einstein, penso nos livros de sir Isaac Newton, o último grande mago, disse-me um dia o meu pai. Tento recordar-me de outros livros, ali parada na cozinha, mas não me ocorre nada e dou-me conta de que tenho de percorrer novamente a biblioteca, de ver cada lombada, para me lembrar.

Oíço as chaves da minha mãe do outro lado da porta, já são horas do almoço. Cheguei a casa a meio da manhã, para começar a tratar dos livros, e não encontrei nem a minha mãe nem a minha irmã. Por isso, à uma, quando a porta se abre, não me surpreende vê-las juntas. Não sei o que a Estefanía fez para convencer a mãe a deixar-se acompanhar, mas entre elas há uma espécie de ligação que eu não compreendo. Deve ser por isso que se parecem mais: são ambas baixinhas, com os olhos grandes, os da mãe verdes e os da Estefanía dourados. Às vezes, quando olham para mim ao mesmo tempo, sinto-me observada por águias. Alguma coisa no fundo daqueles olhos fere como um estilete, como uma garra. No entanto, eu não consigo ver-me no fundo dos olhos, não encontro nada nessa escuridão castanha de charco, de escaravelho. Geralmente, o trabalho da minha irmã obriga-a a viajar, vive meio metida nos montes, como veterinária de fauna selvagem. É um trabalho ingrato, que cada vez se lhe nota mais na cara, nas olheiras, na voz triste. Rodeia-a mais a morte do que a possibilidade de curar os animais. A minha mãe entra diretamente na cozinha para preparar alguma coisa para o almoço, porque sabe que eu não fiz nada, mas a Estefanía aproxima-se para me ajudar. Compreende o meu método sem que lho explique. Nisso temos uma ligação mais subtil, quase impercetível, mas que, quando se revela, demonstra que continua aí, férrea. Somos muito diferentes, mas crescermos juntas levou-nos a compreendermo-nos como ninguém, a conhecermos os pontos fracos, as manhas, os medos, as manias e os comportamentos de cada uma. Ela sabe que, devido à minha obsessão com a ordem e com a categorização, estas montanhas de livros que crescem na mesa da sala de jantar e no chão ao lado das estantes têm uma lógica discernível, que ela decifra só por ler dois ou três títulos. Sabe quais separo para doar, para ficar e para vender, e percebe que há outra secção, a da dúvida.

Enquanto examinamos as prateleiras das estantes da sala, fala-me dos animais, fala sempre deles. Julgo que, de certa forma, se relaciona melhor com eles do que com as pessoas. Mas o seu trabalho carrega uma tragédia que perfura o músculo da sua resistência, da sua esperança. Porque é muito pouco o que pode fazer pelos animais, devido à falta de recursos das instituições estatais, ao desconhecimento e à ignorância das pessoas que os prendem, os ferem, os matam. Conta-me que muitos dos animais resgatados morrem ou têm de os abater. Mas hoje libertámos uma raposa-de-orelhas-pequenas que tinham atropelado lá em cima, no Escobero, diz-me, e nota-se-lhe um alívio. Pega no telemóvel e mostra-me o vídeo da libertação, onde ela aparece com uma caixa de transporte para animais. Vejo-a agachar-se no meio da montanha, o terreno é íngreme mas ela equilibra-se com facilidade, abrir a portinhola metálica da caixa e a raposa sair disparada, escondendo-se na mata. Assim, em poucos segundos, o animal de que ela cuidou durante semanas desaparece entre os arbustos e a ela só lhe resta confiar, confiar sabe-se lá em que destino, porque os animais não têm deuses. Depois do vídeo, mostra-me

uma fotografia de uma ave branca com umas penas pretas e um penacho na cabeça. Gavião-andino, *Spizaetus isidori*, diz-me, porque sabe como gosto que ela conheça todos aqueles nomes científicos em latim, como uma enciclopédia. Apanharam-no na zona de Sopetrán, alguém lhe deu um tiro numa asa, diz-me. Estou há semanas a cuidar dele, a desinfetar-lhe a ferida, a controlar os medicamentos, até sonho com ele. Na fotografia seguinte, vê-se a Estefanía com aquele gavião enorme empoleirado no seu antebraço. A minha irmã parece Átila, e olho para ela como se não a conhecesse, porque a que trabalha com os animais, que pega em jiboias como se não fosse nada de especial, que tira lacraus das casas sem medo, que se aproxima das águias como se fossem amigas, a essa não a conheço muito bem. Depois ficamos caladas, a ouvir o ruído dos tachos que a mãe faz na cozinha e, de vez em quando, a minha tosse que continua. Desde a morte do papá que se sente mais o silêncio que se expande entre nós, mas tento manter a conversa. Falo sobre os livros que vou encontrando e pergunto-lhe se se lembra deles. E assim vamos andando, vivendo de qualquer maneira, conforme podemos, nos dias e nas semanas que se seguem à morte, por entre o tempo que perdeu todo o sentido, mas que continua a passar.

Enfrento os livros durante o resto da tarde. A tosse da noite anterior, a que me restou depois de encher o quarto de Raid, permanece como unhas na minha garganta. Depois de almoçarmos *arepas* com verduras, a mãe senta-se a ler o jornal e eu tento estabelecer conversa enquanto cirando pela casa, de estante em estante, a classificar os livros. A minha irmã saiu em trabalho, o resgate de uma raposa que ficou isolada nalgum bairro. Não se despediu. O nome da nossa mãe pesa-nos como nunca neste silêncio que nos faz sentir desconhecidas. As filhas da Soledad, brancas como fantasmas, sós como fantasmas, mesmo quando estamos juntas num mesmo quarto. A minha mãe não me diz nada e de alguma forma começo a perceber que, se falar, corre o risco de se desmoronar, de chorar até sufocar, de expulsar todos os medos e queixas e lamentos que guarda desde que soubemos que o pai ia morrer. Por isso mantém a boca fechada. Eu, pelo contrário, dou comigo a falar-lhe. Não consigo estar muito tempo em silêncio a abrir e fechar livros, a colocá-los em pilhas. Então repito a história das moscas, para ver se ela me diz alguma coisa que não seja voltar a pulverizá-las com Raid. Enraivece-me essa passividade da minha mãe, essa sua antipatia ali sentada no sofá, porque eu sei que ela sabe que isto das moscas não é normal. E quero que me diga que vamos telefonar para a senhora que a minha tia consulta. Quero que acorde, que se assuste, que afirme que sim, que é muito estranho aparecerem moscas no meu quarto sem explicação e que encare o assunto com a seriedade que eu acho que merece. Quero brigar com ela, mas as palavras engasgam-se-me na tosse e acabo ofegante e sem argumentos. Desta vez, ela nem do inseticida fala. Oiço perfeitamente o ruído do lápis no jornal enquanto faz as palavras cruzadas.

Decorreram algumas horas e através das janelas vê-se a noite repleta de

luz elétrica. A tosse parece ter cedido, embora sinta alguma carraspeira ao respirar, lixas, unhas, pó, pedrinhas, areia. Com o fim da tarde também aumentou a sensação de que aquela coisa que se aloja, intrusa, no meu apartamento, me seguiu até esta casa. Os passos do animal sentem-se mais pesados. A certeza obscura de estar a ser observada. Da estante que está no escritório do meu pai, tiro o *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*, de sir Isaac Newton, e, de repente, vejo uma coisa à minha frente. Uma coisa que sei que não está realmente aí. E então parece que compreendo uma quantidade de coisas sem saber como. Todo o meu corpo estremece com um frio que só me toca a mim, que sai de mim, e os pulmões ardem-me, como que cheios de uma areia quente e áspera. A tosse de há pouco aumenta e sinto-me sufocar em espasmos violentos, agitações de peixe prestes a morrer. Desesperada por ar, agarro-me ao livro com toda a força. A minha mãe aparece a correr, com os olhos muito abertos, grita, mais viva do que há muitos dias. Mesmo a sufocar, o tempo desdobra-se o suficiente para que eu possa parar e ver a sua cara de medo, ouvir a sua voz estridente. Que foi, que viste?, grita-me. Agarra-me nos ombros e levanta-me da posição torcida em que me encontro, rendida diante da asfixia, e dá-me uma palmada forte a meio do peito. Não é nada, filha, respira. A pancada, não sei como, limpa-me a areia dos pulmões.

Ana Gregoria manda dizer que tenho de procurá-la, digo-lhe, não sabendo muito bem o que significa essa mensagem. A minha mãe senta-se lentamente no cadeirão que está junto da secretária. Olha para as mãos e parece derrotada, coisa que nunca vi nela, porque a minha mãe nunca perde, nunca cede, nunca se rende. Vi uma senhora, mamã, à minha frente, quando peguei neste livro do pai. Aproximo-o dela, mas ela não olha para ele. Uma senhora negra, com o cabelo muito curtinho, quase rapado, rodeada de moscas. Não sei como fiquei a saber que se chamava Ana Gregoria, nem como soube que foi isso que me disse, porque não abriu a boca, explico-lhe, mas creio que não foi necessário. Os poderes abriram-te os olhos, responde-me, embora eu quase não a oiça.

Sobre a noite anterior, Soledad não se lembrava de nada. Não soube como chegou a casa, como entrou, se falou com alguém, a que horas vestiu o pijama e se deitou na sua cama. Nada soube. Fechou os olhos, apertou-os com força para ver se lhe ocorria alguma coisa, mas só via uma imagem que lhe parecia ter acontecido há um segundo: ela de joelhos, no chão de terra do quintal traseiro da casa de Ana Gregoria, sua professora do quinto ano. Ela de quatro como um cão, arqueando as costas quase até à dor, com a professora ao lado a observá-la. A luz do sol da tarde sobre as suas costas nuas e a terra que lhe vibrava sob as mãos, sob os joelhos, a terra que sentia agitada e viva, como se alguma coisa muito grande acordasse nas profundezas das camadas geológicas que Ana Gregoria ensinara na escola semanas antes.

Depois não havia nada. Soledad abriu os olhos e, embora estivesse sentada na cama como todas as manhãs, tudo lhe pareceu alheio por ainda sentir a terra que vibrava e o sol sobre a pele. Aos onze anos, via pela primeira vez a sua vida como num desses filmes que chegavam à povoação através do cinema itinerante. Nesses filmes, cortavam a imagem de um momento para o outro. Tarzan corria pela selva, por exemplo, e de repente, sem transição, nadava num rio caudaloso. Era o que Soledad sentia que acabara de acontecer-lhe. Ela estava no quintal da professora e depois, de chofre, apareceu sentada na sua cama no dia seguinte. Olhou para os joelhos e viu-os limpos, não se vislumbrava terra, nem mesmo nas mãos. A sua irmã Esperanza entrou no quarto acabada de tomar banho e envolta numa toalha, de modo que Soledad se levantou como um autómato e saiu, porque era a sua vez de tomar duche, como todas as manhãs. Nada mudara. Na cozinha, a mãe não lhe ralhou nem se zangou; pelo contrário, fazia *arepas*, distraída, e só levantou os olhos para dizer «filhinha», enquanto Soledad passava a caminho da casa de banho.

Não somos nada, disse-lhe Ana Gregoria, sentadas ambas sobre a terra do quintal traseiro da casa da professora. O sol ainda estava forte, mas o calor já tinha diminuído e Soledad concentrava-se nas palavras que lhe eram ditas, tentando ignorar a terra seca a picar-lhe sob as pernas. Não somos nada. Não passamos de um canal por onde corre o que é verdade. Tudo o que será já foi. Os poderes mostram-nos o que fazer para que volte a ser. Soledad ouvia as palavras, mas não as compreendia totalmente. A professora falava de uma forma muito diferente agora que estavam sós, a voz parecia mais rouca, como se saísse de um buraco, e também abria menos os olhos. Ana Gregoria era outra, diferente daquela que era professora na escola de Heliconia e que nessa mesma manhã os ensinara a multiplicar. Ou, se calhar, esta era Ana Gregoria e a outra, a alegre, a que falava com uma voz mais aguda e os olhos mais abertos, era a diferente, a que mostrava a cara ao mundo.

Chegara dois anos antes à povoação, para ocupar o lugar de professora das crianças do quinto ano, porque a professora anterior tinha-se casado com um polícia e fora para Medellín. Ana Gregoria vinha com recomendações excelentes. Além disso, uma parte considerável da pouca bagagem com que chegou à vila eram livros, coisa que impressionou a diretora ao contratá-la. Era excelente a matemática e compreendia os fundamentos da biologia para a educação primária. Com o passar dos dias, deram-se conta na escola de que também tinha uma mão extraordinária para a jardinagem. Os canteiros com flores e ervas aromáticas que os estudantes plantavam nas traseiras melhoraram desde que Ana Gregoria começou a ajudá-los na poda e nos cuidados. A única coisa que incomodou a diretora foi o facto de Ana Gregoria ser negra. Mas de momento não havia nada a fazer, nem outra alternativa para o lugar. Pensou que, pelo menos, parecia uma boa moça, embora tivesse chegado sozinha à povoação, sem família apesar de ainda nova, de se lhe notar resquícios de um sotaque estranho, como o das pessoas do mar, e de não ir à missa aos domingos.

Quando Soledad entrou para o quinto da primárias, calhou-lhe ter Ana Gregoria como professora. Mas a menina conheceu-a realmente uns dias depois, quando a mulher lhe deu cinco reguadas nas palmas das mãos, *pa* que deixes de ser tão prepotente, menina Chepa. Chamavam-lhe Chepas, a ela e às irmãs, por serem filhas de Chepe. Soledad achou que esse nome soava de forma estranha na boca da professora e odiou-a ao olhar para as palmas das mãos vermelhas e a arder, que a dor não a deixava fechar. Maldita negra, disse entredentes, quase sem som, quase como um pensamento que se expulsa, enquanto saía da sala. Nessa altura, sentiu a grande mão de Ana Gregoria no seu ombro. Isso não se diz, menina Sole, ou queres mais palmadas? Depois, a professora pôs as mãos dela entre as suas. Esfregou as palmas algumas vezes e estas deixaram simplesmente de lhe doer.

A vermelhidão da régua que ainda marcava a pele desapareceu e Soledad passou a sentir essa dor como uma lembrança estranha, que não lhe acontecera a si, como se lhe tivessem contado.

Passados uns dias, Soledad encontrou Ana Gregoria sentada junto do seu canteiro na escola. As aulas já tinham terminado e Soledad queria dar uma vista de olhos às suas plantas, para ver se ninguém as pisara ou se precisavam de água. Estava pendente de um caroço de abacate, de uns coentros e de um arbusto de arruda que quase lhe chegava à cintura. Viu a professora a olhar para as plantas e a assentir em silêncio. Soledad aproximou-se sem dizer nada e sentou-se perto, de frente para ela. Menina Sole, as tuas plantas estão muito bonitas. Tens mão para isto. Ana Gregoria pegou-lhe na mão esquerda, observou-a com atenção voltando-a para todos os lados, aproximou-a do ouvido, cheirou-a, apreciou-a e por fim pediu-lhe que enterrasse as pontas dos dedos na terra, perto do arbusto de arruda. Soledad fê-lo sem se interrogar sobre as razões. Sabia que a situação era estranha, que as professoras não ensinavam assim, mas, mais do que saber, achou bem. Ana Gregoria tinha qualquer coisa que ela queria apreender. Enterrou as pontas dos dedos na terra e sentiu uma pequena vibração, como se a terra reagisse ao seu tato, e viu como as folhinhas alongadas da arruda se moviam um pouco para cima, agitando-se. Não te preocupes, menina Sole, isso acontece porque tens os poderes. As costas de Soledad crispavam-se por inteiro como as dos gatos quando se assustam ou ficam alerta. Pôde ver com a mão as raízes das suas plantas a mexer-se. Pôde sentir o ar que se lhe metia pelas orelhas e pelo nariz e lhe enfunava um pouco a saia do uniforme. Olhou para Ana Gregoria, que sorria, mostrando todos os dentes e abrindo os seus olhos grandes e compreendeu que ela também tinha os poderes. Que estes estavam em toda a parte e não eram nada e eram tudo, e eram a terra e as raízes e os caules e as folhas e as flores e os frutos e as sementes e o que apodrece na terra e os pelos dos animais e os animais com a sua carne e os seus ossos e o seu sangue e as pedras que o rio arrasta e a água do rio e a chuva que cai à noite e a noite e depois o dia e depois a noite e ela e Ana Gregoria, ambas sentadas na terra, sobre os poderes, sendo os poderes.

*

Não somos nada. Não passamos de um canal por onde corre o que é verdade. Tudo o que será já foi. Os poderes mostram-nos o que fazer para que volte a ser. Ana Gregoria repetiu-o até Soledad o ter aprendido. E, mais tarde, até o entender. Viram-se várias tardes depois da escola. Soledad saía das aulas para ir almoçar a casa com a mãe e as irmãs. Depois dizia que ia para as salinas ou para o monte visitar María ou encontrar-se com as primas Domínguez ou novamente para a escola cuidar do seu canteiro, porque o abacate estava meio tristonho. Tinha de mostrar-se distante com a sua irmã Esperanza para que esta não quisesse acompanhá-la, porque ela andava sempre atrás de Soledad, eram unha com carne, onde estava uma, estava a

outra. Mas para aquilo não era possível. Soledad não sabia se a irmã seria bem-vinda em casa da professora, mas pressentiu que essas aulas privadas, essas visitas, eram só para ela. Soledad queria que todas as suas irmãs tivessem os poderes, que percebessem o que era ver com as mãos na terra, que sentissem o movimento das raízes, que soubessem coisas que não se aprendem na escola. Se calhar também os têm, menina Sole, mas talvez não seja o momento para elas. Temos de esperar.

Ana Gregoria explicou-lhe que às vezes os poderes aparecem quando as pessoas já são adultas ou mesmo velhas. Explicou-lhe também que nem todos tinham alguém que os ensinasse. Eu aprendi-os sozinha, menina Sole, se te contasse... Fui-me dando conta disso, lá onde vivia, junto ao mar, porque diziam à minha mãe que eu era meio estranha. Que aquela menina tão calada, sempre na selva, quer que ela a engula. Eu caminhava encosta acima por entre as árvores e o pântano, e foi assim que aprendi. Aprendi ouvindo, tocando, aprendi ficando muito tempo em silêncio na selva, até identificar o som de cada animal, o ruído que fazem as plantas quando movem as folhas e até aquele que fazem as árvores e que ninguém ouve, mas que está ali o tempo todo, porque as árvores estão vivas e a respirar. Comi muitas frutas e sementes e arranquei raízes e também as comi, e de tudo entendi um pouco, sempre só, sem dizer uma palavra, mas as palavras apareciam-me no cérebro como se alguém mas soprasse ao ouvido. Assim aprendi o que são os poderes. Um dia na selva, lá na montanha, a cerca de uma hora de caminho do mar, encontrei um formigueiro de saúvas e só me apercebi delas quando já estavam em cima de mim, picando-me as pernas todas. Mas, como elas também têm os poderes, eu falei-lhes e elas deixaram-me em paz. Aprendi a curar com as formigas. Esfreguei as pernas e os pés com o que encontrei na selva, com o que a selva me deu, e as picadas sararam. E aprendi sobre tudo o que havia, porque tudo tem os poderes, e soube mais tarde, vendo a minha mãe na cozinha, que ela também os tivera, mas que o meu pai lhos arrancara à força de pancada. Chorei pela minha mãe, que já não entendia nada, que olhava para mim e também pensava que eu tinha alguma coisa má. Que era estranha. Foi então que morri. Não sei como. Estava ali, ao pé de casa, sentada no caminho, e tudo se apagou. Depois levantei-me e vi o meu corpo deitado na terra e os meus irmãos a sacudir-me para que eu acordasse e a minha mãe a correr à procura do senhor Diego, que era de Antioquia e curava as pessoas por ali, sobretudo das dentadas de jararaca. E pensei que era um fantasma porque estava mas não me via, apesar de ver tudo o resto. Enquanto os meus irmãos me levavam para casa, via as cores dos seus passos na terra e o movimento do sangue nos seus braços e via o vento como se fosse água e o mar como se fosse o céu à noite, cheio de coisas vivas. Estava tudo cheio de coisas vivas, que eu sentia e reconhecia. E entrámos no quarto dos meus irmãos, eu atrás deles sem que me vissem e o meu corpo sobre a enxerga de madeira todo mole, todo morto e eu sem saber o que fazer, *pa* onde me virar. Conseguia ouvir como o cabelo lhes crescia na cabeça e sentia o tremor dos

choros como ondas sobre mim. Vi a minha mãe regressar com o senhor Diego, que tentou tudo o que sabia, tudo o que lhe ocorreu, mas nada me acordou. Nada, porque eu estava morta, a sério e para sempre. Então saí de casa e pus-me a andar entre o casario, para verificar se era verdade que ninguém me conseguia ver. Era tudo tão diferente que cheguei a sentir que os poderes me aqueciam as mãos, que, como já não tinha o meu corpo, podia ser muitas outras coisas e meter-me e sair do que quisesse e ser palmeira ou jacaré ou peixe ou caranguejo ou areia ou lodo ou madeiro que flutua na água ou até água. Podia ser a minha mãe e entrar nela e vê-la por dentro e mexer-lhe nos músculos, nos olhos. Passei nisso umas cinco horas, entendendo tudo, como se a morte me tivesse aberto os olhos para o que há de verdade no mundo, mesmo que não a vejamos por não sermos capazes. Mas mais tarde compreendi que era só uma visita, que afinal de contas não me correspondia morrer, que morri só por algum tempo para aprender umas coisas que me faltavam, mas que teria de viver mais tempo. E voltei para casa, onde já estavam a velar-me e a minha mãe chorava debruçada sobre o meu corpo, a que vestira o melhor vestido, o do seu casamento, que ela guardava numa caixa com naftalina para que a traça e a humidade não o comessem e mesmo assim já tinha uns buraquinhos dos bichos. E vi no vestido o amor da minha mãe pelo meu pai, vi o passado que esteve a repousar durante tantos anos nessa caixa com naftalina, vi o nascimento de todos os meus irmãos como se o tempo fosse um tecido que se desenrolava à minha frente. Vi que tudo o que será já foi. E que tudo o que já foi está sempre a ser. A seguir deitei-me sobre o meu corpo, que sentia duro e gelado, e acomodei-me muito bem, até ficar perfeitamente encaixada dentro de mim mesma, e depois movi-me toda por dentro, o sangue nas veias, as fibras dos músculos, as articulações dos ossos, movi cada órgão dando-lhe uma massagem, movi os meus intestinos e os dedos das mãos e dos pés, e finalmente pude despertar para a vida dos vivos e abrir as pálpebras para que aqueles que me choravam vissem de novo os meus olhos negros e soubessem que já não era preciso chorar nem fazer velório nem comprar um caixão.

Não somos nada, repetiu-lhe Ana Gregoria, as duas sentadas no chão de terra do quintal de casa dela. E Soledad compreendeu finalmente em todo o corpo o peso de cada palavra nessa frase. Compreendeu como se compreende o perigo ou o amor ou a ira. Compreendeu finalmente e cravou as mãos na terra do quintal, ou melhor, as mãos cravaram-se-lhe, e depois os joelhos firmaram-se e ela ficou de quatro, ergueu a cabeça para o céu, para o sol, para a luz, e separou-se do seu corpo, que se agitava como se lutasse enquanto ela olhava para tudo a uns passos, à entrada do quintal, sem corpo, e entendeu essas cinco horas de morte de Ana Gregoria. Mas isto era outra coisa, ela parecia estar a nascer e agitava-se como um cão, como um gato, como uma cobra, como uma menina selvagem recém-nascida, recém-parida, recém-conhecedora daquilo que a rodeava e a compunha. Soledad voltou a agachar-se sobre o seu corpo, que estava junto do corpo da professora, e em volta de

ambas a erva cresceu aceleradamente e cresceram as raízes para o interior da terra. As coisas dançaram e agitaram-se até ser noite.

*

Na casa de banho, Soledad despiu-se e examinou todo o corpo, mas não encontrou nada, estava limpa, como se tivesse acabado de se lavar. O que acontecera na tarde anterior parecia-lhe mais vívido do que esse momento sob a água fria do duche, mais vívido do que o tecido áspero da toalha com que se secava, mais vívido do que o duro chão de ladrilhos que os seus pés descalços percorriam de regresso ao quarto. Esteve horas no quintal de Ana Gregoria, fora do seu corpo, a olhar para si mesma, compreendendo que era ela e, ao mesmo tempo, não era. Que ela era a carne e também os poderes que a trespassavam, que ela podia ser ela e outras coisas também. Durante toda a manhã não disse nada e as irmãs criticaram-na, sobretudo Esperanza, que insistia que ela estava estranha e perguntava que lhe acontecera no dia anterior para que estivesse tanto tempo assim calada. Pareces aparvalhada, disse-lhe. Mas Soledad só conseguiu responder que nada, que sim, que está bem, antes de Esperanza a deixar sozinha na rua e se pôr a andar mais à frente com Afra, a caminho da escola.

Soledad não podia falar porque estava concentrada nas novas formas do seu corpo, que lhe parecia não ter limites, como um líquido transbordado. Deu-se conta de que sabia coisas que no dia anterior não sabia e que via e sentia coisas que no dia anterior não vira nem sentira. As aulas tornaram-se longas e inúteis e a professora estava distante, nem olhava para ela, mas Soledad percebeu que esse distanciamento só tratava de encobrir a nova intimidade que havia entre elas para que ninguém desconfiasse. Soledad tinha onze anos, mas desde o dia anterior que lhe parecia ter amadurecido mais, muito mais. Sentiu-se velha, sentada na cadeira de madeira diante da sua carteira, com o caderno aberto à frente dos olhos, pareceu-lhe que estava rodeada de crianças, que ela era outro ser, como se tivesse descoberto que estava viva há muito mais tempo, embora não se recordasse. À tarde evitou a irmã e dirigiu-se para casa da professora, mas encontrou-a fechada. Espreitando por baixo da porta de madeira, viu a pontinha de um papel dobrado que puxou. Abriu-o e lá dentro estava um recado e um montinho de sementes pequenas e castanhas. Hoje não, menina Sole. Conversamos no domingo. Sábado à noite mastiga bem estas pevides e engole-as com leite. Depois tens de ficar em silêncio. A. G.

5. Em alguns países da América Latina, a Educação Básica oficial compreende um ciclo de ensino básico primário que se estende do primeiro ao quinto ano. (*N. da T.*)

Soledad deixou de ouvir os gritos da mulher quando espreitou para ver o que ela tinha entre as pernas. Como se lhe tivessem posto uns tampões de cera nos ouvidos e o mundo ficasse surdo. Não ela, mas o mundo. A mulher deitada sobre uns lençóis em cima da mesa de madeira da cozinha, com as pernas abertas e os dentes cerrados. Fazia força sem que ninguém lhe dissesse nada, sem que ninguém a ajudasse a contar as respirações. Havia intervalos de silêncio durante os quais a mulher resfolegava e lhe saíam bolhinhas de baba pelos cantos da boca. Nesses momentos, Soledad deixava de se concentrar no que se passava entre as pernas da mulher para ver se tudo continuava bem. Depois a mulher voltava a gritar e esse grito incômodo, que Soledad mal ouvia, era um sinal de que o processo continuava em marcha.

Na cozinha, Soledad estava agarrada à beira da mesa, impossibilitada de produzir qualquer som, não só porque desde o início Ana Gregoria a proibira de falar, mas por não conseguir fazê-lo, compreendendo nas vísceras que esse momento exigia silêncio, que não havia palavras que pudessem entrar naquele aposento. A mulher em cima da mesa, de pernas abertas, também estava agarrada à mesa, como se esta fosse uma jangada a flutuar no meio da cozinha iluminada. Além delas, a única pessoa presente era Ana Gregoria, de costas voltadas, enquanto preparava uma infusão de ervas na bancada da cozinha. Ana Gregoria não precisava de se agarrar a nada porque flutuava na luz da sua própria casa. Nem os gritos nem o silêncio a preocupavam. Preparou a beberagem com a parcimónia de quem estava sozinha e não tinha pressa.

No sábado, quando caiu a noite e Soledad e as irmãs foram dormir, ela esperou que a respiração de ambas se tornasse regular; queria ter a certeza de que nenhuma delas continuava acordada. Afra dormia numa cama estreita perto da parede da janela. Soledad dormia do outro lado do quarto, numa cama um pouco maior que partilhava com Pera. Quando achou prudente,

levantou-se e olhou de perto para cada uma das irmãs. Afra tinha os olhos entreabertos e Esperanza deixava sempre um pé a pender fora da cama. Nessa altura, foi ao bolso da sua saia, que deixara sobre uma cadeira, e tirou o papel enrugado com o bilhete da professora que envolvia as sementes escuras. Saiu do quarto e meteu-as na boca, uma por uma, mastigando-as com cuidado enquanto se dirigia à cozinha. Ali, com uma chávena, tirou um pouco de leite da vasilha metálica e, aos golinhos, engoliu as sementes que já sentia ásperas e incómodas na boca, antes de voltar para a cama. O silêncio não existe, pensou Soledad enquanto ouvia a respiração das irmãs, as cigarras lá fora e, ao longe, a água do riacho. Ana Gregoria dissera-lhe que tinha de ficar em silêncio toda a noite, até ao dia seguinte. Mas Soledad não encontrava o silêncio. Interrogou-se se seria mesmo possível haver silêncio, quando o mundo inteiro se movia e o movimento provocava ruído. Adormeceu tentando imaginar um lugar, um momento de silêncio verdadeiro.

*

De manhã, a família arranjava-se para a missa. Menos Soledad. A mãe encontrou-a a vomitar na casa de banho traseira, deitada no chão frio, pálida e suada. Soledad tentou lembrar-se e deu-se conta de que era a primeira vez que lhe permitiam faltar ao culto. Ficou na cama, simulando o melhor que pôde uma cara de dor. Depois de todos saírem, Soledad limpou-se, tomou duche e pôs um vestido de todos os dias que já lhe ficava pequeno e tinha vários buracos na bainha. Chegou depressa a casa de Ana Gregoria. Com toda a gente amontoada na igreja, a povoação estava vazia, por isso ninguém a viu a correr como uma louca, a correr como os rapazes.

Não sabia para que ia a casa da professora, mas ia com vontade, com os olhos atentos. A porta estava aberta e na pequena salinha da entrada encontrou uma jovem mulher grávida. Ana Gregoria apareceu nesse momento, vinda do corredor, com um copinho de aguardente na mão. Soledad reconheceu o cheiro que tantas vezes sentira na camisa do pai, enquanto a mulher a bebia aos golinhos, olhando para os pés. Ana Gregoria aconselhou-a a beber de uma vez e não aos golinhos, para ver se acalmava os nervos. Tu não vais dizer nada, menina Sole, vais ajudar-me caladinha e não te vais assustar porque não és medrosa, ordenou a professora, voltando à cozinha pelo longo corredor. Soledad seguiu-a. A cozinha estava exceccionalmente limpa, com todos os pratos e tachos guardados nos armários de madeira. Sobre a bancada estava estendido um pano branco e, em cima dele, uma quantidade de plantas que Soledad reconhecia, mas não sabia nomear. No fogão, fervia água numa panela de metal enegrecido e Soledad sentiu um cheiro semelhante a penas de galinha molhadas.

Em silêncio, Soledad seguiu cada uma das instruções da professora: picar cuidadosamente as folhas de cada uma das plantas e deitá-las na panela por uma ordem específica. Mexer doze vezes ao contrário dos ponteiros do relógio com a colher grande de madeira de goiabeira. Deixar ferver três

vezes e depois apagar o lume. Tirar a galinha que cozia lá dentro, abri-la e tirar o ovo que tinha nas entranhas. Enquanto isso, Ana Gregoria estendeu outro lençol sobre a mesa de madeira que estava no meio da cozinha e deitou a mulher, que suava frio e tremia. Ao longe, Soledad ouviu os sinos da igreja, justamente quando as suas mãos esgaravavam a galinha quente para encontrar o ovo. Tudo em silêncio. Nem uma palavra, minha menina. Com uma chávena, Ana Gregoria tirou um pouco do caldo da panela e deu-o à mulher que, passados alguns minutos, começou a gemer e a agarrar-se à barriga.

Ana Gregoria rebentou o ovo que Soledad lhe entregou e dele saiu puro sangue negro. A professora juntou-o à chávena, que tornou a dar à mulher e que esta bebeu com dois goles, embora tivesse de tapar a boca para não vomitar. Ana Gregoria parou diante da mulher, abriu-lhe as pernas sobre a mesa, examinou-a com olhos atentos e disse que dentro de cinco minutos a coisa começa, vai doer-te um bocadinho, mas cuidado para que os gritos não sejam muito fortes. Tu, menina Sole, caladinha. Ana Gregoria tirou de um armário um grande frasco de vidro com tampa metálica e pediu à mulher que cuspsse lá para dentro. Depois pô-lo de lado. Nessa altura, Soledad ouviu o primeiro grito. A mulher agarrou-se à mesa e Ana Gregoria agachou-se, olhando por entre as pernas dela e segurando-lhe nos joelhos com as suas mãos grandes para que estes não se unissem. Soledad também espreitou e viu o que nunca vira antes: entre as pernas da mulher havia pelos e suor e vermelhos profundos, uma coisa como que selvagem e dolorosa, mas parecida com a sua. Tu ficas aqui a ver, menina Sole, e avisas-me quando aparecer alguma coisa.

Como Soledad não podia falar e já não era capaz de ouvir nada, procurou com a mão a saia da professora e puxou-a para chamar por ela. Depois apontou com o dedo para ali, para alguma coisa que abria caminho entre as pernas e o sangue e os pelos. Ana Gregoria afastou-a da mesa, pôs-se a trabalhar e a infusão ficou servida na bancada. Não demorou mais de dez minutos até sair um bebé, escuro, pequeno, morto. Ana Gregoria entregou-o a Soledad, que tinha nas mãos um trapo branco, ela recebeu-o e não soube o que sentir, porque era um bebé mas não era, porque estava morto e não se movia nem chorava nem sorvia. Soledad já não se sentia velha, como antes, na escola. Voltou a sentir-se criança, pequena, e os seus fracos braços não eram suficientes para segurar no menino morto que se espalhava por toda a parte. Cobriu-o como pôde e saiu da cozinha, porque a mulher dizia que o levassem dali, que não queria vê-lo. Soledad não sabia se devia tapar-lhe ou não a carinha, parecia adormecido, parecia um boneco. Sentou-se com ele na cadeira de baloiço do corredor e limpou-lhe a cara com o trapo. Imaginou-se um dia já grande, com um bebé entre os braços. Um bebé vivo, por favor, pediu em silêncio. Não se atreveu a articular uma palavra nem a fazer barulho. O mundo estava imóvel, como que detido à beira de um abismo. Soledad tinha nos braços um bebé sem idade nem tempo nem vida, e os onze anos da

sua existência pesaram-lhe como se fossem emprestados. Compreendeu, sem que ninguém lhe explicasse, o que era a morte, que cara tinha, quanto pesava, o que se sentia ao carregá-la envolta num trapo branco. Compreendeu que aquilo ali, entre os seus braços, era o silêncio.

Voltou a cabeça e viu a mulher na cozinha a beber a infusão, enquanto Ana Gregoria lhe limpava as pernas. Depois a professora tirou do bolso um rolo de notas que parecia um charuto e entregou-o à mulher. Ela bebeu uma segunda aguardente e saiu de casa andando lentamente, mas sem olhar para Soledad nem para a trouxa que esta mantinha ao colo. Ana Gregoria seguiu-a, parando na porta e acompanhando com os olhos a mulher que caminhava rua abaixo. Depois voltou-se para Soledad e tirou-lhe o bebé. Isto não é um menino, disse. As mãos grandes desembrulharam o corpinho escuro e mole e meteram-no no frasco de vidro para onde a mulher tinha cuspidos, depois encheram o frasco com o caldo da panela, que tinha ervas e algumas penas de galinha, até o bebé ficar totalmente coberto. Ana Gregoria tapou o frasco e selou-o com cera quente. Já te podes ir embora, menina Sole.

Só por volta das nove da noite se sente na cidade uma espécie de vento fresco, que agita a roupa e dissipa o ar pegajoso e arenoso do calor do dia. O tipo que conduz o táxi vai a abrir, faz as curvas muito abertas, ziguezagueia, a única coisa que lhe interessa é a destreza exigida para conduzir sem travar numa cidade cheia de obstáculos: outros carros, pessoas que atravessam as ruas, a imprevisibilidade do movimento constante. O taxista também é imprevisível e eu, no banco de trás, sou sacudida de um lado para o outro à mercê das guinadas do carro. E lembro-me de que, quando éramos pequenas, eu e a minha irmã brincávamos à gelatina no banco traseiro do carro. Deixávamo-nos levar pelo movimento da viatura sem opormos resistência e baloiçávamos de um lado para o outro, chocando com as portas, com os bancos dianteiros e uma na outra. Não havia vencedora. O jogo não tinha objetivo. Agora passa-se o mesmo com este taxista, que me sacode pela cidade sem pensar nem na minha morte nem na sua. Pelo menos não fala. Olho pela janela e imagino que chocamos. Faço isto muitas vezes, imaginar que tenho um acidente ou que adoeço. Ou que me atropelam e, no hospital para onde me levam, fazem-me exames e dão-se conta de que tenho um tumor e acabo no meu lugar natural no mundo: uma cama de hospital. Esse é o destino de tudo o que fantasio. A desgraça.

As ruas passam a toda a velocidade e já não sei onde estou, em que parte do percurso. Enjoo como já não enjoava desde miúda e então o meu pai entrava numa estrada de terra com esse mesmo carro em que eu e a minha irmã brincávamos à gelatina. A minha vida sacode-se no banco traseiro do táxi, mas não sou capaz de pedir ao taxista que conduza mais devagar, que respeite a minha vida e a sua. Tenho vergonha de o incomodar, mesmo que me mate. Não interessa. Às vezes a minha vida parece tão prescindível, tão vazia. Penso no som da última bolacha do Natal dentro da caixa metálica que

se agita. É o que sou. Abro a janela para que o vento me refresque a cara e, contra todas as probabilidades, uma mosca grande entra pela janela. Voa em redor da minha cabeça e só me ocorre que esta, como as outras, é um aviso. Não sei onde fui buscar a ideia, mas a insistência das moscas não me parece casual. Só não sei sobre o que querem avisar-me. Na sua presença, no seu voo desesperante, não sei ler o que aí vem.

Esqueço-me de para onde vou até chegar. A portaria de tijoleira e grade de ferros vermelhos. O conjunto residencial onde cresci. Onde digo, sem saber muito bem porquê, que passei toda a minha vida. Como se a minha vida tivesse tido um fim, e isto, este tempo que passa por mim e me move, fosse outra coisa. Há um porteiro novo que não me conhece. Ofendo-me um pouco por ter de esperar que me anunciem pelo intercomunicador. Esta é a minha casa de toda a vida, senhor, eu praticamente nasci aqui, sou do cento e um. A ele não lhe interessa, é novo e as regras são o seu credo. Liga pelo intercomunicador, mas ninguém responde. Não está ninguém, menina, não posso deixá-la entrar. Pego no telemóvel e ligo para a minha mãe. *Mã*, atende o porteiro *pa* que me deixe entrar, digo-lhe, exasperada com esta formalidade que me recorda a minha distância deste lugar, do apartamento dos meus pais que por muito tempo foi a minha casa.

Acontece o que tem de acontecer, o que é inevitável que aconteça porque já está escrito que acontecerá sempre, e o porteiro abre-me a porta, envergonhado, e desculpa-se e olha para a minha cara dissimuladamente e sei que tenta fixá-la para que isto não volte a repetir-se, e eu entro como se fosse a dona, porque esta é a minha casa, a portaria, o jardim arborizado onde aprendi a andar de bicicleta, o estacionamento, os corredores com palmeiras estéreis, mas ao mesmo tempo imagino: e se um carro nesse momento perdesse o controlo e se estampasse contra a portaria e as minhas pernas ficassem presas sob o metal retorcido da grade e o porteiro tentasse libertar-me mas não conseguisse, porque ninguém pode salvar-me da desgraça, nem ele com as suas regras e a necessidade de conservar o seu novo trabalho, e o seu medo diante da minha cara pálida e irreconhecível, tão parecida com as restantes caras que entram e saem deste condomínio. O taxista, o porteiro, todos têm a minha vida entre as suas mãos e eu, eu caminho sem saber muito bem para onde nem porquê. Caminho porque tem de ser, porque me chamam. Porque é a única coisa a fazer, enquanto espero que um carro me atropele.

Embora viva perto, resolvo ficar uns dias a dormir em casa da minha mãe, no apartamento onde cresci, sobretudo para ter mais tempo para a questão da biblioteca, mas também porque a história da minha mãe e das suas saídas de carro me alarmam. Quero dizer-lhe que aquilo das moscas não é uma situação isolada, que no meu apartamento se passam coisas, que algo me segue, para ver se dessa forma deixa de sair por um dia. Mas ainda não me decidi. Também fico para passar mais tempo com ela e com a Estefânia, esperando que se dilua essa sensação de estranheza que às vezes me surpreende quando olho para ela.

Como está muito calor, quase todas as tardes a minha mãe rega as plantas do terraço que contorna o apartamento. Pelo menos para humedecer a terra, que greta poucas horas depois sob este calor insuportável, sem brisa, onde nada se move, porque o vento já não chega ao nosso vale. A penugem e as folhas ficam imóveis, paralisadas, como se sustivessem a respiração, e não se limpa o lixo da rua nem as barbas-de-velho que ainda pendem de alguns eucaliptos sobreviventes do bairro, e não se movem as cortinas nem as gotas de suor nas minhas costas. Só se movem os carros. A minha mãe liga a mangueira e concentra-se em fazer com que a água caia sobre a terra das suas plantas. Tem centenas e rega-as a todas com a mesma atenção. Nada existe, só a água e a terra e ela a suar, quando pode refrescar-se com a água, regando-se a si própria, mas isso não lhe ocorre.

Eu e a minha irmã observamo-la com a mangueira, de longe e em silêncio, porque as plantas sempre foram a sua ocupação, o seu reino. A nossa mãe tem mão verde, isso já sabemos, por isso as plantas neste terraço crescem e multiplicam-se como uma selva, as sementes caem, desesperadas, à procura de mais terra e a mamã apanha-as com carinho, com cuidado, e semeia-as para que germinem. Mas, mesmo que lhe sobrem, ela não oferece plantas. Não sabemos porquê. Ou oferece pouco, só a certas pessoas e só determinadas plantas. Até para isso tem superstições. Essa é outra coisa que sabemos sobre a nossa mãe: tem imensas superstições, crenças, rituais que nunca explica, mas que são inexoráveis. Nunca aceita sal na mão nem deixa tesouras sobre uma cama nem abre um guarda-chuva dentro de casa nem pousa a carteira no chão. Põe sempre moedas nos caixilhos das janelas e mantém uma ferradura em cima da porta de entrada. E guarda na carteira um saquinho de veludo vermelho em que não deixa ninguém tocar e eu morro por saber o que tem lá dentro. A Estefanía vai buscar umas cadeiras de plástico e sentamo-nos à espera de que o sereno nos refresque um pouco, nesta noite tão imóvel. Ela pergunta-me como está a correr com os livros, se vi algum que lhe possa interessar. Sei que é mais pelo desejo de ter livros do pai do que para os ler, porque a sua vida ocupada não lhe permite distrações. Digo-lhe que sim, que separei alguns para ela sobre comportamento animal e outros de história da natureza. A conversa continua assim, lenta, às mijinhas, como diria a nossa mãe. Conta-me que o gavião vai melhorando, que conseguiram que recuperasse o voo e que é possível reintegrá-lo na vida do monte. Observo-a enquanto fala e sinto saudades dela. Este silêncio que nos engasga a ambas desde que o pai morreu surge, doloroso, e faz-me sentir que não estou com ela, mesmo que a tenha ao lado.

A mãe acaba de regar as plantas e senta-se connosco. Então descalço-me, pego na mangueira e molho os pés. Espero que isso diminua o calor. Sobrevoam-nos duas moscas e apercebo-me de que a mãe as observa com atenção, mas não diz nada. Finalmente a noite refresca e essa alteração no ar expulsa o peso e, durante algum tempo, conversamos tranquilamente, como se o pai não tivesse morrido e a sua ausência não se espalhasse sobre a casa,

sobre as suas coisas, sobre nós.

Acho que vou voltar a pôr plantas dentro de casa, diz-nos a mãe de repente. Como o vosso pai não gostava muito de plantas, não mas deixava levar para o interior. Ele dizia que não era bom dormir com plantas em casa e eu fartei-me das discussões. Mas, como já estou só, acho que vou arranjar umas plantas de interior. Pede à Estefanía que quando puder a acompanhe a um horto, para ver se compra algumas bem bonitas. Esse pedido dirigido especificamente à minha irmã recorda-me de que há ali um espaço onde eu não caibo, mas isso não me incomoda; pelo contrário, gosto de as ver assim, como reflexo uma da outra. Sempre que conhecidos ou familiares distantes veem a Estefanía, dizem-lhe que é igual à mãe, és igualzinha à Sole quando era nova, vê-se bem que és filha dela, dizem-lhe, e dizem-lho à minha frente. A mim, no entanto, dizem que me pareço com o nosso pai, embora com menos frequência. E eu não vejo essas semelhanças. Deve ser alguma coisa nos gestos, nos olhos escuros, porque de resto não nos parecemos em nada. Eu tenho o cabelo encaracolado, o nariz nem muito fino, nem muito redondo. Ele, pelo contrário, tinha o cabelo preto e liso, grosso, nunca ficaria calvo, e um nariz grande e aquilino. Então acho que têm de ser os olhos. Qualquer coisa do seu olhar que se reflete no meu e que leva as pessoas a dizerem que nos parecemos. Eu e o meu pai partilhávamos o mesmo que partilham a minha mãe e a Estefanía, essa ligação estranha, mas isso as pessoas não conseguem ver. Nem conseguirão ver, porque ele já cá não está para estabelecerem a comparação. Oiço a mãe e a Estefanía a conversar e sinto falta dessa forma que eu e o pai tínhamos de estar juntos sem dizermos muito, por sermos bastante parecidos, sobretudo no temperamento. Foi por isso, por essa união rara que nos aproximava um pouco mais, que fiquei com ele nessa noite no hospital, depois de os médicos saírem do quarto, deixando-nos só com más notícias que nunca mais se concretizavam. O pai estava a morrer, ou era o que parecia, de um Alzheimer precoce que provocou uma deterioração desenfreada, quase insaciável, num corpo antes atlético. Acho que este silêncio que cobre cada uma de nós nasceu nesses meses em que o vimos transformar-se num saco de ossos, com uns olhos cinzentos cheios de cataratas e a memória ausente. A doença devorou-o rapidamente e o corpo foi-se tornando pequeno e definhado, como se lhe chupasse o tutano. Mas ele não morria, continuava aqui, a aguentar, mal mas estável. Nessa noite, a mãe e a Estefanía ouviram o prognóstico dos médicos e, calculo que cansadas de tanta espera, despediram-se do pai com um boa-noite e desceram até à cafetaria para comer alguma coisa. Despediram-se assim, simplesmente, como se fossem vê-lo no dia seguinte, porque sentíamos que a agonia dele seria eterna. Isso também é possível, mesmo que pareça contraditório: dar por certa a agonia.

O apartamento atrás de nós está vazio e escuro. Essa quietude lembra-me os cortes de energia resultantes das secas nas barragens hidroelétricas, quando se cortava a eletricidade das casas por ordem estatal, desde a tarde até à noite,

e o nosso apartamento mergulhava numa atmosfera misteriosa para mim, que era tão pequena. Os meus pais já tinham uma rotina: assim que cortavam a luz, acendiam umas velas e juntávamo-nos todos na sala, eles os dois, eu e a Estefanía. Gostava de os ouvir conversar, os quatro envolvidos por essa escuridão amena. A minha irmã era muito pequenina e por isso adormecia sempre, mas eu permanecia concentrada, a escutar. Aprendi a ficar em silêncio nessa escuridão programada, a ouvir com atenção, a agarrar nas palavras e a guardá-las para mim, olhando para elas mais tarde como se contemplasse objetos de uma coleção. E, enquanto ouvia, imaginava-me a percorrer o apartamento sem luz, o corredor comprido, o escritório do papá, o quarto que era meu e da Estefanía, a sala da televisão com aquele sofá tão pequeno, onde durante muito tempo insistimos em sentarmo-nos os quatro em simultâneo, o quarto dos nossos pais, que era o meu favorito, porque as duas janelas davam para o terraço e para onde quer que olhássemos havia sempre verde, um quarto metido na selva. Imaginava-me a percorrer sem medo a escuridão até regressar à sala pelo corredor, metendo-me novamente no meu corpo. Mas nunca o fiz. Um medo avassalador impedia-me de andar às escuras pela casa. Mesmo agora, ao ver a minha mãe e a Estefanía a conversarem ao meu lado, não me atrevo a entrar no apartamento sem luz. Há alguma coisa lá dentro à minha espera.

A noite já está fresca, com o chão molhado e a mangueira atirada aos nossos pés como uma serpente morta. Pergunto-me o que pensarão elas da sua despedida do pai, do que não lhes disseram porque não houve tempo. Mas, sobretudo, interrogo-me sobre o que diriam se lhes contasse que depois de saírem o pai voltou a si, com a sua memória intacta como se nunca tivesse tido Alzheimer, o que diriam se lhes contasse do que falei com o pai nessa noite em que ele morreu. Mas sei que não há palavras para dizer isso, que desde esse dia sinto que ficou guardado, escondido dentro do apartamento, numa esquina escura que nenhuma luz alcança.

Tiro da carteira a chave do meu apartamento e tenho a certeza de que alguma coisa se arrasta atrás de mim. Como um animal feito de lama que quer enlear-se nos meus tornozelos. Mal o oiço e cheiro, mas sei que está ali porque o seu rasto me rodeia com cada vez mais descaramento. Meto a chave na ranhura, rodo-a meia-volta para a direita e, de repente, sei quais são as marcas daquele que se arrasta. Uma dessas marcas são as moscas que me perseguem e me encham a casa desde que o meu pai morreu. De tal forma que o cheiro do Raid já não me incomoda. Entro no apartamento e pouso o saco na mesa da sala de jantar, onde não como há muito tempo. Pouso as chaves numa tartaruguinha de madeira ao lado do sal e da pimenta. O saco estava pesado e deixou-me o ombro dorido. Carreguei nele os livros do meu pai que selecionei para mim esta semana. Tenho a certeza de que nunca os lerei, mas tê-los é como um amuleto. Empilho-os em torres baixas no chão do meu escritório e os livros vão construindo uma pequena muralha, que me protege de tudo o que fica de fora.

Embora estes dias continuem muito quentes, reguei todas as minhas plantas há duas noites, pelo que não faz sentido encontrá-las mortas. Voltei ao meu apartamento para ir buscar roupa e outras coisas de que necessito, ou julgo necessitar, mas que na realidade são uma espécie de amuletos inventados, sem os quais me parece que não consigo funcionar: o poncho do meu avô Chepe, a minha caneta de tinta verde e a cafeteira italiana, porque já me fartei de beber aquele café queimado da minha mãe. Mas assim que tiver tudo vou-me embora, para que as três continuemos a tirar as coisas do pai, sempre muito lentamente, sempre sem vontade. Também vinha regar as plantas, no entanto, vejo que não vale a pena.

Não disse nada à minha irmã do que vi no dia em que os meus pulmões quase se encheram de areia, nada sobre uma mulher negra rodeada de moscas.

A mãe também não o mencionou e a coisa ficou por aí, também no silêncio. Sento-me no sofá da sala e olho para as plantas que tenho por toda a parte, na varanda e no interior. Não estão simplesmente moribundas, estão todas mortas e sem possibilidade de salvação. Secas, negras, com as folhas no chão como se tivessem passado semanas sem água, e com a terra gretada, quase cinzenta. As plantas jiboias mortas, a peperomia morta, a calceolária e o peixinho dourado mortos, a espada-de-são-jorge, os orégãos e o alecrim mortos, a dichondra morta, os fetos mortos: a samambaia americana, a avenca, a samambaia canguru, o feto azul – mortos. Não há água que salve esta casa. E esta é outra marca daquele que se arrasta, as plantas mortas. Uma mosca pousa na mesinha redonda de madeira que tenho na sala e eu, com um movimento já adquirido, atiro-lhe um jato de Raid, que mantenho sempre por perto. Morre a meio do voo e cai novamente na mesa. Pego nela com cuidado, para não lhe danificar as asas, e meto-a num frasco de vidro que tenho na cozinha. As moscas já são tantas que não consigo contá-las. Um frasco cheio de mensagens que ainda não sei decifrar. Fico calada e oiço o ruído lento e agudo da lama que se move sempre atrás de mim. Há coisas que sabemos estarem presentes, mesmo que não as vejamos, e outras que vemos, mesmo que saibamos que não estão. Foi o que a minha mãe me disse no dia em que vi Ana Gregoria. Não quis pensar muito nesse dia. Prefiro concentrar-me no regresso da minha irmã e em acabar de tirar as coisas do nosso pai, de modo a que a casa não se transforme num sepulcro para a nossa mãe.

Procuro roupa limpa no roupeiro e meto-a no saco onde trouxe os livros. Na cozinha, encontro um cacho de bananas completamente podres, embora só me tenha ausentado dois dias e estivesse verde quando ali o deixei. É outra marca, penso, e deito-o no caixote do lixo sem contemplações. Já consigo ignorar o cheiro do Raid que cobre todas as coisas, mas sinto um cheiro novo, a terra molhada e lamacenta, que me persegue. O cheiro é ténue, mas, agora que o sinto, mergulho totalmente nele, tentando perceber o que é, o que quer. Fecho os olhos e penso no cheiro das unhas dos pés do meu pai antes de morrer; parecia-se com este da lama. Como se os pés já soubessem para onde iam, com os dedos a tentar deitar raízes de novo na terra, como tudo o que morre. Guardei as dez unhas que cortei ao meu pai na noite em que morreu numa caixinha metálica que antes tinha rebuçados de hortelã. Procuro também essa caixinha no roupeiro. Quase sem ver nada, porque o meu quarto está às escuras e não me apetece abrir as persianas, tateio a gaveta da roupa interior, onde guardo as coisas importantes: o dinheiro, o passaporte, os brincos, as unhas que cortei ao meu pai no dia em que morreu. Tiro a caixa metálica e faço-a soar como um guizo, o ruído é leve.

Três dias antes de eu nascer, a minha mãe caiu na casa de banho do escritório e eu, que ainda estava na barriga de cabeça para cima, dei a volta

bruscamente e fiquei com o cordão umbilical enrolado ao pescoço. Quando nasci, o médico viu-me tão arroxeadada que receou que estivesse morta. Não chorei de imediato. Depois limparam-me a garganta de secreções e de líquidos esverdeados e deram-me umas palmadas até eu gritar. Soube mais algumas coisas em relação a esta história, soube que a minha mãe disse que compraria uma espingarda para matar quem me tocasse e que se recusou a que nos separassem e me pusessem num berço. Que o meu pai quase não dormia com medo de que eu deixasse de respirar. Que nasci às sete da tarde. Que o meu pai não assistiu ao parto, porque era um hospital de freiras. Depois disso nunca me faltou o ar. Desde muito pequena, aprendi a controlar os pulmões nas aulas de natação, até conseguir fazer quase três piscinas sem respirar. Nunca percebi o que era sufocar até ter acontecido aquilo da areia.

Lá fora, na rua, um cão ladra e, enquanto a minha irmã está no duche, interrogo a minha mãe sobre esse dia. Peço-lhe que falemos e que me explique o que quis diz com aquilo de os poderes me terem aberto os olhos. Já são muitas coisas, *mã*, insisto. Enumero-as a todas, mesmo sabendo que não é necessário: a visão da senhora, as moscas, as plantas da minha casa que morreram, essa frase tão estranha sobre os poderes, os passos de animal e aquele cheiro a pântano que me persegue. Eu não sei se tu o sentes, digo-lhe. Acrescento o resto das coisas que calei durante toda a vida: esta medalhinha de prata que me deste quando era pequena e a proibição de falar dela. As coisas que tu sabes que eu às vezes vejo e acerca das quais também não me deixas falar. Eu nunca disse nada, nem à Estefanía, nem ao papá, porque tu me prometeste que um dia me explicarias. As palavras saem-me como um tropel de berlindes ruidosos. Acho que já vão sendo horas de me contares alguma coisa, *mã*, peço-lhe, desesperada. Ela não me diz nada, insiste no silêncio do luto. Levanta-se da mesa e vai buscar a sua agenda telefónica. Na capa lê-se que é de 1985. Guarda ali todos os números de telefone. Gosto daquela agenda, cada número está escrito numa cor diferente, a passagem do tempo também se manifesta pela maneira como anota os seus contactos, às vezes a lápis, às vezes a esferográfica azul, vermelha ou preta. Às vezes a caneta de tinta permanente. Volta à mesa e lê-me uma morada. Anota-a, diz-me. Fica para os lados da tua casa, encontrá-la-ás aí. Parece não querer dizer-me mais nada, mas eu pressiono-a, estou farta de todo este silêncio que envolve as coisas. Vou à cozinha buscar um café e volto a sentar-me com impetuosidade. *Mã*, o que são os poderes? Quem é essa Ana Gregoria? Porque tu pareces saber, mas não me queres dizer nada.

Como a minha irmã toma uns duches muito demorados, a minha mãe aproveita. Diz-me que não me pode explicar nada, mas que confie nela, que a única coisa que posso fazer é procurar Ana Gregoria, porque assim conseguirei solucionar aquilo das moscas e das plantas e das bananas e do cheiro. Afirma que também o sente há dias, mas só quando eu estou e que, depois disso, não para de se recordar do dia em que nasci. Tiraram-te toda arroxeadada, como morta, e deram-te umas palmadas até começares a chorar um

pouco. Depois aspiraram-te a garganta, que estava cheia de secreções, mas eu soube que estava ali outra coisa e insisti com a enfermeira para que visse bem dentro de ti, porque eu ainda te ouvia asfixiada. E ela ouviu-me e encontrou no fundo da tua garganta uma bola de pelos finos e pretos do tamanho de um corozo6. E eu soube que tinha de a guardar. A enfermeira pensou que era uma excentricidade da minha mãe e deu-lha num papel, que ela guardou no punho fechado até ir para o quarto descansar.

A mãe volta a levantar-se da mesa e dirige-se ao seu quarto. Ela também guarda as coisas importantes na gaveta da roupa interior. Oiço-a da mesa e sei o que está a fazer. Tantos anos a viver neste apartamento permite-me reconhecer cada som e vislumbrar o que o produz: a minha mãe a percorrer o seu quarto, a abrir o roupeiro, depois a gaveta, remexendo por entre as cuecas. A mão dela a roçar o tecido. Quando regressa à mesa, traz um cofre forrado a veludo vermelho. O cofre tem fechadura e foi o segredo que mais me manteve acordada nas noites da minha infância. Durante anos, procurei às escondidas entre as coisas da minha mãe a chave que abrisse esse cofre. Ela senta-se ao meu lado e tira-a do seu sutiã, onde está presa com um alfinete de ama no interior da copa esquerda.

A mãe pausa a mão aberta na mesa e eu sinto uma espécie de ventinho que se expande do lugar onde ela toca, como se alguém nos abanicasse um pouco. Fico novamente com a boca seca, como no dia da visão, e então entendo mais outra dessas coisas que me acontecem sem saber porquê. A minha mãe está a chamar o silêncio para que a Estefânia, que saiu do duche, não nos oiça. Não sei como tenho essa certeza, talvez seja em parte por a boca me secar sempre em momentos como este, mas estou certa de que é isso e não me surpreende a minha mãe ter como fazer estas coisas, evitar ser ouvida, passar despercebida, encher de vida as plantas com as suas mãos, saber coisas sem que ninguém lhas conte, como no dia em que roubei esse mesmo cofre vermelho que ela segura agora, na esperança de conseguir forçar a tampa, e ela soube, soube que eu o tinha, soube que estava escondido entre os meus brinquedos, soube que eu queria abri-lo. Nesse dia agarrou-me pelo braço, apertou-mo com força, enterrando nele as unhas, olhou-me nos olhos e disse-me, com uma voz calma que escondia mal esse gume perigoso que ela guarda sempre, que em toda a minha vida nunca mais me passasse pela cabeça pegar nesse cofre. Nunca mais na tua vida, pirralha, percebes? Porque, se voltar a sabê-lo, Lina, deixo-te a cara de lado. Os dedos dela ficaram marcados no meu braço durante muito tempo e, com o susto, eu quase fiz xixi, ali parada, à mercê dos punhais dos seus olhos verdes. A minha mãe, quando quer, corta, e não tem de se esforçar muito.

A chave do cofre é de metal, muito escura, quase preta. Com ela a mãe abre a caixa e começa a tirar vários objetos, que pausa na mesa. Uma pata de galo, um frasquinho com uma bola de pelos negros que flutua num líquido escuro, uma navalha e uma fotografia antiga onde se vê uma jovem mulher, negra e alta, de cabelo muito curto, que olha séria para a objetiva no meio de

uma rua comprida. Creio reconhecer o lugar, é uma rua de Heliconia, a terra da minha mãe. Ana Gregoria era minha professora na escola, diz-me. Há coisas que se explicam facilmente, mas há outras que só podemos aprender às cegas. E, se Ana Gregoria te chamou, é porque tens de ir ter com ela, filha. Porque chegou a tua vez. E se alguma coisa sei é que não sou eu quem pode explicar-te o que quer que seja. Limita-te a confiar em mim. A mãe levanta a mão da mesa e o silêncio que nos cobria dispersa-se. Nessa altura oiço-o de novo, isso que se arrasta sempre atrás de mim, esses passos de animal grande. Isso que cheira a lama de rio.

Nada nas palavras da minha mãe me tranquiliza, mas decido agarrar-me à morada de Ana Gregoria como a um tronco salvador no meio da água. Guardo também na boca o nome da senhora e engulo-o como uma pedrinha. Ana Gregoria. Fico a saber que foi a professora da minha mãe na povoação de onde ela é originária e, pelo pouco que consigo arrancar-lhe, foram mais as coisas que lhe ensinou depois das aulas. Eram amigas, a minha mãe era sua aprendiz ou coisa do género. Não percebo muito bem. A morada que me deu é de um centro de cuidados geriátricos que fica perto do meu apartamento porque, apesar de terem passado tantos anos desde que foi sua aluna, continuaram a ver-se e há muito tempo que a minha mãe paga todos os cuidados de que a sua velha professora necessita. Não fales da Ana Gregoria a ninguém, faz-me esse favor, diz-me, impondo-me mais um segredo, mais uma mordada. Sentada junto dela, apercebo-me de que a minha mãe cala mais coisas do que parece.

6. Também conhecido como marfim-vegetal ou noz de taguá, tem origem no endosperma branco opaco e muito duro das sementes de certas palmeiras nativas da América do Sul. (*N. da T.*)

Ao despedir-se da mulher, Chepe não foi capaz de esconder o sorriso, mas, depois de desligar e de sair da cabina telefónica, estava novamente com a sua cara de pau. A conversa foi curta, porque nessa época não havia muito dinheiro para gastar em chamadas; além disso, Virginia chegava à povoação dentro de dias e nessa altura poderiam conversar com mais calma, sem que as raparigas da central telefónica ouvissem as suas conversas. Lá fora esperavam-no Esperanza e Soledad, sentadas na beira do passeio, a brincar com um bonequinho plástico do Cantinflas. As meninas procuraram na sua cara algum sinal do destino que as esperava, sobretudo Soledad, mas ele tentou manter a seriedade e não lhes disse mais do que um então vamos, já a andar para atravessar a praça sem esperar por elas. Conseguia ouvir atrás de si os seus pequenos passos, a trote, nas sandálias de plástico que lhes tinham comprado como presente de Natal, e o som, como um tilintar quase impercetível por entre o alvoroço da vila, dos cavalos, dos carros e das tabernas cheias de música e de gente, fê-lo sorrir outra vez.

A conversa com Virginia tinha terminado com um aviso: Virginia, se vir esse teu sobrinho, não o mato por respeito à tua mãe, mas encho-o de porrada. O sol caía ardente e intensificava bastante o odor dos excrementos dos cavalos, amarrados no exterior da taberna. Lá dentro, a beber à volta das mesas repletas de garrafas de cerveja vazias, estavam os do costume, mas Chepe só levantou a mão para os cumprimentar e seguiu a direito. Doía-lhe um pouco a cabeça da aguardente da noite anterior e da descompostura de Virginia, que tinha razão. Esperanza e Soledad seguiam atrás, a trote, mas tinham-se acalmado um pouco, percebiam que as coisas não iam piorar e que, quando a mãe regressasse de Medellín, dentro de uns dias, a raiva já lhe teria passado. Mesmo assim, não disseram nada até chegarem a casa. Cada vez que pensava no que Soledad fizera, Chepe voltava a sorrir, como se alguma coisa

lhe esticasse as bochechas sem ele a conseguir controlar, mas tinha de se aguentar para que as filhas não se apercebessem.

Contou a Virginia o que o sobrinho tinha feito com base no que lhe contaram aqueles que o testemunharam e no que Soledad lhe confessou, porque ele estava dentro da taberna a beber uns copinhos de aguardente quando tudo isso aconteceu. Eram apenas dez da noite e, embora Virginia achasse que seria tarde demais para as meninas andarem na rua, na realidade estavam com ele, era fim de semana, ele era o pai e também quem decidia se queria beber uns copinhos antes de ir para casa, não vendo mal nenhum no facto de as filhas esperarem um bocadinho por ele fora da taberna, ele estava de olho nelas e não ia acontecer-lhes nada. Embora esse não fosse o problema. O problema era a besta desse sobrinho de Virginia estar lá, num hospital de Medellín, em risco de perder a vista, porque Soledad lhe enchera os olhos de areia.

Chepe entrou em casa e descalçou as botas com dificuldade. Pendurou o machete atrás da porta do seu quarto e foi buscar uma água de rapadura à cozinha. As meninas, que vinham atrás dele, perguntaram-lhe se podiam ir brincar a casa das primas e ele achou que isso ia trazer problemas, Virginia iria com certeza repreendê-lo por não ser mais severo com Soledad, por a deixar fazer o que lhe apetecia e não a castigar, mas ele era o pai e não ia castigar nenhuma filha sua por ser valente e saber defender-se sozinha, disso ele estava orgulhoso. Pensou no rapaz, lá em Medellín, com os olhos inchados e cheios de areia, e sorriu novamente. A casa estava vazia pela primeira vez em vários meses, a mulher tinha ido visitar a mãe, e as filhas quem sabe por onde andariam, a correr pela povoação. Chepe não se preocupou, sabia que à noite apareceriam para comer. Sentou-se então a ler um romance de *cowboys* e a rir-se de vez em quando.

Soledad sentou-se na beira do passeio, fora da taberna. Ao seu lado, a sua irmã Esperanza brincava com um boneco do Cantinflas. A noite estava fresca e, pela primeira vez em muito tempo, quase não havia mosquitos. Soledad passou as mãos pelas pernas cobertas pelas babas das noites anteriores e sentiu fome. Mas tinham de esperar, o pai estava na taberna com os amigos, só ia beber uns copinhos e depressa sairia para irem os três para casa. Quase não havia vento e Soledad entreteve-se a brincar com um monte de areia que havia na rua. Areia branca e fininha que lhe escorria por entre os dedos. Fez montinhos que depois destruiu com os pés, voltando a construí-los no formato de pirâmides que imitavam a forma das suas mãos convexas. Esqueceu-se de tudo, da fome, do barulho dos homens que gritavam na taberna, do relinchar dos cavalos. Esqueceu-se do pai, já um pouco tocado, com a mão na cintura da rapariga do bilhar. Esqueceu-se da comichão nas pernas. A areia entre os dedos, a areia entre as unhas, ela também se tornou

areia e não havia irmã, nem vila, nem noite, nem sandálias de plástico que já lhe ficavam pequenas e lhe faziam doer os dedos. Só havia areia. Soledad imaginou-se a percorrer um dos desertos que via nas capas dos romances de aventuras que o pai lia, desertos longínquos que ela nunca vira. Havia caminhos de areia, montanhas de areia e ela destruía tudo e voltava a construir. Pensou em Ana Gregoria, naquilo que agora lhe ensinava em segredo depois da escola, e soube que aí, nessa areia, também estavam os poderes, guardados em cada grão. Abriu a mão e passou-a aberta sobre a areia, mas sem lhe tocar. Pensou que a areia era água, que era ar. E a areia moveu-se com o seu pensamento. Soledad sentiu-a na mão, como se tocasse num tecido suave. Sentiu a areia estremecer, tiritar, sentiu a areia responder aos movimentos dos seus dedos como numa coreografia desconhecida. Não confirmou se Esperanza, sentada ao seu lado, se deu conta de que movia a areia da rua sem tocar nela e, embora desconfiasse de que a irmã a olhava de esguelha, ela nunca disse nada e Soledad achou que esse silêncio, esse fingir que não via, era também uma forma de confiança.

Nessa altura ouviu-os. No fim da rua, na esquina mais afastada da praça. Julio Jorge e outros rapazes mais velhos vinham para a taberna, mas já estavam bêbados. Esperanza e Soledad não gostavam nada do primo Julio Jorge, por ser um fanfarrão e um malcriado. Havia nele qualquer coisa, nos restos de saliva presos nos cantos da boca, que funcionava como um aviso. O seu pai dizia-lhes sempre que ao primo lhe tinham faltado umas boas pranchadas de machete quando era pequeno *pa* não andar por aí como um vadio, a fazer sabe-se lá o quê nos arredores da povoação. Soledad procurou Chepe dentro da taberna com os olhos, viu que ele estava a meio de um jogo de bilhar e soube então que a coisa seria mais demorada do que ela e Esperanza julgaram. Mas não estava ninguém em casa que lhes abrisse a porta e ela não queria ir pedir as chaves ao pai porque já sabia a resposta: que ela era ainda muito pequena para ficar sozinha em casa, que esperassem por ele, que não demoraria a dar uma sova aos amigos com quem jogava. Julio Jorge tinha quinze anos, mas aparentava mais porque era alto e corpulento. As pessoas diziam que, com aquele aspeto, era bom para o trabalho no monte, mas que a sua desgraça era gostar tanto da bebida. Ele atravessou a praça com os amigos e pararam todos a conversar mesmo à frente da taberna. Sabia que não tinham dinheiro para mais bebidas por terem gasto o pouco que juntaram numa aguardente barata que a velha María fazia no seu casinhoto do monte. Julio Jorge passeava-se, fanfarrão, tentando chamar a atenção da empregada da taberna, quando viu as primas mais novas, filhas da sua tia Virginia, sentadas na rua como duas vagabundas, de pernas abertas, a brincar com a terra como selvagens, e a bebida fermentada subiu-lhe à cabeça. O pai delas estava ali, a jogar bilhar. Que mais se podia esperar desse senhor e dessas miúdas, que cresceriam certamente para serem umas perdidas, umas desgraçadas? E, claro, como a tia estava em Medellín, Chepe aproveitava para fazer o que lhe apetecia. Mas com ele não, ele ia meter essas fedelhas na

ordem *pa* defender o bom nome da tia. O que é que essas duas julgavam? E Julio Jorge tinha todos esses pensamentos ardentes e gasosos enquanto tirava o cinto das calças, porque era disso que essas miúdas precisavam. De disciplina.

Soledad pressentiu o que as esperava muito antes de Esperanza. Reconheceu aquele som que fazem os cintos dos homens quando eles os tiram das calças para castigar. Reconheceu a sombra do primo que se aproximava. Reconheceu as palavras que se dirigiam a ela e a Esperanza: O que é que estas julgam? Isto são horas? Reconheceu a gritaria dos amigos dele, que também adivinharam o que Julio Jorge ia fazer. Mas Soledad não lhe deu tempo. Com as mãos, agarrou em toda a areia que pôde e, com força, com raiva, atirou-lha à cara, diretamente para aqueles olhos de louco que lhes caíam em cima.

Julio Jorge caiu de joelhos com o cinto morto na mão, a gritar desesperado por causa dos olhos, querendo arrancá-los com as unhas. Tinha toda a cara coberta de areia. Soledad levantou-se de onde estava, aproximou-se dele sem pressa e disse-lhe ao ouvido: a ver se ficas cego, filho da puta. Tu não és meu pai. Então os amigos de Julio Jorge agarram-no para que ele não desse cabo da vista, para que não fosse arranhá-la com os grãos de areia. Soledad limpou as mãos ao vestido, repetindo durante todo esse tempo a ver se ficas cego, filho da puta, a ver se ficas cego, filho da puta, a ver se ficas cego, filho da puta, até sentir a mão grande do pai pousar-lhe no ombro. Chepe pegou nas duas filhas e tomou o caminho de casa sem fazer perguntas. O que quer que tivesse acontecido a Julio Jorge, fora com certeza ele que o provocara.

*

Soledad às vezes tinha certezas que não sabia de onde lhe vinham. Certezas que se lhe instalavam nas vísceras e lhe faziam doer o estômago; de vez em quando, até lhe davam diarreia. Quando estava assim, solta, como dizia a mãe, sabia que era por ter comido uma morcela de arroz que não estava boa ou porque sabia de alguma coisa, quando uma nova certeza a oprimia. Dessa vez era uma certeza que ainda não conseguia visualizar totalmente. Da porta da casa de banho, a mãe perguntou-lhe se estava bem, que avisasse se precisasse de alguma coisa, e foi fazer-lhe uma infusão que lhe prendesse os intestinos. Uma das suas irmãs passou e perguntou em voz alta o que cheirava tão mal, mas Soledad não pôde fazer nada senão ficar ali sentada à espera, à espera de descarregar todas as suas entranhas na retrete, para ver se no fim, já vazia, percebia qual era a certeza.

Depois do que aconteceu com Julio Jorge, esteve toda a noite a conversar baixinho com Esperanza, as duas deitadas na cama que partilhavam, tentando adivinhar o que a mãe faria a Soledad quando voltasse. Mesmo assim, ela pressentia que o pai não ia castigá-la. Havia algum orgulho na maneira como lhe disse que essas coisas não se faziam, quase a rir-se. Soledad não se surpreendeu, isso apenas confirmou a cumplicidade que havia entre ela

e o pai, porque ele gostava de quando ela fazia maldades. Chepe riu-se no dia em que Soledad matou a galinha dos vizinhos com uma pedrada por tentar roubar umas laranjas. Riu-se quando Soledad espancou um colega fora da escola por estar a aborrecer a irmã. Riu-se quando Soledad atacou outro miúdo à pedrada por estar sempre a chateá-las, a ela e a Esperanza, quando iam comprar leite. Só uma vez Soledad o viu furioso com ela. Uma tarde, enquanto o pai cortava uns cachos de bananas de um bananal pequenino que tinha perto das salinas, Soledad inventou um jogo com as irmãs para se distrair, o jogo dos índios. Pô-las em fila, a correr de um lado para o outro da ponte dos índios, uma construção antiga em tijolos de barro. A ponte cruzava um desfiladeiro de grandes pedras a muitos metros de altura e não tinha nenhum muro lateral ou varandim, era só um pavimento estreito, tão estreito como uma tábua qualquer. Para Soledad, a piada era essa, o perigo de cair no vazio. No jogo tinham de correr e de gritar como os índios das histórias de *cowboys* que ouviam no rádio. Nisto Chepe viu todas as suas filhas na beira do abismo e, pela primeira vez na vida, sentiu-se desfalecer. Mas, antes de cair ao chão, agarrou-se ao cabo do machete e encaminhou-se para a ponte sem tirar os olhos daquela sua filha que às vezes parecia uma fera. Do castigo, Soledad recordava mais a cara do pai do que a dor das pranchadas do machete nas coxas. Mais tarde, a mãe pusera-lhe uma pomada para acalmar o ardor da pele. Mas na história com Julio Jorge os papéis inverteram-se. Soledad esperava um castigo da mãe, embora não imaginasse qual poderia ser. No dia da sua chegada, ela foi sozinha com o pai até à praça esperar pelo colorido autocarro interurbano que vinha de Medellín. As suas outras irmãs ficaram em casa das primas. Julio Jorge fora levado para Medellín, para ver se lá os médicos lhe conseguiam limpar bem os olhos e salvar-lhe as córneas. Se tinha ficado cego ou não, Soledad não sabia. Viu a mãe sair do autocarro carregada de sacos, viu-a cumprimentar o pai, mas a ela só lhe dirigiu um olhar. E isso foi tudo. Durante vários dias, Virginia agiu como se Soledad não existisse a não ser para o imprescindível. A verdade é que não sabia que outra coisa fazer. Ela também não gostava do seu sobrinho Julio Jorge e aceitava ainda menos que ele se julgasse com autoridade para bater nas suas filhas. Soledad defendera-se, mas Virginia não queria agir como Chepe, que festejava essas selvajarias, porque sabia que a filha tinha um lado feroz que se escondia e que ela não queria alimentar demasiado.

Quando a raiva da mãe se dissipou e ela começou a tratá-la como às suas outras irmãs, dando-lhe o presente que lhe trouxera de Medellín e que inicialmente disse não ter por ela ser tão mal-educada, quando tudo regressou à calma pacífica dos dias habituais, Soledad sentiu uma certeza que lhe chegou não sabia de onde. Primeiro sentiu a certeza da certeza, a segurança de que, de repente, sabia alguma coisa, alguma coisa que antes não sabia. Depois aparecia o mal-estar no estômago. E, no fim, como se se acendesse a única lâmpada que pendia isolada do teto, surgia o conteúdo da certeza. Um dia soube que teria duas filhas, mas não poderia confirmar essa certeza senão

muitos anos mais tarde. Outro dia teve a certeza de que ia acontecer alguma desgraça a Esperanza. Nessa tarde, enquanto brincava nuns baloiços, a irmã espetou-se num prego enorme, que lhe entrou por baixo do queixo e saiu debaixo da língua, atrás dos dentes. Mas as certezas de Soledad quase nunca eram completas ou pormenorizadas e, por isso, nunca soube muito bem como interpretá-las, como prevenir as que eram más, como aproveitar as boas. Nunca falou a ninguém das suas certezas, nem sequer à irmã, quando lhe dava a mão com força enquanto lhe arrancaram o prego no hospital e lhe cobriram a ferida com desinfetante, que lhe doeu tanto que as lágrimas lhe saíram como jorros. Nunca disse à mãe que as diarreias não eram causadas pelas morcelas que comia às escondidas, mas por ter sabido, assim de repente, que tinha um irmão, um filho do seu pai que nem ela nem as irmãs conheciam e a quem só seriam apresentadas muitos anos depois, para evitar que o rapaz cortejasse alguma delas acidentalmente.

Ninguém, ninguém se dava conta de que Soledad sabia coisas, com certeza, com convicção, sem a sombra das dúvidas que invadiam as outras pessoas. Sabia, por exemplo, que uma das suas irmãs abortaria duas vezes, que a mãe morreria de cancro, que a irmã mais velha comia às escondidas. Sabia que o marido de dona Teresa lhe batia, até ao dia em que ela lhe pôs um ferro quente nas costas. Sabia que o padre da povoação, que se fora embora há dois anos, o fizera porque descobriram que tinha uma mulher e que tempos depois a mataria para que esta não o processasse por não manter os seus três filhos. Sabia que seria feliz quando crescesse, que teria um marido bom e calmo, que não iam passar fome. Mas nesse momento, com essa nova certeza que lhe surgia como uma paulada, também sabia que um dia, num futuro que ela não conseguia ainda imaginar, uma mulher jovem, a sua filha mais velha, estaria parada na beira de um precipício abissal que não deixava ver o fundo. De um vazio como o da ponte dos índios. E era sobretudo essa certeza que mais a angustiava e que menos conseguia compreender. Adormeceu muitas noites pensando nesse conhecimento férreo de que não duvidava, mas que também não sabia interpretar, e sentia uma segura insuportável, de areia, na boca. Soledad tinha onze anos, custava-lhe imaginar que essa mulher branca e descalça fosse sua filha, alguém que saíria das suas entranhas, alguém que ia amar, amamentar e ver crescer até se transformar um dia nessa imagem conhecida da mulher perante o abismo, essa imagem que Soledad carregaria durante toda a vida.

Em nome de Deus todo-poderoso, quem vive? Soledad paralisou e olhou para a porta fechada; Ana Gregoria, pelo contrário, continuou o que estava a fazer, sem medo. A voz insistia, era de homem, tremia um pouco e aproximava-se cada vez mais da casa, até Soledad conseguir ver o seu dono através de uma janela. Um senhor de meia-idade, com uma lanterna na mão. Olhou diretamente para Soledad através do vidro, mas não a viu. Na verdade, ela e a professora estavam invisíveis. Soledad acreditou nisso desde o princípio, quando Ana Gregoria fez o trabalho sobre elas; senão não se teria metido na casa desses senhores. Mas senti-lo, ver-se e não ser vista, era outra coisa. Gostou da sensação e ali, de pé diante da janela, pensou em todas as vantagens de ser invisível. Nessa altura a professora chamou-a com um grito seco e, como se lhe lesse a mente, avisou-a de que não serem vistas não era assim tão simples, de que mais tarde ela, Ana Gregoria, teria de dormir vários dias seguidos para recuperar as forças que o poder lhe tirara para as tornar invisíveis a ambas. O senhor que estava lá fora era, com certeza, o caseiro da quinta, que se assustara com o barulho que Soledad provocou pouco antes, ao embater contra uma cadeira que segurava uma porta para a manter aberta. Sentia que era difícil ver sendo invisível, como se estivesse atordoada ou com os olhos muito cansados. Por isso não viu a cadeira e chocou com ela, fazendo-a cair e levando a porta a fechar-se bruscamente. E é por isso que, nesse momento, o senhor chamava da escuridão, com a lanterna prateada na mão. Mas continuava lá fora. Nessa noite não se atrevia a aproximar-se muito de uma casa onde normalmente entrava quase todos os dias, a casa dos seus patrões, de que tinha de cuidar enquanto os donos estavam em Medellín.

Desde que Ana Gregoria lhe mostrou os poderes, nessa vez em que ela os sentiu na terra e se apercebeu deles nas mãos, Soledad passava quase todas as tardes enfiada em casa da professora. Foi durante essas sessões depois da escola que se deu conta de que Ana Gregoria não se limitava a lecionar, mas também fazia outras coisas. Duas ou três vezes por semana, mais ou menos, alguém chegava lá a casa sem avisar. Quase sempre alguém doente ou com um problema. Soledad aprendeu a identificar os sinais, sobretudo pelas moscas pretas que precediam os visitantes com o seu voo insistente. As moscas anunciam coisas, disse-lhe Ana Gregoria uma tarde, acompanham a doença, acompanham a morte ou a desgraça porque são sábias; o problema é das pessoas, que não sabem compreendê-las. Mas como Ana Gregoria era negra, a negra Ana Gregoria era o que lhe chamavam muitos na vila, mesmo as pessoas que precisavam desesperadamente dela hesitavam na altura de irem bater-lhe à porta. Soledad e a professora já conheciam a rotina. As moscas anunciavam a visita e mais tarde, na rua, ouviam-se os passos, impercetíveis para os outros, mas claros e fortes para elas, que os escutavam com os ouvidos dos poderes. Os passos inseguros, que avançavam e retrocediam. Depois, o silêncio da pessoa que não se atrevia a bater, do outro lado da porta. E, por fim, a pancada tímida na madeira com os nós dos dedos. Então Ana Gregoria dizia baixinho, só para elas, o consultório vai abrir, e deixava entrar a pessoa, que se desculpava por aparecer sem avisar, que dizia não saber muito bem porque estava ali, que chorava, que aceitava da professora a infusão que esta já tinha preparada de antemão, e que depois conseguia sossegar devido ao efeito calmante das ervas para, finalmente, abrir a boca. Para Soledad, essa era a parte melhor, quando as pessoas contavam as suas coisas, as suas maleitas, os seus medos, os seus desejos.

As pessoas procuravam Ana Gregoria porque estavam doentes e os médicos não conseguiam ajudá-las ou porque receavam aqueles doutores da cidade. Outras apareciam porque tinham um problema sem solução aparente, às vezes uma gravidez não desejada, às vezes o contrário: pessoas que queriam um filho e não conseguiam. Outras pessoas levavam-lhe crianças um pouco estúpidas ou descontroladas, porque diziam que estavam possuídas pelo diabo, para que Ana Gregoria o exorcizasse. Mas Ana Gregoria não acreditava muito nisso dos diabos. O diabo é o inimigo de Deus, e, como Deus não existe, o diabo também não, disse-lhe uma tarde, depois de atender um rapaz da mesma idade de Soledad que não deixavam sair de casa por dizerem que estava possuído. Era a primeira vez que Soledad ouvia um adulto dizer que não acreditava em Deus e alegrou-se por não ser a única a quem pareciam inventadas as histórias que o padre debitava nas missas, histórias que chegavam a adormecer a sua mãe. Nessa tarde, quando estavam as duas sozinhas em casa da professora, Soledad aprendeu uma coisa que nunca mais esqueceria. Os poderes do mundo não são nada e são tudo, não são bons nem maus, são as duas coisas misturadas, porque um não é possível sem o outro, explicou-lhe Ana Gregoria. Como tu, menina Sole, que és boa, mas tens um

gume por dentro, uma coisa feroz que corta, que pode ser má. Olha o que fizeste ao teu primo. Os olhos da professora observaram-na, meteram-se-lhe no corpo e Soledad sentiu que a viam inteira, que descobriam nela esse gume terrível que se escondia no seu íntimo e que cada vez lhe era mais difícil dissimular.

É que há algumas semanas se atrevera a contar a Ana Gregoria o que tinha feito a Julio Jorge, aquilo da areia que moveu com o pensamento, mas surpreendeu-se quando a professora, ao contrário dos seus pais, a repreendeu severamente. Menina Sole, as palavras são os poderes, disse-lhe com voz áspera. Tu não podes andar por aí a desejar o mal, porque com essa mão que tens tão arisca esse rapaz pode ficar realmente cego. Os poderes não se usam sem mais nem menos para desforras pessoais. Nessa tarde, a professora expulsou-a de casa e só voltou a convidá-la passadas semanas. Vais carregar contigo um peso se o teu primo voltar cego de Medellín, menina. Na escola, a professora tratava-a como se nada se passasse, nem muito amável nem muito distante, e isso magoava ainda mais Soledad, que se sentia perdida, como se lhe tivessem fechado na cara a porta de um lugar enorme, cheio de recantos que ela queria explorar.

Em Medellín, limparam toda a areia da vista de Julio Jorge, apesar do dano irreparável num dos olhos, declararam os médicos, admitindo que não percebiam muito bem por que razão o rapaz perdera a vista do olho direito. Era como se o olho tivesse morrido, ficando branco, leitoso e imprestável. Quando Soledad o viu no adro da igreja, poucos dias depois do seu regresso, o primo devolveu-lhe um olhar cheio de terror com o seu olho esquerdo e ela percebeu que ele sabia. Ele sabia que o seu olho branco se devia a ela e Soledad apreciou esse temor que Julio Jorge manifestava ao vê-la. O primo benzeu-se e entrou na igreja quase a correr, enquanto Soledad ficava a saborear essa nova sensação, esse poder de provocar medo aos outros. Nunca o diria a ninguém, porque já tinha aprendido que essas coisas eram consideradas más pela maior parte das pessoas. Mas ela propôs-se usar esse poder com moderação, só com quem realmente o merecesse.

O que existe, isso sim, são as almas, esclareceu-a Ana Gregoria nessa tarde, depois de atender o rapaz possuído. Isto é importante, menina. Chamam-lhes almas do purgatório ou do limbo. Mas são apenas espíritos de pessoas que morreram e que não conseguiram dirigir-se para nenhum outro lado. Ficaram presos como ecos, como repetições num lugar ou numa rotina, fantasmas do que foram em vida. Ana Gregoria procurou as melhores palavras para que a menina compreendesse. Palavras que uma voz no monte lhe dissera há muitos anos, para lhe acalmar os seus próprios medos. Enquanto ouvia as lições da professora e as sentia entrar-lhe no corpo, Soledad observava atentamente uma gravura numa das paredes da sala, presa por um preguinho. Era a imagem de uma mulher vestida de branco e rodeada de fogo, que erguia os braços acorrentados como se pedisse ajuda. Conhecia aquela imagem. Era a *Anima sola*. Sempre que a via ficava triste, como se o abandono da mulher

também fosse seu, e só diante dessa imagem lhe ocorria que o seu próprio nome carregava um peso terrível que ainda não conseguia compreender totalmente. Mesmo assim, gostava daquela mulher, sentia que também tinha poderes e pensava nela quando o seu pai, antes de beber um copo, deixava cair um pouco do líquido no chão e dizia: para as alminhas. A mãe também as invocava quando ia ao cemitério e batia três vezes nas campas dos seus antepassados, como quem bate a uma porta, dizendo: Almas do purgatório, quem as pudesse aliviar. Ao que ela e as suas irmãs deviam responder: Que Deus as livre das penas e as deixe descansar.

– Nesse caso, elas existem, as almas.

– Sim, elas sim, menina Sole – respondeu-lhe Ana Gregoria. – Por isso as pessoas lhes rezam, cuidam delas, alimentam-nas e lhes pedem favores. Por isso eu as chamo e as honro.

Imagens de várias pessoas caíram de repente sobre Soledad como um balde de água fria, imagens de pessoas que ela via por ali, na rua, na escola, mesmo em sua casa algumas vezes, sobretudo da parte de trás, no quintal traseiro, imagens de pessoas que a incomodavam porque ela sabia sem saber, com essas suas certezas que lhe secavam a boca e lhe faziam doer o estômago, que essas pessoas na realidade não tinham corpo.

– Isso que vejo são as almas – disse então Soledad a Ana Gregoria, impelida por esse novo conhecimento que lhe era entregue.

– Exato. E não tenhas medo, porque vais aprender a ouvi-las, a chamá-las e a honrá-las.

– E se quiserem fazer-me alguma coisa?

– Se tens medo, menina Sole, eu ensino-te umas palavras que te protegem e assim poderás chamar as almas e caminhar com elas, acompanhada.

Ana Gregoria agarrou-lhe nas mãos e sentaram-se as duas no chão da casa. A professora repetiu as palavras a Soledad e ela pegou nelas como se fossem insetos delicados e foi-as metendo na boca, engolindo o segredo, o chamamento das almas. Quando as palavras passaram a ser também suas, ela disse-as baixinho e sentiu que essas almas sem corpo apareciam como sombras à sua volta.

– As pessoas rezam-lhes e pedem-lhes favores – explicou-lhe Ana Gregoria, levantando-se do chão enquanto as sombras se deslocavam pela casa, expectantes –, mas isto que te ensinei é outra coisa, menina Sole. Se tu lhes deres uma ordem, elas irão perceber-te e obedecer-te.

Para que isso funcionasse, aprendeu Soledad, era necessário honrá-las sempre. Então Ana Gregoria ensinou-a a fazer uma oferenda, um feitiço, que depois meteram juntas num saquinho de veludo vermelho que a professora tirou de uma gaveta da sua mesa de cabeceira.

– Vais andar sempre com isto e vais renová-lo todos os anos, tal como te ensinei.

Essas foram as ordens de Ana Gregoria que Soledad iria seguir à letra

pelo resto dos seus dias. Durante várias tardes aprendeu a acompanhar-se das almas como se estas fossem o seu exército, aprendeu a caminhar sem luz porque lhes seguia os passos, aprendeu a condoer-se delas, a deixar-lhes água e rum à noite, e nunca mais lhe passou pela cabeça sentir medo, porque elas eram só formas fantasmagóricas das vidas que foram, lembranças que teimavam em não desaparecer. Nessa altura, enquanto ia para casa jantar, percorrendo a rua escura, Soledad não imaginou que muitos anos mais tarde estaria a ensinar as mesmas palavras a essa sua filha que lhe aparecia às vezes numa visão, parada diante do abismo.

*

Nessas tardes de lições com a professora, Soledad também percebeu que o que movia as pessoas mais do que qualquer outra coisa, até mais do que o dinheiro, era muitas delas procurarem Ana Gregoria por problemas de amor. Mas nisso dependiam da opinião da professora, que determinava em que situações se envolvia ou não. Por exemplo, não ajudava pessoas que queriam separar casais. Preferia trabalhar com os que não tinham coragem para a conquista. Enquanto isso, Soledad ouvia e aprendia e, às vezes, chegava mesmo a ajudar. É que tu tens boa mão, menina Sole, e Soledad olhava para elas, contente, orgulhosa das suas palmas abertas. Os visitantes conheciam-na, sabiam que era a Chepita, a filha de Chepe e Virginia, mas não se atreviam a contar-lhes, essa era uma regra das visitas a Ana Gregoria: não dizer nada do que se passava dentro da sua casa. Só às vezes, na rua, quando Soledad se cruzava com alguns dos que consultaram a professora, é que sentia os seus olhares a julgarem-na, olhares que diziam: aí vai essa rapariguinha que passa a vida metida na casa da negra. Esperanza também andava entre arisca e curiosa, queria que a irmã a levasse com ela, até se cansar de insistir e se resignar a dar alfinetadas mal-intencionadas sobre a professora para tentar provocar Soledad. Não faças caso, menina Sole, repetia-lhe Ana Gregoria quando Soledad chegava a casa da professora a queixar-se dos comentários. Temos coisas mais importantes para fazer do que dar ouvidos ao que as pessoas da vila dizem de mim. De ti hão de dizer o mesmo, embora não sejas negra. Vão dizer que és bruxa. Ambas se riam e Soledad gostava desse segredo.

Por isso, quando um dia depois das aulas a professora lhe pegou no braço à saída da sala e lhe disse tu vens diretamente para a minha casa, por instantes Soledad sentiu o peito apertado de tanta emoção. Foi a correr para casa da professora, mas esta chegou primeiro e Soledad percorreu mentalmente todos os caminhos que partiam da escola e não encontrou nenhum mais curto do que aquele que fizera, ficando sem perceber como Ana Gregoria conseguira antecipar-se. Não perguntes, menina, que esse saber ainda não é para ti. Dentro de casa estava uma senhora que Soledad não conhecia, vestida de preto e com muitas joias de ouro. Uma senhora rica, de Medellín. Estava pálida, com olheiras e despenteada, por isso passava o tempo

a tentar arranjar o cabelo com as mãos magras e cheias de anéis. Como fazia com todos, Ana Gregoria deu-lhe a beber a sua infusão calmante e a mulher sentou-se em silêncio numa cadeira de madeira na salinha da professora, como se esperasse que lhe dessem autorização para falar. Vamos lá ver, senhora, fale-me do assunto à vontade, que daqui não sai.

Soledad sentou-se no chão, ao pé da cadeira de baloiço onde estava Ana Gregoria, e ouviu atentamente o que a senhora lhes dizia. As suas palavras eram magras e pequenas, como ela, como os seus movimentos, mas havia qualquer coisa incomodativa, dissonante. Soledad aprendera que, em geral, as pessoas expressavam as suas intenções ou sentimentos como se fossem odores, ou como fumos ténues que lhes saíam do corpo. Os desta senhora quase não se viam, era uma mulher assustada, uma alma acagaçada, como diria a sua mãe, embora a envolvesse um ligeiro fedor a fumo, a coisa putrefacta que deixou Soledad desconfiada. A história da mulher saiu-lhe entrecortada, mas Ana Gregoria depressa percebeu do que se tratava, a mulher fedia a um trabalho mal-intencionado. O cabelo caía-lhe às mãos cheias, já não conseguia dormir sem ter pesadelos nos quais lhe saíam vermes pelos olhos e tinha a certeza de que as coisas à sua volta se moviam um pouco sempre que lhes virava as costas. As cadeiras, as jarras, as portas, as cortinas das janelas, as imagens dos santos, as molduras com as fotografias dos filhos. Foi sobretudo este pormenor que deixou a senhora quase a tremer quando o contou. De manhã, encontrava as molduras com as fotografias dos filhos viradas para baixo em cima das mesas. Só as que tinham fotografias dos filhos. A mulher fartou-se de dizer ao marido que alguma coisa se passava, de lhe mostrar as molduras assim que se levantavam para ele não pensar que eram ardis, mas acabou por se aperceber de que ele também andava estranho. Está mais distante, disse a Ana Gregoria. Quase não olha para mim, eu sinto que não é capaz, como se o ferisse ver a minha cara. Inspirou, abrindo a boca só um pouco, e afirmou que a coisa se tornava muito pior quando ficavam na fazenda nos arredores da povoação do que quando estavam em Medellín. Com a mão direita, a mulher agarrou no indicador esquerdo e não o largou durante o tempo que durou a sua história. Soledad gostava de observar esse tipo de pormenores nas pessoas e também de os guardar. Como nas palavras, nesses gestos havia um poder.

– O que acontece, minha senhora, é que querem enlouquecê-la – disse-lhe Ana Gregoria, depois de pensar um pouco. – Vejamos como posso explicar-lhe. Alguém lhe quer fazer muito mal, mas esse trabalho que lhe fazem é mau, está desordenado. Isso pode-se combater. O que acontece é que essas coisas custam o seu dinheiro.

A mulher tirou todas as joias de ouro que trazia e pousou-as na mesa de centro da sala de Ana Gregoria, olhando-a na cara.

– Deixo-te isto para já, mais tarde trago-te o dinheiro que me pedires, mas peço-te uma coisa, negra.

– Diga-me, senhora.

– Descubre quem está a fazer-me isto.

O caseiro continuava a rondar e Soledad já começava a ficar com receio, porque sabia que estavam em casa alheia, mas Ana Gregoria percebeu as suas dúvidas e respondeu a elas sem deixar de procurar. Quando entrámos eu pus uns amuletos, menina Sole, com isso ninguém se mete cá em casa com facilidade. Enquanto os amuletos estiverem aqui, têm medo de entrar. Mas, de qualquer forma, é melhor não se fazer o barulho que fizeste agora. Ela procurava alguma coisa debaixo das camas, atrás dos armários, por baixo das mesas, das cadeiras e dos sofás. Procurava às cegas, sem vela, sem luz, farejando o ar como um cão. Na escuridão, os olhos de Ana Gregoria pareciam brancos e provocavam algum medo a Soledad, como se esse olhar fosse diferente. A professora parecia mais distante. Mais tarde, compreenderia que Ana Gregoria tinha a vista coberta; com os olhos dos poderes postos sobre os dela, conseguia ver para além das evidências. Por isso não precisava de vela. A tarefa de Soledad era estar atenta a qualquer um que se aproximasse e, enquanto isso, esgaravatar a terra dos vasos da casa para ver se encontrava alguma coisa. Tinha as unhas negras e a terra estava mais fria do que o habitual, quase congelada. Ou era ela que estava mais fria. Soledad nunca conseguiu perceber muito bem. O homem lá fora tinha deixado de chamar, mas continuava a rondar a casa, apontando a lanterna para cada uma das janelas. É corajoso esse senhor, disse Ana Gregoria. É melhor apressarmo-nos.

A professora meteu-se num dos quartos para continuar a procurar. Explicara a Soledad que este tipo de trabalhos costumava fazer-se com um ou mais feitiços, que se deixavam no lugar onde vivia a pessoa a quem esse trabalho se destinava. E, como esta senhora vive mais na fazenda do que em Medellín, com certeza que o atado está nesta casa, que fede a morto, disse Ana Gregoria. Soledad estava perto da porta da entrada, numa sala grande decorada com móveis de couro. Viam-se também muitos vasos de barro com plantas de folhas largas, sobretudo costelas-de-adão, e, numa esquina, uma lareira de tijolos vermelhos. Com os olhos fechados, Soledad abriu as mãos no ar e imaginou, como aprendera com Ana Gregoria, que das suas mãos se estendia um manto que cobria tudo, que tocava em tudo. Bloqueou o senhor que estava lá fora a percorrer o jardim, bloqueou os ruídos que a professora fazia ao revistar as gavetas do quarto, bloqueou tudo o que não fosse ela com as mãos estendidas, tentando cheirar as intenções ocultas, ver com os olhos dos poderes. Foi então que o sentiu, como se conseguisse tocá-lo com as mãos, o atadinho que estava escondido em cima, no interior da lareira, preso ao tijolo com um prego de ferro. Quando abriu os olhos o quarto parecia iluminado pela luz do meio-dia, todo amarelo e tão brilhante que feria a vista. Eram os olhos dos poderes que viam através dos olhos dela. Dirigiu-se à

lareira e enfiou a mão, tentando chegar ao saquinho, mas o braço não o alcançava, de modo que foi buscar Ana Gregoria ao quarto.

– Encontrei-o, professora – disse-lhe num sussurro, mesmo sabendo que não era necessário. Ana Gregoria espantou-se. Não esperava que a menina dispusesse deste tipo de poder tão rapidamente. E soube que fizera bem em trazê-la, mesmo que fosse perigoso, porque, por mais cuidados que tivessem, elas também deixavam um rasto na casa que a pessoa que fizera os trabalhos conseguiria seguir, e não queria envolver Sole nestes assuntos tão obscuros. Mas tinha feito bem, repetiu para consigo. A menina aguenta mais do que parece. Foi quando voltou à sala que se deu conta de que Soledad também trazia nos olhos os outros olhos, e as duas entreolharam-se pela primeira vez dessa maneira através da qual muito poucas pessoas podem olhar-se. Viram, uma na outra, o sangue a correr pelas veias, o ar a encher os pulmões, o cabelo a crescer sem descanso, as unhas como garras, viram-se palpitando, existindo nos poderes. Soledad assustou-se ao ver tantas coisas na sua professora, ao ver tanta luz e tanto movimento em seu redor, mas foi capaz de se controlar e indicou a Ana Gregoria o lugar aonde não chegava. A professora meteu o seu braço comprido, encontrou facilmente o saquinho pregado ao interior da lareira e tirou-o com prego e tudo. O prego faz parte do trabalho, disse a Soledad, mostrando-lhe o que tinham descoberto. As plantas da sala moviam-se todas como se o vento soprasse dentro de casa, via-se o pó a flutuar no ar e ouvia-se a voz do senhor lá fora, que continuava a chamar, como se saísse de um sino, aguda, expandida. Soledad não soube muito bem como o fez, mas, assim como tinha postos os outros olhos, com um pestanejar voltou a ver tudo como antes, só com os seus olhos limitados. A professora, pelo contrário, continuava com esse olhar sobreposto, agora fixo num vaso grande que estava junto do corredor, e pediu a Soledad que escavasse aí. Nesse antúrio vermelho está outro feitiço, menina Sole. Tira-o. Soledad não demorou a encontrar com os seus dedos frios a outra trouxinha. Meteu a mão na terra e tirou um saquinho que parecia ser de fibra vegetal, amarrado com um cordão preto. Ana Gregoria pegou nele, guardou-o no bolso do vestido e deu-lhe duas palmadinhas. Fazia sempre isso com as coisas que metia nos bolsos. Soledad, já sem esses outros olhos sobre os seus, sentia-se um pouco órfã, e cada vez a angustiava mais o senhor lá fora e a luz que ele dirigia para as janelas, mesmo que não a visse. Já começava a tremer um pouco quando Ana Gregoria lhe tocou no ombro, tranquilizando-a. Terminámos, já podemos ir, disse-lhe. Só temos de fazer com que esse senhor vá primeiro. Soledad ficou a olhar pela janela, à espera de que a professora fizesse alguma coisa. Mas não aconteceu nada. Segundos depois, ouviu quase num murmúrio a voz dela que dizia: Esta é a tua vez, menina. Expulsa-o tu.

Soledad deu alguns passos e chegou à porta principal da casa. Com a mão esquerda suja de terra, agarrou com força na fechadura e pensou nas palavras que o poder lhe transmitia. Dizia-as enquanto pensava nelas, embora até esse momento não as conhecesse. Pensar e perguntar acabavam por ser o

mesmo. E as palavras sentiam-se próprias da sua cabeça. Depois transferiu-as para a boca, ligeiramente aberta, e disse-as com os dentes apertados, lentamente, sem ruído, soltando o ar. Teve de as dizer mais três vezes. O problema não era tanto pedir as palavras aos poderes, ouvi-las no seu íntimo, o problema era dizê-las de modo a surtirem efeito. Para isso necessitava de prática, de tempo e de força. Soledad agarrou na fechadura da porta com mais violência, sentiu a terra mole na palma da mão, esmagada contra o metal. Disse as palavras uma quinta vez e então o senhor que estava lá fora deixou o andar apressado e o seu olhar perdeu-se na distância, à procura da montanha. Estava com cara de quem ouvira alguma coisa, alguma coisa que lhe meteu medo, mais medo do que entrar em casa, mais medo do que alguma vez sentira. Depois começou a correr. Correu depressa pelo caminho que dava para a estrada que ficava em baixo, correu e a lanterna enlouquecida projetava a sua luz por toda a parte, baloiçando na mão do caseiro, que fugia como uma criança. Soledad só tirou a mão da fechadura da porta quando Ana Gregoria, com os seus dedos grandes, a cobriu, tentando afrouxar os dedos dela, que pareciam soldados ao metal. Saíram da casa em silêncio e regressaram a pé à vila, sem pressas. A professora acompanhou-a a casa e Soledad entrou, abrindo a porta sem dificuldade. Isso já tinha aprendido a fazer, abrir as portas que precisava de abrir, abafar o ruído que precisasse de abafar. Assim que se despediu de Ana Gregoria e fechou a porta, sentiu que já não era invisível. Adormeceu na sua cama como uma pedra. Sonhou que nadava em charcos de lama, que sentia uma quantidade de corpos em seu redor que não conseguia ver. No dia seguinte levantou-se, receando que a sua ausência pudesse ter sido notada, mas não. Ninguém se apercebera; nem as irmãs, com quem partilhava o quarto.

O local está repleto de almas. Na falta de outra palavra, essa, almas, é aquela a que Ana Gregoria recorre sempre. É normal, velhos e velhas morreram ali durante mais de trinta anos. Desde que a vê, parada à porta do seu quarto, Ana Gregoria sabe que ela também pode vê-las. Lina é muito branca, como a mãe, mas alta, e nela a pele tem um tom mais pálido, como se estivesse sempre prestes a adoecer. Lembra-se dela pequenina, recém-nascida, quase consegue sentir novamente o peso desse corpo de bebê nas mãos.

Falou várias vezes com Soledad sobre as doenças da filha. Ela queria saber se podiam fazer alguma coisa, uma reza, uma cura, uma simpatia, mas Ana Gregoria teve de repetir-lhe que não ao longo de muitos anos, cada vez que Soledad lhe falava de um novo mal. A menina nasceu adoentada, era sempre a conclusão de Ana Gregoria, mas não se podia fazer nada até os poderes lhe abrirem os olhos. Nessa altura saberiam se o corpo de Lina aguentaria finalmente o que iria trespassá-la, existir nela. Tens de esperar, menina Sole, até a tua filha saber dos poderes, e então veremos. Ou aprende a usá-los ou eles levam-na. Lina era uma menina consagrada, não tinha por que ter nascido, mas Soledad e Ana Gregoria fizeram um trabalho. Foi duro e longo e, até a análise ser positiva, não souberam se realmente tinham tido êxito. O que sabiam com toda a certeza era que dessa gravidez nasceria uma menina. Os poderes não concebiam homens. Sempre mulheres, só mulheres. E sabiam, evidentemente, que essa menina ficaria consagrada. Isso Ana Gregoria explicou a Soledad até à exaustão, antes de começar o trabalho. Essa menina será tua, mas também será dos poderes e eles verão quando ta tiram. Por isso Soledad nunca se surpreendeu por a sua filha mais velha ter nascido doente. Ana Gregoria sabia dos trabalhos e dos ardis que Soledad fazia, de boca calada, para diminuir as maleitas da menina, isso não era um problema, mas a verdade é que não havia maneira de quebrar a promessa. Os poderes

reclamá-la-iam como sua e existiriam nela. Só que Ana Gregoria não esperava que os poderes fossem demorar tanto tempo. A mulher parada diante dela, no umbral da porta, tem trinta e cinco anos. Soledad, no fim de contas, soube fazer bem as coisas.

Lina recorda-se de ter estado ali anteriormente, quando era pequena. Teria uns nove anos e frequentava o terceiro ano. A professora de dança do colégio, uma jovem espanhola, tinha rejeitado toda a aprendizagem anterior de cúmbias, *porros* e *bambucos*, pondo as alunas a dançar flamenco. Parada diante da porta do lar de idosos, Lina espera antes de tocar à campainha: o local parece uma fortaleza. Toda a sua vida lhe chamou a atenção o facto de, do exterior, não ser possível saber-se o que havia lá dentro. O lar ocupa um quarteirão inteiro da Rua Basura, com muros altos de cimento à vista, cobertos por cacos de vidro, e janelas com grades brancas. Olhando bem para cima, pode ver-se que não é um verdadeiro edifício, mas uma muralha que cerca outros edifícios e árvores, cujas copas espreitam, denunciando a existência de um pequeno bosque no meio da cidade.

Diante da porta de metal branca, Lina sente-se como nesse dia em que tinha nove anos e a professora espanhola as levou para apresentarem a sua nova dança flamenca. Todas as do grupo de dança saíram do transporte do colégio. Iam de vestido vermelho com bolas brancas e folhos na saia. O de Lina fora feito pela tia e também tinha folhos nas mangas e uma mantilha branca de renda industrial com franjas nas bainhas. Quase todas usavam peineta, o cabelo preso num carrapito e a boca coberta com um batom vermelho intenso. A algumas, as mãos tinham pintado um sinal negro sobre o lábio. A professora organizou esse espetáculo de dança no lar para alegrar os avós, como ela dizia, e para que o grupo se entusiasmasse por ter público. A ideia não agradava a Lina, que não gostava que olhassem para ela, não gostava dos palcos e não queria ser o centro das atenções. Mas a mãe ainda a obrigava a frequentar as aulas de dança do colégio. Quando saíram do autocarro, Lina achou aquele lugar enorme, como um castelo medieval. As meninas entraram em fila e nessa altura Lina sentiu-o, o peso no peito de uma quantidade de olhos que a observavam. Lá dentro estava uma multidão. Velhos por toda a parte, que faziam ruídos como moscas no ar, com as suas respirações moribundas, afogadas, o cheiro a cobertores com urina, a gordura albergada entre as rugas, a terra, a lodo, a pedra do fundo do rio. Agora, diante da porta, Lina, com trinta e cinco anos, sente de imediato que o mesmo cheiro a envolve. Mas nesse dia distante, vestida de flamenca, Lina não compreendia por que razão mais ninguém se dava conta de toda essa informação. As restantes meninas entraram em silêncio. Ela seguiu-as, mas sempre uns passos atrás. Pesavam-lhe os ombros, como se fosse ela que carregasse essa multidão que mais ninguém parecia ver. Os corredores estavam atestados de gente, que espreitava na direção do jardim central para ver o espetáculo das meninas. Com esforço, quase a focar o olhar, Lina apercebeu-se de que uns velhos eram diferentes de outros, de que a maior parte deles pareciam meio desfocados,

como se estivessem mal sintonizados no ecrã de um televisor. Havia qualquer coisa nos seus corpos que se esfumava, como se estivessem sem estar verdadeiramente. E também havia alguma coisa no olhar deles, mais fixo, obsessivo. Embora estivessem todos juntos, nos corredores, à entrada das portas ou nos jardins, Lina soube que também estavam terrivelmente sós, soube que nenhum deles via os restantes e que só ela era testemunha dessa multidão de velhos. Às vezes acontecia-lhe isso, Lina saber coisas sem perceber como nem porquê e sem saber o que fazer com esse conhecimento. Compreendeu então que esses velhos mal sintonizados não estavam vivos e que mais ninguém conseguia vê-los como ela os via. A morte era um tremor subtil das formas que não estão por completo. O medo paralisou-a e não foi capaz de seguir a fila das meninas. Ficou petrificada a olhar para cima, no meio do jardim de açacus e de palmeiras, para os velhos que lhe devolviam o olhar com olhos pesados. Eram fantasmas, pensou. Mesmo que o pai dissesse que não, eles existiam. E essa prova de estar certa, de ter mais razão do que ele, encheu-a de êxtase e perdeu um pouco do medo. Junto dela apareceu uma senhora. Igualmente mal sintonizada, como quando a mãe dizia que o televisor parecia ter areia. A senhora vestia-se como uma enfermeira, deu-lhe a mão e levou-a até ao salão, onde esperavam por ela para começarem a dançar. A sensação era estranha, como se metesse a mão num balde de água fria, mas Lina não teve medo, dela não. O salão estava cheio de velhos sentados em cadeiras de plástico brancas ou em cadeiras de rodas. E entre eles, de pé, fantasmas.

À noite, depois do espetáculo, Lina contou à mãe o que vira. A mãe não lhe disse que era mentira; em vez disso, acreditou nela. Aconselhou-a a não ter medo, se isso voltasse a acontecer. E ensinou-lhe umas palavras. Nunca poderás repeti-las, disse-lhe, agarrando-a pelos ombros. Nem vais dizer a ninguém que eu tas ensinei. Só as dirás se sentires que um deles te ameaça. Lina olhou para a mãe e viu-se refletida naqueles olhos grandes e verdes. E, enquanto isso, teve tempo de se lamentar por não os ter parecidos com os dela. Lina tinha herdado os olhos escuros do pai. Soledad soltou a filha e sentou-a ao seu lado na cama. As pessoas chamam-lhes fantasmas. São almas, espíritos das pessoas que às vezes ficam presas num lugar ou numa rotina. Como tu quando vais para o colégio todos os dias, essa é uma rotina. Imagina uma menina presa nessas idas e vindas durante todo o tempo. É isso que são. Lina olhava para as mãos e tentava limpar a sujidade das unhas enquanto Soledad procurava as palavras mais adequadas para que a filha compreendesse. Palavras que a sua professora lhe dissera há muitos anos, na povoação, para diminuir os seus medos.

– Mas porque ficam presos, *mãe*? – insistiu Lina, porque a resposta não lhe parecia suficiente.

– Não sei muito bem, filha. Porque sofreram. A dor às vezes prende-nos e não nos deixa escapar, mesmo aos vivos.

Lina ergueu o olhar. Tinha visto algumas vezes um senhor jovem, sem

camisa, no teto do seu quarto, mas não muitas. Chegava a esquecê-lo antes de ele voltar a aparecer.

– Mas alguns movem-se, não ficam sempre no mesmo lugar.

– Sim, alguns. Quase todos estão como que amarrados ao lugar onde morreram, filha, mas sim, alguns conseguem libertar-se e vagueiam por aí.

– Esses metem-me mais medo.

Delicadamente, Soledad pegou na medalhinha de prata que pendia do pescoço da filha e recordou-lhe para que servia. Recordou-lhe de que isso a protegia, de que para isso lhe pusera e de que por isso lhe pedia que nunca a tirasse. Nada nem ninguém te pode tocar se tiveres isso ao pescoço. Lina olhou para a medalha entre os dedos da mãe. Era redonda e tinha em cada um dos lados um alto-relevo de uma mão aberta com um pequeno símbolo na palma. Lina conhecia a história, era o único segredo que ela e a mãe partilhavam sem que a irmã e o pai soubessem. Como Lina tinha nascido muito doente, a mãe mandara fazer-lhe aquela medalhinha. É como uma oração, dissera-lhe. Mas não uma oração a Deus. É uma oração a tudo o que te rodeia, para que te proteja e cuide de ti. As condições eram não revelar o seu significado a ninguém e nunca a tirar, nem nas aulas de natação. Em redor de cada mão havia umas letras que pareciam estar desordenadas. A mãe prometera explicar-lhe o que significavam quando crescesse, mas ela achava que crescer era uma noção distante. Não conseguia imaginar como seria em adulta.

– Para já, aprende as palavras – insistiu a mãe. – Para que te protejam quando tiveres medo.

*

Em frente da porta do lar, já adulta, acha essa infância cada vez mais distante e difusa. Sente saudades dessa menina, como se fosse outra; quer abraçá-la, cuidar dela. Está há mais de dez minutos diante da porta sem tocar à campainha. Com a mão esquerda, agarra na medalhinha. A Rua Basura parece uma avenida, devido à quantidade de carros que descem, velozes, pelas suas três faixas. O ar cheira ao fumo dos veículos, sobretudo quando passam os autocarros que descem do Dorado em direção ao metro. O município de Envigado ainda conserva o ar da vila que um dia foi, mas expande-se de forma desmedida, cobre-se de arranha-céus com apartamentos minúsculos, enche-se de carros, motas, autocarros e gente por toda a parte, de música de discotecas, de letreiros que iluminam o parque central, de lojas e de centros comerciais. No meio de tudo isso, o lar parece um barco encalhado no tempo, idêntico ao que Lina visitou aos nove anos. Não se decide a tocar; está a pensar que se calhar volta outro dia, com mais tempo, quando na porta de metal se abre uma janelinha, usada para ver quem bate.

– Vai entrar? – pergunta-lhe uma mulher de uniforme, uma enfermeira. Lina agarra-se à medalhinha porque sabe que é a mesma que há muitos anos a conduziu pela mão. Continua dessintonizada, já menos presente do que antes,

mas é a mesma.

– Sim.

– Está à procura de alguém ou vem informar-se sobre os nossos serviços?

– Não, venho visitar uma senhora. Chama-se Ana Gregoria.

A cara da mulher estremece por instantes, mas regressa imediatamente ao sorriso serviçal. A porta abre-se e lá dentro Lina não vê ninguém. Quando fecha a porta, que é mais pesada do que parecia, sente que o cheiro e o barulho dos carros se apagam, como o som de um frigorífico quando se fecha, o vazio. O jardim está igual, com as árvores mais crescidas, e o odor que recorda da sua infância entra-lhe de repente pelo nariz, concentrado: uma mistura de cobertores com urina, de gordura albergada entre as rugas, de terra, de lodo, de pedra do fundo do rio.

Depois de encontrar uma enfermeira que não é um fantasma e de se esquivar à pergunta de como entrou, de quem lhe abriu a porta, Lina chega ao quarto de Ana Gregoria. Ela está lá dentro. Imaginava-a maior, mas os anos encolheram-na numa cadeira de rodas. Parece um escaravelho. O espaço é simples. Uma cama de hospital, com uma mesa de cabeceira ao lado. Um sofá junto da janela e uma mesinha de apoio. Na parede, preso com fita-cola, um póster com uma fotografia da Lua. Lina reconhece-a: é a face oposta da Lua, a que não está virada para a Terra, tirada pela Apollo 16. Ela viu a imagem num livro de astronomia do pai, gosta das crateras e tem vontade de tocar nessa textura inatingível.

– Tu também os vês. – Não era uma pergunta. Ana Gregoria observa-a da sua cadeira de rodas, junto à janela, e afirma o que as duas já sabem.

– Sim, a enfermeira abriu-me a porta.

Lina quer perguntar se a mulher não sabe que morreu ou se prefere fingir que não sabe.

– Demoraste muito, menina. Olha que, se viesses mais tarde, não me encontravas.

Ana Gregoria repreende-a, mas o tom de voz é carinhoso e Lina decide entrar no quarto.

*

Com os dias, Lina vai-se habituando ao cheiro que até já lhe parece reconfortante. Consegue uma autorização para visitar Ana Gregoria duas ou três vezes por semana. Sempre à tarde. Bebem uma infusão no quarto e depois Lina leva Ana Gregoria a dar uma volta na cadeira de rodas pelo jardim. Nesses passeios dá-se conta de que a velha inspira uma espécie de respeito entre os vivos e os mortos, ninguém se aproxima demasiado, ou, se o faz, chega anunciando-se, pedindo licença. Mas quase sempre as deixam em paz e quando saem a passear os jardins esvaziam-se, e as árvores, os caminhos de cimento e os canteiros cheios de bromélias, de buganvílias roxas e de costelas-de-adão ficam só para elas. A princípio, as visitas decorrem quase

sempre em silêncio. Lina não sabe o que perguntar ou como fazê-lo. Não faz a mínima ideia porque está ali, a visitar uma senhora que foi professora da sua mãe na primária, há tantos anos. Não encontra uma maneira de lhe falar das moscas ou dessa coisa que se arrasta sempre atrás de si, dos vestígios que anunciam isso que a persegue, das plantas mortas, do silêncio, do medo de caminhar na escuridão. Não sabe como dizer-lhe o que fez ao pai na noite em que ele morreu.

Depois de lhe dar os contactos do lar, a mãe explicou-lhe quem era Ana Gregoria. Havia uma história que a sua tia contava e de que Lina gostava muito. Era sobre um dia em que a mãe ficou a saber que uma colega da sua turma era filha ilegítima de um comerciante da povoação. E, como Soledad a achava antipática, guardou essa informação como um caroço escuro. Mas um dia, na sala de aula, a menina derramou o tinteiro de Soledad. Esta levantou-se da cadeira, dirigiu-se devagar até à carteira da menina, levantou o tinteiro dela e despejou-o, maldosamente, em cima do caderno, enquanto lhe dizia que era uma bastarda. Bastarda, dizia a tia ao contar a história a Lina, como se saboreasse a palavra. Foi o que a tua mãe disse a essa pobre menina: tu és uma bastarda. Lina sabia como podiam ser cortantes as palavras da mãe e não a surpreendeu habitar nela essa maldade, esse gume terrível e inesperado. Agrada-lhe isso na sua mãe, porque todas as pessoas têm esse gume mas tentam escondê-lo, negá-lo. A mãe, pelo contrário, desfruta dele às vezes, usa-o com moderação mas com prazer, conhece as possibilidades da sua maldade. Ana Gregoria viu a briga do tinteiro e obrigou Soledad a ajoelhar-se sobre umas pedras, diante de toda a turma, depois de lhe ter dado as reguadas pertinentes nas mãos. Soledad não estremeceu, não chorou. Esse orgulho vai matá-la, pensava sempre Ana Gregoria quando Soledad, por teimosia, apertava os maxilares e insistia em alguma coisa para não dar o braço a torcer, para não se dar por vencida. Mas a filha não herdara o seu orgulho. Nisso parece-se mais com o pai, em vez de orgulho tem uma espécie de timidez que pode raiar a vergonha, pressentiu a velha. Lina não quer ser vista, não quer sobressair nem incomodar. Falta-lhe o gume que sobra à mãe. Talvez por isso venha aqui, duas a três vezes por semana, passeá-la na sua cadeira, pensa Ana Gregoria, sempre paciente. Sabe que só lhe resta esperar que um dia a rapariga abra a boca. Sabe que daí sairão moscas, lama do rio, água estagnada, pó, folhas secas, terra negra. Sabe que, se Lina não encontrar o gume, os poderes vão acabar por levá-la. E Ana Gregoria não quer que isso aconteça. Agora que Soledad está às portas da velhice e que ficou sem o marido, não quer que perca também uma das suas filhas. Ana Gregoria sabe o porquê das visitas, o problema é que Lina ainda não se decidiu a aceitá-lo.

Até que uma tarde abre a boca. E acontece o esperado. Ana Gregoria ouve as palavras enquanto vê as moscas negras a rodearem o corpo de Lina, a água de rio morto, as folhas secas, o pó de anos. Numa das visitas, quase duas semanas depois da primeira, Lina sente o zumbido de uma mosca desde que entra no lar e também sente ali, pela primeira vez, o passos do animal grande.

Os sons perseguem-na, por entre os fantasmas que se afastam à sua passagem, até ao quarto de Ana Gregoria, e perseguem-na nas voltas que dão pelo jardim, até Lina não aguentar mais e começar a falar desordenadamente, sem intenção, quase sem ar. Sai-lhe tudo do íntimo, como a água suja quando se abre uma torneira que estava obstruída. Fala-lhe das moscas, das plantas do apartamento que uma manhã apareceram todas mortas, de um pingo na torneira da cozinha que não consegue arranjar, do cheiro a humidade, das camadas de pó que cobrem tudo como se o seu apartamento estivesse abandonado há anos, do raspar de unhas como de um cão, sempre atrás de si.

– O que acontece, menina, é que os teus olhos se abriram – diz-lhe Ana Gregoria, pegando-lhe na mão esquerda. Examina-lhe atentamente a palma, volta-a para todos os lados, aproxima-a do ouvido, cheira-a, avalia-a e avisa-a de que o problema é ela, Lina, estar cheia de nós por dentro, de coisas que foi engolindo, de uma culpa que se alimenta nas suas entranhas como um tumor escuro. Por fim, ordena-lhe que enterre a ponta dos dedos na terra, junto de um feto azul de um dos canteiros próximos. Lina fá-lo sem se interrogar muito sobre as razões. Sabe que a situação é estranha, mas acha bem, pois acha que Ana Gregoria tem qualquer coisa que ela quer aprender. Enterra a ponta dos dedos na terra e sente uma pequena vibração, como se a terra reagisse ao seu tato, e vê como as folhas do feto, que parecem mãos, se movem um pouco para cima, agitando-se. Não te preocupes, menina. As costas de Lina crispam-se por inteiro, como as dos gatos quando se assustam ou ficam alerta. Pode ver com a mão que as raízes das plantas se movem. Pode sentir o ar que lhe entra pelas orelhas e pelo nariz e que lhe enfuna um pouco a camisola. Olha para Ana Gregoria, que sorri mostrando todos os dentes, abrindo os seus olhos grandes, e compreende que também ela tem os poderes. Que os poderes estão em toda a parte e não são nada e são tudo e são a terra e as raízes e os caules e as folhas e as flores e os frutos e as sementes e o que apodrece na terra e os pelos dos animais e os animais com a sua carne e os seus ossos e o seu sangue e as pedras que o rio arrasta e a água do rio e as ruas e os carros e o fumo dos carros e a espuma das sarjetas e os cadáveres e a chuva que os molha e a noite e depois o dia e depois a noite e ela e Ana Gregoria, ali sentadas nesse jardim, sobre os poderes, sendo os poderes.

Nessa noite, Estefanía não está no apartamento. A mãe diz que ela está a fazer o turno da noite. Lina deita-se na sua cama da infância e imediatamente volta a encontrar as suas formas no velho colchão. Na mão tem uma pedra que Ana Gregoria lhe deu antes de se despedir. Pedra do fundo do rio, disse-lhe. É escura e redonda e recorda-lhe outra pedra de há muito tempo. Devia ter sete anos quando foram em família a Guatavita e ela apanhou, na beira da barragem Tominé, uma pedrinha redonda e escura que lhe pareceu um feijão. Contaram-lhe que ali, sob a água da barragem, estava a antiga povoação de

Guatavita e, mesmo que lhe tenham explicado que a povoação estava desabitada quando a inundaram, Lina não conseguiu deixar de sentir uma angústia terrível por esse abandono. No resto da viagem, pensou nas ruas desertas, nos quartos das casas, todos cheios de água, nos lugares onde as pessoas tinham vivido, agora parte de um outro mundo, um mundo longínquo e submarino, vazio. Interrogou-se se os fantasmas dos mortos também teriam ficado presos no fundo do lago, a vaguear sem rumo; interrogou-se se os fantasmas se veriam uns aos outros ou se cada um deles estaria por sua vez mergulhado numa solidão absoluta, insuperável. A pedra que parecia um feijão tornou-se um amuleto para Lina durante o resto da viagem, como se fosse um pequeno coração da água. Mais tarde, por uns tempos, deu-lhe para colecionar pedras, sem perceber muito do assunto; escolhia-as só pela aparência, porque se pareciam com alguma coisa. Depois, as pedras acabaram nenhuma caixa que Lina já não se lembra de onde guardou.

Deitada na cama, pensa nos poderes, em Ana Gregoria, no facto de este novo conhecimento lhe revelar muito daquilo que não compreendia na mãe, mas, sobretudo, lhe revelar ainda mais o que não compreendia sobre si mesma. Aquelas coisas estranhas que lhe aconteciam às vezes. Pensa que tem o estômago cheio de pedras do fundo do rio. A antiga professora explicou-lhe que Lina fora prometida aos poderes, por ter nascido graças a um trabalho dela e da sua mãe. O pai nunca ficou a par do assunto, embora Lina soubesse, e este era um segredo entre os dois, que ele sempre pressentira alguma coisa, mas preferira fingir que não era nada com ele, apesar de também guardar o seu. Pensa novamente nessa conversa que tiveram antes de ele morrer e tem alguma pena de não poder contá-la a ninguém. O quarto da sua infância já é outro, das suas coisas só restam a cama e a mesa de cabeceira. Tornou-se uma espécie de quarto de visitas, sem dono, onde a mãe pendura os quadros que já não quer na sala, e o roupeiro transformou-se em arrumos. Ali não há nada que revele que Lina o habitou durante mais de vinte anos da sua vida mas, mesmo assim, há muito tempo que não se sentia tão confortável, tão no lugar em que devia estar, como nesse momento naquela sua cama estreita, a dormir pesadamente, caindo no sono como caem as pedras para o fundo do rio.

O vento não soprava de nenhum lado, só havia a quietude das folhas e o calor da noite que caía, pesado como um cobertor. Custava-lhe mover-se no meio da imobilidade, do calor que tolhia e esmagava. O terreiro estava cheio de senhores a gritar, de garrafas de cerveja, de penas. Soledad não conseguia ver a luta do lugar onde estava empoleirada para que ninguém a descobrisse, para que ninguém se desse conta de que estava a ver o que a tinham proibido de ver. Procurou com os olhos o chapéu do pai no meio de todos os outros chapéus. Encontrou-o facilmente, porque o pai era mais alto e, na fita preta do chapéu, tinha amarrado um fio vermelho grosso que ele dizia protegê-lo de gente mal-intencionada que quisesse meter-se-lhe na cabeça. Estava com os braços cruzados e muito perto da arena onde lutavam os galos. Soledad olhou para ele sem pestanejar, para ver se ele a sentia, mas nada, os olhos dele estavam fixos nos galos que ela não conseguia ver. De repente, todos os homens se alvoroçaram. Mesmo o pai, que até esse momento estivera impávido, coçou um antebraço e moveu-se para olhar em volta. Decorria uma luta entre alguns senhores, umas bancadas mais atrás. Viu-se um esvoaçar de ponchos e Soledad pressentiu, mais do que outra coisa, o brilho afiado que perfurou a carne. Apunhalaram um homem no terreiro. O pai meteu-se na zaragata que se armava, tentando separar o nó de senhores, de chapéus, de ponchos. Ele tinha uns braços grossos e morenos e, com eles, agarrou no corpo ensanguentado do ferido. Juntamente com outros, carregaram-no e levaram-no aos gritos para casa do médico.

Soledad estava paralisada no seu esconderijo, uma parte do telhado de uma casa abandonada há anos, contígua ao terreiro. Nessa casa, Soledad passara muitas tardes com as irmãs. Levavam gasolina e estopas para incendiarem as entradas dos buracos nas paredes, onde viviam as ratazanas. Só não o faziam num deles, junto do qual ela se punha, à espera de que as

ratazanas asfíxiadas saíssem à procura de ar. Soledad segurava um pau de vassoura em cuja ponta pregara um prego em jeito de lança, e esperava que uma ratazana aparecesse para a perfurar inteira, espetá-la e, já morta, metê-la num saco de papel desses que se usavam para as empanadas. Não havia maldade nos seus movimentos, embora Soledad soubesse que trazia no íntimo uma coisa escura que a atraía na direção da dor, na direção do corpo que se contorcia enquanto sangrava. O seu olhar perante a morte era curioso, porque, sem saber muito bem, tentava compreender esse derradeiro mistério, esse que não tinha palavras que o cobrissem, que o explicassem. Repetiu muitas vezes aquelas matanças de ratazanas com as irmãs, mas só ela era capaz de ser testemunha da agonia do animal. Do sangue. Passado muito tempo, ao chegar à cidade, o sangue tornar-se-ia insuportável para ela, sobretudo o sangue das pessoas, e não conseguia acompanhar a sua filha convalescente nem tratar-lhe do nariz ferido.

Mas naquele momento esqueceu-se de tudo e só tinha na cabeça a repetição constante do brilho do punhal que entrava e saía do estômago do senhor e do sangue que manchava a camisa e os braços do seu pai ao levantar o corpo e da multidão que fugiu em tropel, deixando o terreiro vazio. Soledad quase não ouvia as ratazanas que se moviam à sua volta; por ali, nalgum canto, devia estar a sua lança, mas ela já não queria trespassar os animais. Pela primeira vez estremeceu diante da dor, diante do abismo da morte que se introduzia por uma ferida aberta.

Por entre a confusão de garrafas e de penas, Soledad viu numa esquina o galo derrotado, moribundo sobre a areia. Sem que ninguém a visse, porque já não havia ninguém para a ver, desceu do seu esconderijo e aproximou-se. As penas molhadas brilhavam e quase nem se moviam com a respiração do galo, que soava a água em movimento. Soledad ajoelhou-se ao seu lado e pôs a mão por cima dele, sem lhe tocar, limitando-se a acariciar as pontas das penas húmidas de sangue. Fechou os olhos como viu Ana Gregoria fazer com aquele menino escoiceado por um cavalo, que lhe levaram uma noite porque o médico tinha ido para Medellín, e ela lhe pôs a mão sobre a ferida da cabeça, mas sem lhe tocar, acariciando o ar e o cabelo húmido de vermelho, e Soledad viu como o sangue voltava para dentro da cabeça, retrocedendo, parecendo arrependido. Borbulhante. A professora tinha os olhos fechados e notava-se o seu esforço nos maxilares cerrados. Mais tarde, quando ficaram sozinhas e a família levou o menino já com a cabeça enfaixada, Ana Gregoria ensinou-lhe as palavras para pedir ao sangue que ficasse no interior, para lhe dizer que essa era a sua casa, que cá fora seria só mancha, mau augúrio.

Soledad apertou os maxilares e repetiu as palavras na sua cabeça e também na boca, moveu a língua aprisionada entre os dentes e fez força como se tentasse expulsar alguma coisa do seu corpo, a vontade como uma corda que amarra o que quer controlar. O sangue do galo começou a mover-se um pouco, quase não se via entre tanta pena desfeita, mas Soledad insistiu e finalmente, diante dos seus olhos, o sangue tornou-se rio ao contrário,

retrocédendo de volta ao interior do galo. O animal estremeceu um pouco, novamente cheio de si próprio, mas a vontade de Soledad não era suficiente e o galo não aguentou. As feridas eram muitas, já não era possível o seu corpo conter a vida. Então Soledad percebeu o seu fracasso e verteu uma lágrima de raiva.

Do outro lado do terreiro estava a jaula com o galo vencedor. O dono trancara-a a cadeado e deixara-a perto das mesas onde bebia uma aguardente. Foi um dos poucos que não acompanhou o ferido. Soledad crispou as costas e sentiu que todos os poros da sua pele se abriam, atentos. Invocou o silêncio e assim, coberta e impercetível, aproximou-se da jaula. Meteu os braços entre as barras de metal e torceu o pescoço do galo com um só gesto. Depois tirou a navalha do bolso que a mãe tinha costurado na bainha do vestido, por achar uma tontice as raparigas não poderem andar protegidas como os homens, e, com dois cortes, arrancou as patas do galo campeão. Depois guardou-as, ensanguentadas, entre as pregas do vestido.

*

Ana Gregoria explicara-lhe que certas coisas ela teria de aprender sozinha, e isto Soledad só compreendeu realmente enquanto segurava nas patas do galo campeão e saía, sem que ninguém a visse, pela porta principal do terreiro, coberta pelo silêncio que tinha invocado, sem guia. Sentia que lhe restava pouco tempo, alguma coisa lhe dissera que em breve tanto ela como a professora abandonariam a vila e não se veriam durante muitos anos. E a sede de tudo o que ainda não aprendera apertava-lhe a garganta. A culpa era da senhora da fazenda, percebia-o perfeitamente. A das joias. Na noite em que entraram naquela casa, Soledad teve pesadelos com corpos enterrados num lamaçal, que saíam da terra, corpos de pessoas presos entre pedaços de outros corpos, numa fossa imensa de morte. Apesar de terrível e de ter acordado a suar e aos gritos, no dia seguinte não contou nada a Ana Gregoria. Só quando o sonho se repetiu durante três noites é que Soledad decidiu falar com a professora. Não soube o que a contivera, mas às vezes sentia que a culpa era sua, mesmo que não pudesse ser, porque que culpa poderia ter ela da morte dessas pessoas? Sentia então a tristeza e o abandono desses que, certamente, ninguém sabia que ali estavam. Quando contou a Ana Gregoria os seus pesadelos, esta mostrou-lhe o conteúdo dos saquinhos que as duas tinham trazido nessa noite.

– Eu também os senti, menina Sole – confessou-lhe a professora –, mas não queria assustar-te.

– Então é lá nessa fazenda que está essa gente?

– Sim, menina, andam a penar. Houve lá uma matança muito feia e a mim cheira-me que foi essa senhora – respondeu Ana Gregoria, mais para consigo do que para Soledad. – Ela disse-me mentiras, mas espera e verás que isto não fica assim.

Espera e verás, dizia sempre a professora quando alguma coisa lhe

desagradava, quando tinha um espinho para arrancar, e aquele era grande. Pousou os saquinhos que encontraram naquela noite na fazenda e abriu-os para Soledad poder ver o que continham. No da lareira, aquele que estava preso com um prego de ferro, viam-se, amarradas com fibras de piteira, umas ervas secas que Soledad não reconheceu, um algodão manchado de vermelho-escuro, uma lâmina descartável para máquinas de barbear como a do seu pai e uns ossinhos brancos. Ossos do dedo indicador, mostrou-lhe Ana Gregoria. Os ossos desse dedo, menina Sole, usam-se para apontar um culpado e procurar vingança, sobretudo se forem da mão direita. E Soledad sentiu uma coisa entre o medo e o fascínio. No outro atado, o que encontraram no vaso do antúrio vermelho, havia mais ossos de dedos e as fotografias desbotadas de uns rapazes muito novos. Os filhos da senhora, disse a professora. Imagina que eu fiquei a saber que estão desaparecidos, menina Sole. E cheira-me que essa senhora lhes limpou o sebo. Os atados eram um trabalho que estavam a fazer à mulher para a enlouquecerem e Ana Gregoria explicou a Soledad que o mais provável era o marido ser o mandante. Isto cheira-me a uma vingança feia, disse a professora, a uma dessas maquinações de gente com dinheiro, que são as mais truculentas. Temos de voltar a essa casa para ver o que aconteceu, isto não fica assim. Ana Gregoria fechou os saquinhos e guardou-os num frasco. Nessa altura, Soledad mostrou-lhe as patas do galo campeão. Teve mede de lhe contar a história porque Ana Gregoria talvez voltasse a ralhar-lhe, como aconteceu com a história do primo, mas a professora olhou para ela agradada, orgulhosa.

– Vê lá tu, menina Sole, como já vais conhecendo os truques. Estas são boas para fazermos uns amuletos.

Soledad aprendeu que quanto mais feroz fosse o animal a quem arrancassem as patas, melhor. Mais forte seria o amuleto. Ana Gregoria pôs as patas a ferver para lhes tirar tudo o que apodrece, foi o que disse a Soledad. Depois pintaram cada uma das unhas com um verniz vermelho que a professora usava às vezes, em ocasiões especiais. Ana Gregoria arrancou um dos seus cabelos e pediu a Soledad que fizesse o mesmo. Então trocaram-nos e, com um alfinete de ponta redonda, empurraram o cabelo da outra pelo canal da pata, deixando o alfinete ali cravado. Finalmente, a professora fechou as aberturas com cera e amarrou um fio vermelho em cada pata. Vamos deixar isto no quintal, ao ar frio da lua minguante, e depois ficaremos preparadas, tu e eu. Isto caiu que nem ginjas para entrarmos na fazenda, disse-lhe Ana Gregoria com uma alegria infantil que Soledad nunca vira anteriormente.

Às vezes, Soledad sentia muita falta de Esperanza. Embora continuassem a dormir na mesma cama, já quase não conversavam debaixo dos cobertores e a irmã tinha adquirido o hábito de ir sozinha para a escola ou de mão dada com Afra, evitando Soledad, para que esta soubesse que ela estava furiosa. Soledad teria gostado de lhe contar o que fazia, o que aprendia, tentar mesmo ensinar-lhe coisas, mas Ana Gregoria explicou-lhe que não era possível. Que os poderes não eram uma coisa que se ensinasse como a

matemática ou a geografia. Era necessário ter os olhos abertos e a irmã dela não os tinha. Quem sabe se mais tarde, no futuro, menina Sole, a tua irmã os encontre de outra maneira, disse-lhe. Quando os amuletos com as patas de galo ficaram prontos, Ana Gregoria entregou-lhe um, ficou com o outro e anunciou-lhe que já podiam voltar à fazenda. Tinha de ser de noite e deviam repetir o mesmo procedimento da vez anterior. A professora era guiada por uma segurança cheia de raiva contra a senhora; uma raiva que nenhuma outra pessoa lhe provocara. Mesmo assim, Soledad só percebia metade das coisas. O trabalho que enlouquecia a senhora fora mandado fazer pelo marido, para se vingar da mulher. Isto porque, disse Ana Gregoria com um ódio renovado, essa cabra matou os filhos e fez o mesmo a uma apanhadora de café da zona. Um problema de saias entre os rapazes e a mulher que trabalhava sazonalmente nos cafezais da fazenda.

Essa noite estava escura, não havia lua e as duas entraram na quinta cobertas pelo silêncio, para que ninguém as visse ou ouvisse. Puseram os amuletos que afastariam o caseiro e Soledad sentou-se no alpendre exterior da casa por um tempo que lhe pareceram horas, a olhar para Ana Gregoria, que percorria o jardim traseiro de machete em punho, espetando-o aqui e ali com o ouvido à escuta. Nada, dizia. Mas esses rapazes têm de estar por aqui. Até que, passado muito tempo, quando a professora cravou o machete na terra perto das raízes de uma amendoeira, este soou como se tivesse batido numa pedra.

Ana Gregoria subiu a montanha, seguindo as veredas abertas pelas mulas. Procurava um terreno para onde sabia que tinham começado a transplantar as mudas de café. O Sol nascera muito cedo e mesmo o seu corpo habituado ao calor já se ressentia da solama dessa manhã tão brilhante. Como acabara de chegar à vila, ainda não estava habituada à nova, e às vezes traíçoeira, geografia dessas montanhas, porque, ao entrar num trilho alto ou num carreiro íngreme e dar uma curva, a povoação desaparecia, ela perdia o norte, já não sabia se ia ou se vinha e tinha de parar e de olhar para tudo com atenção, para as formas das montanhas, para alguma embaúba prateada na espessura do bosque que servisse de referência, para o telhado das casinhas que às vezes encontrava por ali, como a daquela senhora María, tão estranha, arisca, meio bruxa também, mas com os olhos fechados, coitada. A primeira coisa que viu ao chegar foi o chapéu largo de Luz. O único chapéu preto entre um mar de chapéus de palha, desses brancos usados pelas pessoas daqueles lados. Ajoelhada sobre a terra, Luz plantava cada muda de café com cuidado, com uma parcimónia que Ana Gregoria apreciou. Luz era pequena e delicada, mas, quando se sentavam as duas a beber umas aguardentes, saía-lhe um lado buliçoso e violento que divertia bastante a professora. Ana Gregoria cumprimentou-a quando já estava muito perto e sentou-se num tronco para lhe

fazer companhia durante o resto da manhã. Foi procurá-la para lhe dar umas ervas para o sono, coisa que fazia muita falta a Luz por esses dias.

Luz era a única amiga que fizera na povoação e uma das poucas pessoas a quem não chocava que ela fosse negra. Numa tarde de calor sufocante, Ana Gregoria estava sentada no alpendre da sua casa a beber uma aguardente quando Luz passou, levando uma mula cinzenta, já cansada, com uma carga de iúcas. Ana Gregoria soube imediatamente que as roubara por ali, na plantação de outros, porque Luz não tinha terra própria. Vivia assim, entre trabalhos temporários e roubando o alheio, porque tinha manha para isso, para não ser vista, para que ninguém desconfiasse dela. Sem vergonha, Luz aproximou-se dela, pediu-lhe um copinho, foi-se deixando ficar no alpendre e as duas conversaram toda a tarde até as traças e os mosquitos chocarem, enlouquecidos, contra a lâmpada da parede. Depois desse dia, ficaram amigas e Ana Gregoria deixou de se sentir tão só. Os copinhos de aguardente tornaram-se um hábito das tardes de sábado, e, entre conversa e conversa, a professora foi sabendo de todos os mexericos da vila, porque esse era outro dos talentos de Luz. Como andava de um lado para o outro e trabalhava fazendo de tudo um pouco, a limpar, a apanhar café, a plantar, a lavar roupa, conhecia todos os segredos da povoação e não tinha problemas em repeti-los, mas em voz baixa, porque ela não era bisbilhoteira. O que acontece, negra, é que sou comunicativa, dizia sempre a Ana Gregoria antes de lhe contar um novo mexerico, com o copinho de aguardente ao alto, como se brindasse ao momento. Isto passara-se há dois anos, mas Ana Gregoria ainda tinha saudades de Luz e todos os sábados à tarde deixava um copinho de aguardente no alpendre da sua casa para a amiga.

*

Embora a própria nunca se tivesse dado conta, em Luz reverberavam os poderes. Havia pessoas assim, que tinham como que um brilho, uma coisa estranha que Ana Gregoria só conseguia explicar se os poderes lhes tivessem passado por cima, ungindo-as. Por isso, quando aconteceu o que aconteceu, Luz conseguiu avisar Ana Gregoria num sonho de que não voltariam a beber aguardente. Porque a Luz, o que lhe sobrava em manha para muitas coisas, lhe faltou para perceber no que estava a meter-se. Mais tarde, perguntando na mercearia, no quiosque, no talho, como quem não quer a coisa, Ana Gregoria soube que Luz se metera em problemas de amores com dois rapazes de Medellín, de uma família com dinheiro que tinha uma fazenda nos arredores da povoação. Luz apanhava café nessa fazenda na altura da colheita e também lavava a roupa da família quando permaneciam ali por grandes temporadas. Ana Gregoria, depois de Luz desaparecer, recordou-se de que ela mencionara uns rapazes e de que até lhe tinha perguntado por uma amarração ou coisa do género.

– Não finjas, negra, porque eu já descobri que tu és bruxa – disse-lhe num sábado em que estavam meio bêbadas.

– Luz, mulher, eu não sei nada disso, o que te passou pela cabeça? – reagiu a professora, armando-se em parva, para que a amiga não continuasse a insistir nisso.

– Diz-me, não sejas má. Olha que já lhes dei água de cueca e não funcionou.

– Olha, Luz, não sei onde foste buscar isso de que eu faço essas coisas. Com esses assuntos de amores eu não me meto, mulher.

Luz insistiu o resto da tarde, disse-lhe que não queria amor, o que queria era amarrar algum dos dois irmãos para deixar de ser pobre, que se conseguisse amarrar os dois, melhor, porque ainda não se decidira por nenhum. Mas Ana Gregoria nessas coisas não cedia e Luz acabou por se ir embora meio furiosa com a professora. Mas no sábado seguinte regressou como se nada fosse. Não tocaram mais no assunto e só quando Luz deixou de aparecer Ana Gregoria começou a averiguar os pormenores. Ela encontrava-se com os rapazes às escondidas e cada um deles lhe dava presentes, roupa e coisas que traziam de Medellín, mas nenhum dos dois sabia que ela andava também com o outro. Até a coisa ficar a saber-se porque, e acerca disto Ana Gregoria dava fé, um saco muito cheio arranja sempre um buraco por onde verter.

Mas só quando espetou o machete na terra, perto da amendoeira, é que confirmou o que suspeitava desde que entrou pela primeira vez nessa fazenda com Soledad. E só nessa altura o ligou ao boato mais doloroso da sua vida, porque sempre a consolara a ideia de que, como a família se tinha dado conta do caso de Luz com os irmãos, talvez ela tivesse fugido com um deles e estivesse em Medellín ou sabe-se lá onde, a viver do bom e do melhor, feliz, a beber o seu copinho e, de vez em quando, a roubar coisas que não eram suas. A realidade era outra. Os sonhos da menina Sole não mentiam, nem o seu olfato, que sentira esse fedor que os mortos exalam quando os renegam, quando os escondem. Chamou a sua aluna para que a ajudasse com as pás que tinham trazido, a de Soledad mais pequena, e entre ambas foram removendo a terra negra e dura que rodeava o local onde o machete continuava espetado. Essa maldita mulher não sabe com quem se meteu, disse Ana Gregoria entredentes, sentindo como o ódio lhe saía pela boca qual baba venenosa.

Não demoraram muito a encontrar os três corpos, mas a professora já não quis que Soledad visse essas coisas e mandou-a esperar à distância. Anda, menina, vai buscar os pacotinhos que deixei junto do meu poncho, pediu-lhe para a distrair do que começava a espreitar por entre a terra. Não tiveram de cavar muito, nem a intenção era tirar os corpos. Só tinham de encontrar as cabeças, e a tarefa foi mais fácil do que parecia porque aquela senhora, amaldiçoada senhora, nem sequer os enterrara a muita profundidade. Embora, e disso a professora tinha a certeza, não tivesse sido ela a enterrá-los. Teve de conter a vontade de chorar quando viu o chapéu preto da amiga, quase desfeito pelo tempo, mas só deu um murro no chão de terra de pura raiva. As três cabeças estavam juntas. Tinham-nos sepultado em fila.

Mais tarde, durante muitos dias ao longo da vida, Soledad tentaria compreender o que sentira nessa noite, na fazenda com a sua professora. O que sentira ao ver o outro lado dos poderes, mais assustador, mais negro. O que sentira ao ver os corpos daqueles rapazes a sair da terra, um pouco como nos seus sonhos. Não teve medo, mas alguma coisa lhe dizia que devia afastar-se, como se nas proximidades daquele buraco uma coisa má pudesse agarrá-la. Surpreendeu-a ver-se tranquila diante dos mortos e foi ali, de pé ao lado da cova, enquanto a professora esgaravatava a terra com umas mãos desesperadas, depois de ter pousado a pá, que percebeu o ditado que o seu pai dizia de que era os vivos que mais deviam temer. Embora a noite estivesse escura e fria, Soledad soube que esse ar gelado que a deixava com pele de galinha vinha daquela casa. Não gostou dela nem da primeira vez que lá entrou com a sua professora, nem dessa segunda vez. No excesso de coisas, de móveis sem uso, de quartos escuros com camas sem dono, na longa sala de jantar de madeira, nos candeeiros apagados, nos quadros com castelos e casas que pareciam pertencer a outro lugar, havia alguma coisa que não lhe agradou nada. Antes, sempre que passava pela entrada dessa quinta ou de outras, Soledad imaginava como seria viver nessas casas grandes e elegantes. Como seria ter uma cama própria, um quarto só para si, até uma casa de banho privativa. Pensava que devia ser maravilhoso viver assim. Mas lá dentro sentira-se mais metida num estômago do que numa casa. E a única coisa que queria era sair de lá. Nessa noite, apesar de tentar, não conseguiu pôr os outros olhos sobre os seus, os olhos dos poderes, e voltou a sentir-se órfã, como se nas garras de um desconhecido animal do monte.

Enquanto remexia no poncho à procura dos pacotinhos, Soledad viu a professora esmurrar a terra, viu-a triste como nunca, iracunda, quase possuída, e percebeu que tinha de esperar um momento, de a deixar ali junto do buraco para não a interromper, caso estivesse a chorar. Depois de tantos meses ao seu lado, sabia que Ana Gregoria não gostava que a vissem chorar. Só se aproximou com as bolsinhas quando sentiu que era prudente. Eram uns saquinhos de um tecido de fibra vegetal que continham alguma coisa húmida, mas Ana Gregoria não quis dizer-lhe o que era. Soledad entregou-os à professora, que os pôs sobre cada uma das três cabeças meio desenterradas e, entre ambas, voltaram a tapar o buraco sem dizer uma palavra. Depois calcaram a terra para ficar mais compacta, até Ana Gregoria dizer que era suficiente. Isto é para que os mortos descansem, menina Sole, para que as suas almas não sofram, esquecidas na escuridão, disse a professora com uma voz rouca, como se não tivesse proferido uma palavra durante muito tempo. Depois Soledad viu como Ana Gregoria desenhava com o dedo um símbolo na terra, enquanto dizia umas palavras que ela não conseguiu ouvir. Palavras que fizeram com que tudo em volta delas se agitasse, palavras que fizeram com que as folhas das plantas se espreguiçassem como animais, palavras que fizeram com que as nuvens se deslocassem rapidamente como se fossem empurradas por um vento repentino, palavras que fizeram com que toda a casa

rangesse como se estivesse prestes a desfazer-se. Palavras que soaram a quebrar de ossos, a regueiro de sangue.

Depois, Ana Gregoria, com os olhos brancos dos poderes sobre os seus, empunhou o machete e entrou na casa. Isto é para ti, maldita mulher, disse bem alto, para que as palavras ecoassem em todos os quartos. Soledad seguiu-a e junto da lareira da sala viu como Ana Gregoria, com a lâmina do machete, fazia um corte diagonal no braço direito, junto de uma cicatriz anterior, e deixava cair umas gotas de sangue no chão. Fazia tudo isto como se estivesse sozinha, sem se perturbar com a presença de Soledad ao seu lado, pela primeira vez verdadeiramente assustada. A professora cuspiu para o chão sobre a poça do seu sangue, com a ponta do machete mexeu ambos os líquidos e com essa mistura, como se fosse tinta, desenhou outro símbolo. O som da ponta do machete no chão de tijoleira retumbou por toda a casa, parecendo-lhe que a sua professora estava a matar alguma coisa, a abrir carne viva.

*

Soledad não precisou de que Ana Gregoria lhe explicasse. A certeza caiu-lhe em cima como um fardo. A professora ia abandonar a vila, não tinha opção. Soledad nunca sentira saudades de ninguém e a ausência de Ana Gregoria ia doer-lhe para sempre, mesmo quando voltassem a encontrar-se. As pessoas são más, menina Sole, e eu dei-me conta de coisas que não devia, disse-lhe, embora ela já soubesse. Sabia que Ana Gregoria se demitira da escola, que tinha as malas feitas e se ia embora no dia seguinte, no autocarro interurbano que saía de manhã para Medellín. Sabia, mas queria confirmá-lo na mesma. E por isso, assim que acordou com essa certeza, foi a correr até à casa da professora, sem se importar por estar de pijama e, sendo sábado, as ruas se encontrarem cheias de gente. Precisava de ver a mala e a cozinha, já sem todos os frascos estranhos que a professora guardava. O frasco com o bebé morto que ela tivera nas mãos, o frasco com o álcool de arruda, o frasco com o leite da meia-noite, o frasco com a menstruação que Ana Gregoria recolhia todos os meses, o frasco com a terra de um cemitério longínquo onde os poderes se acoitaram. Precisava de ver o vazio, de ver nos olhos da professora que a sua partida era real, de gritar-lhe que era uma negra mentirosa, uma negra maldita e mentirosa que ia abandoná-la nessa povoação sem lhe ensinar nada, e de lhe dar murros desesperados até a professora a agarrar e a abraçar com força, embalando-a para que toda a ira e dor e raiva lhe saíssem do corpo e só restasse a tristeza sólida do que não tem remédio. Nesse abraço áspero e longo ficaram Soledad e Ana Gregoria durante muito tempo, até o corpo lhes doer. Separaram-se como se desenraizassem uma planta, Ana Gregoria agachou-se para ficar ao nível dela e disse-lhe que depressa voltariam a encontrar-se.

– Tu vais crescer, menina Sole, e no meio dessa cidade tão grande que é Medellín vamos ver-nos e vamos passear pelo centro e vou levar-te a umas

lojas que conheço onde vendem tudo para fazer bruxedos e vamos beber um café numa rua comprida e cheia de cafés e de gente e tu vais ter bebés e um marido, porque o teu nome não é o teu destino, minha menina.

Quando voltou para casa, nem a mãe lhe ralhou por ter saído como uma louca, despenteada e sem tomar banho, nem Esperanza protestou. Nunca soube se o resto da família percebeu que alguma coisa maior e insuportável a possuía. Soledad enfiou-se na cama e, disso não estava à espera, Esperanza deitou-se ao seu lado e ficou com ela todo o dia. Ninguém as chateou para que se levantassem e ajudassem nas tarefas de casa, ninguém as interrompeu. No meio desse silêncio, enfiadas debaixo dos cobertores, Soledad sentiu que voltava a encontrar a irmã e pareceu-lhe sentir uma tranquilidade agridoce. Não se pode ter tudo. Era o que o pai delas dizia. Abraçou Esperanza e chorou como uma menina pequena, porque em parte continuava a ser uma menina pequena, mas esquecera-se disso por andar de um lado para o outro com a sua professora.

*

Ana Gregoria fizera tudo bem feito. Ninguém culpou o caseiro, sobre quem não caiu qualquer suspeita, mesmo sendo a única pessoa presente na fazenda nessa noite. A mulher do vestido preto, a das joias, que Soledad tinha conhecido naquela tarde em casa da professora, apareceu pendurada numa trave da sala, descoberta pelo marido. A fazenda foi vendida passado pouco tempo, mas os novos proprietários não a ocuparam. Pouco depois, Soledad viu a praça de Heliconia pela última vez em muitos anos. Enquanto se afastava sentada no autocarro, entalada entre Esperanza e uma saca de café, agarrou na pata de galo que levava sempre no bolso e invocou com ela Ana Gregoria.



As noites no hospital eram frias e brilhantes. Nunca havia uma escuridão absoluta, nem nos corredores, nem na sala das enfermeiras, nem sequer no quarto do meu pai, que tinha sempre o candeeiro de pé aceso para as profissionais que faziam as rondas noturnas. Mesmo assim, essas noites não me incomodavam. Depressa me habituei ao ambiente assético e até achava reconfortante estar ali, como que parada no tempo, sempre à espera de que a morte acontecesse. Mas essa morte que ameaçava como uma tempestade, que se anunciava com trovões e nuvens negras, não chegava a desencadear-se. O meu pai já não reagia à nossa presença, completamente esquecido de si mesmo e do mundo. Tinha o olhar vazio, como se os seus olhos não fossem verdadeiros, e, mais do que qualquer outra coisa, creio que era isso que me assustava nas noites passadas no hospital. Pensar, ou melhor, confirmar que esses olhos não viam nada, que efetivamente não havia nada depois, nem uma luz, nem um mundo nebuloso. E eu, que desde miúda soube da existência desses outros que vagueiam, aprisionados, as almas penadas, os fantasmas, os espíritos, os espetros, fiquei apavorada, com o meu corpo a agitar-se em tremores de frio, só de pensar que aquele que estava ali na cama do hospital, magro, com olheiras, chupado, não era o meu pai, mas o que dentro em pouco seria o seu cadáver, ainda a funcionar, por um fio, nessa liminaridade entre a vida e a morte, com um pé cá e outro lá, vendo com os olhos de cá o que o esperava lá, vendo que esse lá não era nada, não existia, era o vazio absoluto.

Vê-lo na cama foi pressentir a sua morte. Bastava fechar-lhe os olhos para que parecesse um verdadeiro cadáver. Por isso, nas noites em que devia acompanhá-lo, passava os meus tempos mortos na cafetaria ou à conversa com as enfermeiras até à hora de o meu pai adormecer. Só então entrava no quarto, já com ele de olhos fechados, a dormir o seu sono tranquilo e silencioso. Entristecia-me essa espécie de medo com que fiquei do meu

próprio pai, daquilo que os seus olhos me anunciavam. No entanto, ele já não estava em si mesmo, nunca. O esquecimento do Alzheimer conquistara-lhe o cérebro na sua quase totalidade e tanto a minha mãe, como eu e a minha irmã, há muito que fazíamos o luto. Saudosas da sua conversa, da sua presença. Decorreram vários dias e várias noites e o meu pai continuava internado: nem melhorava, nem morria. A tristeza destruiu quase completamente a minha mãe, que ainda não fora capaz de se despedir, que não queria fazê-lo. Eu sentia que, em parte, isso também mantinha o meu pai preso a essa vida de cama de hospital, a olhar todas as noites para o abismo, mas sem se atrever a saltar. E era essa sua agonia o que mais me aterrorizava, porque pensava na minha, nalgum momento inevitável do futuro.

Durante essas noites junto da sua cama, recordei muitas vezes as discussões que tivemos sobre a eutanásia. Recordei a sua resistência em procurar a própria morte, a sua convicção de que a vida e a morte são dadas por destinos subordinados ao tempo. Eu, pelo contrário, acreditava na arbitrariedade, nas coincidências, no absurdo de tudo. Ali prostrado, esquecido de si mesmo, ele já não podia discutir comigo e várias noites pensei em matá-lo, em solucionar o problema que os médicos não curavam. Encostava uma cadeira à cama, sentava-me, apoiava as minhas pernas esticadas sobre o colchão e via-o dormir, intuindo apenas a sua silhueta na penumbra do quarto. E a ideia de matá-lo ia-se aferrando ao meu cérebro com garras, com raízes.

Apesar do medo com que fiquei do seu olhar, sempre que ia ao hospital tentava concentrar-me no meu pai, no seu estado, em esfregar-lhe a pele com creme para que não ardesse muito em contacto com os lençóis. Concentrava-me em minudências, como substituir as pilhas do comando do televisor para poder mudar de canal sem ter de carregar com tanta força em cada botão, pôr flores numa jarra e deitar um pouco de açúcar na água para que durassem mais, ou observar pela janela o tráfego insuportável lá em baixo, na avenida. Concentrava-me em qualquer coisa para me distrair desse zumbido doloroso, inevitável nos hospitais, e que eu, mesmo nessa altura, antes de tudo piorar, ou, como diz a minha mãe, antes de que os olhos se me abrissem, já pressentia. Fiz amizade com algumas enfermeiras, conversávamos sobre as suas vidas, filhos, namorados, dívidas, animais de estimação, e para mim já era normal ir ter com elas antes de ir ver o meu pai, para bebermos um café do bom que elas escondiam e não aquele da máquina do corredor que era tão mau, e para que me contassem as suas coisas e me mostrassem as fotografias dos netos que tinham no telemóvel. Cheguei mesmo a apreciar a comida do hospital, sobretudo as sobremesas insípidas. Tentava dedicar a máxima atenção a qualquer coisa, mas não conseguia evitar ouvir, e às vezes ver, as almas de que a minha mãe me falara quando era pequena, como os velhos dessintonizados do lar. No hospital havia demasiadas e pelos corredores sentiam-se às vezes como uma multidão compacta. Eu nunca me atrevi a falar-lhes, nunca quis que se apercebessem de que eu ouvia o zumbido

incessante do seu sofrimento enredado entre os lençóis azuis e o cheiro a desinfetante e as luzes brancas e as rotinas médicas. Incomodava-me o frio que elas exalavam, um frio duro, estático, mas com os anos aprendi a ignorá-las quase por completo. Só às vezes, quando me sentia particularmente rodeada, agarrava na medalhinha com o relevo das mãos que tinha pendurada ao pescoço, dizia as palavras que a minha mãe me ensinou e essas palavras eram como um repelente, como uma tranquilidade momentânea.

Uma tarde, fomos todas, eu, a mãe e a Estefanía, visitar o pai. Elas queriam estar um pouco com ele, embora fosse a minha vez de o acompanhar. Àquela hora, o hospital estava quase sem visitas e o zumbido das almas parecia mais forte. Dei-me conta disso porque a mãe mudou imediatamente de atitude. Estava frágil e tantos espíritos em cima dela inquietaram-na. Vi que disse baixinho umas palavras, aquelas palavras, e uma pequena camada de calor rodeou-nos às três. Nessa altura, eu não sabia muito bem o que a minha mãe conseguia fazer, o que eram aquelas palavras, porque tinham poder, mas há coisas que sabemos sem saber e por isso se aceitam sem questionar. Quando chegámos ao quarto, encontrámos o pai meio adormecido, como de costume. Já não aguentava muito tempo consciente e também não é que tivesse propriamente consciência. Os medicamentos para a dor mantinham-no quase sempre nessa dormência. Ainda assim, queríamos acreditar que nos ouvia e durante algum tempo falámos-lhe de qualquer coisa, para que a visita parecesse normal. A mãe continuava sem se atrever a enfrentar a ideia de uma despedida, pelo que as conversas se diluíam num silêncio que guardava a promessa do dia seguinte. Mais tarde, ela e a Estefanía decidiram ir à cafetaria beber uma infusão e comprar uma revista de palavras cruzadas ou de qualquer outra coisa, para se entreterem. Não deixavam o hospital, mas não queriam ficar no quarto por mais tempo.

Eu decidi ficar com ele e pedi-lhes que me trouxessem qualquer coisa mais tarde, de preferência um café e uma revista qualquer de mexericos estúpidos. Quando já começava a cabecear ali sentada, o meu pai regressou. Abriu os olhos e disse o meu nome como se me visse. Lina, disse-me, filhinha. E eu soube que, por alguma circunstância impossível, voltara do esquecimento, mesmo que por um momento. Pareceu perceber onde estava e o que tinha acontecido. Sabia que estava doente, a morrer, disse. Estou a morrer, filhinha, não é verdade? E eu não consegui dizer-lhe que não, porque era verdade e porque percebi, de repente, que o esquecimento do Alzheimer não era total, que alguma coisa dele, do meu pai, continuava ali, escondida num recanto longínquo e pequeno do seu próprio cérebro. Ele também sabia algumas coisas, tinha a mão que cura, através dele também existiam os poderes. Depois da surpresa, alegrou-me ouvir a sua voz fraca e chorei porque tinha muitas saudades dele e porque percebi que teria de fazer novamente o luto.

O meu pai fez um esforço enorme para voltar e conversámos, sabendo claramente que seria a última vez, que cada palavra, cada argumento, cada

silêncio seriam os últimos. Estou perdido, filhinha. Creio que esta doença é como um labirinto e eu não encontro o centro nem a saída, disse entre respirações ofegantes. Soube então que estava a pedir-me ajuda. Nunca o disse, não lhe saiu da boca, mas só ali, à beira do abismo, me dei conta de que o meu pai sabia mais do que revelava. Sabia dos poderes na mãe, em mim, mesmo na Estefanía. Sabia dos poderes nas mãos, na terra. Sabia que essas coisas estranhas que a mãe fazia de certa forma também estavam nele, e em tudo.

Com as mãos pousadas na mesa, Soledad concentrou-se em memorizar as formas da cara de Iván, sentado em frente, enquanto ele lhe falava em fazer uma experiência para tentar comunicar telepaticamente com ela. Soledad nunca tinha ouvido essa palavra, mas, quando Iván a definiu como a capacidade de comunicar mentalmente com outra pessoa, ela percebeu que era apenas o nome científico de uma coisa que ela conseguia fazer sem problemas e sentiu-se triste porque soube que não podia mostrá-lo a Iván, mesmo que tentassem toda a noite. Ela não podia explicar-lhe que essa telepatia das experiências da Guerra Fria que tanto o obcecavam não era mais do que os poderes, do que a capacidade de ver as palavras e de as pôr na cabeça do outro e de receber as palavras desse outro de volta, tão simplesmente como se recebem os sonhos e os pesadelos. O problema de Iván era ele querer aproximar-se dos poderes sem os compreender, querer torná-los ciência sem os conhecer. E isso não era possível.

Uma tarde, ele convidou-a para ver um filme sobre uma menina possuída pelo demónio e depois dirigiram-se a um barzinho do centro onde gostavam de beber uma cerveja, porque punham a música baixinho e podiam conversar tranquilamente. Então Iván falou-lhe dos russos e dos gringos e da sua corrida de experiências secretas para dominarem e explorarem o poder da mente. Falou-lhe das investigações ilegais do MKUltra, durante as quais tentavam manipular o estado mental das pessoas sujeitas à experiência, administrando-lhes grandes doses de LSD, eletrochoques e hipnose, ou metendo-as em tanques de privação sensorial. Falou-lhe de vários russos, que a União Soviética sujeitara a experiências durante anos, que afirmavam ter percepção extrassensorial, telecinesia e telepatia. Para Iván o cérebro era tudo, era o verdadeiro terreno inexplorado que faltava conquistar. O frio é mental, dizia, sempre que saíam à noite e Soledad se esquecia do casaco. E ela, que aprendia a amá-lo tanto, já se exasperava um pouco com essa frase que ele continuaria a dizer pelo resto da vida, até Soledad sentir a sua falta. O empregado que às vezes passava na sua ronda pelas mesas, sempre dececionado por eles fazerem render duas cervejas durante tanto tempo, punha uma cara de estranheza quando apanhava pedaços da conversa: russos a fechar pessoas em quartos vazios, escuros e silenciosos para ver como a falta de estímulos lhes afetava o

cérebro, pessoas que conseguiam mover objetos com a mente ou ouvir conversas que decorriam numa localização geográfica diferente. Mas para Iván não havia nada mais interessante do que as possibilidades infinitas prometidas por estas experiências com o cérebro.

– Imagina, Sole, o cérebro como um território inexplorado.

Soledad, que não podia dizer-lhe o que realmente pensava, o que sabia, limitou-se a olhar para ele e a esperar; normalmente, esse seu silêncio fazia-o continuar a falar.

– Até comecei a escrever um romance – continuou Iván. – É sobre uma menina que tem poderes mentais. Não sei de onde me veio a ideia de ser uma menina, mas acho que a vi num sonho que tive. Muito pálida, com o cabelo encaracolado e cor de café. Até me ocorreu que poderia ser minha filha.

– E porquê tua filha? Parecia-se contigo? – perguntou-lhe Soledad, fazendo-se inocente, embora nesse momento tivesse a certeza de saber de que menina falava. Sabia porque Iván sentia que poderia ser sua filha, sabia que ela também vira essa mesma menina, já adulta, parada diante de um abismo. E soube então que em Iván palpitavam também os poderes, adormecidos no sonho da racionalidade científica.

– Não se parecia comigo e ao mesmo tempo parecia-se. Não sei.

– Iván, no mínimo tens de mostrar-me o romance.

– Não, não. Ficou no início, nada mais, Sole. Acho que escrever ficção não é para mim.

Dias depois, Soledad viu as páginas, apenas três ou quatro num caderninho, onde ele expunha a ideia principal. Uma menina que descobria poder mover as coisas com a mente e ouvir os pensamentos dos outros, e que um governo sem escrúpulos sujeitava a experiências para tentar descobrir os segredos do seu cérebro. A mente é um território. Soledad leu essa frase escrita entre as notas, essa mesma que Iván lhe dissera no barzinho do centro. Foi depois disso que ele lhe propôs fazerem a experiência. Deviam sentar-se frente a frente numa mesa. Iván desenharia quatro formas geométricas simples numa folha de papel, sem que Soledad as visse, e ela teria de tentar adivinhar as formas e a sua ordem. Iván supunha que, se a experiência fosse repetida vezes suficientes e o número de acertos fosse superior à norma atribuída à coincidência, poderiam estar a falar de telepatia. Com as mãos na mesa, Soledad concentrou-se em aprender as formas da cara de Iván, o seu nariz comprido, os olhos escuros, os lábios finos sob o bigode, e teve a certeza de que o amava. Soube que estaria sempre onde ele estivesse, que juntos construiriam um espaço próprio no mundo e que teriam bebês e seriam felizes, como há anos lhe vaticinara a professora. E soube que o seu nome já não seria o seu destino.

Iván não sabia que mais podia fazer diante dessa dor que, vinda de dentro, devorava a sua filha. Uma dor que lhe era alheia. Embora tivesse

crescido com duas irmãs, nunca soube nada sobre esses assuntos de mulheres, que, na sua casa, eram um segredo mantido apenas entre as irmãs e a mãe. Os homens nem ficavam a par deles. Ele nunca vira o sangue escuro da menstruação até se ter casado com Soledad, que era o oposto das mulheres da sua família. Não calava nada, urinava sem fechar a porta da casa de banho e, se ia tomar duche mas se tinha esquecido da toalha, era capaz de atravessar todo o apartamento em pelo para ir buscá-la, sem vergonha de que alguém a visse através da janela. Iván repreendia-a com um pudor adquirido, que dificilmente escondia ser justamente esse atrevimento o que mais gostava nela. E com ela se foi habituando a não calar as coisas do corpo. Mas continuava a sofrer ao ver como essas cólicas faziam a sua filha mais velha contorcer-se, mais do que à sua mulher ou a Estefanía, a mais pequena. Sinto que alguém está a apunhalar-me por dentro, disse-lhe Lina nesse dia, quando a encontrou deitada na cama a chorar, mordendo a colcha para não gritar. Ele estava sozinho em casa com a filha e não podia chamar Soledad para que cuidasse dela. Embora Lina já tivesse tomado um comprimido para as dores, deu-lhe outro, preparou-lhe uma água de rapadura quente com limão e aqueceu mais alguma para o saco de água quente que a filha punha no ventre quando a dor se tornava insuportável. Depois, sem que lhe ocorresse mais nada que pudesse fazer, levantou-se para sair do quarto, mas a filha pediu-lhe que ficasse, por favor, que não a deixasse só.

– Conta-me alguma coisa, papá – disse-lhe Lina com os olhos fechados e os maxilares apertados, aguentando a dor.

Iván pensou por uns momentos. Ele era bom a contar histórias às filhas. Quando eram pequenas, adormecia-as com contos que ele próprio inventava ou lia-lhes livros, imitando as vozes das personagens. Também gostava de contar-lhes histórias sobre ciência: o Big Bang, a evolução dos homínídeos, a vida das estrelas e dos planetas, as biografias dos cientistas. Lina gostava muito da de Évariste Galois, o jovem matemático que morreu baleado num duelo, depois de estabelecer importantes bases para o desenvolvimento da álgebra de grupos. Estefanía preferia a dos cientistas que descobriram uma *Australopithecus afarensis* em África e lhe chamaram Lucy por causa da canção dos Beatles. Iván contava-lhes a história imaginando, ele também, aqueles homens, depois de um longo dia de escavações, deitados na erva a olhar para o céu estrelado enquanto ouviam a canção: «Lucy in the Sky with Diamonds».

As lágrimas molhavam os olhos de Lina e Iván não se lembrava de alguma vez se ter sentido tão inútil, tão manietado. Ocorreu-lhe então uma história que até esse momento nunca tinha contado. Filhinha, tu sabes que chamaram a Isaac Newton o último grande mágico? Imagina! Um dos grandes pais da ciência e da razão preocupava-se mais com a alquimia, com o esoterismo e os seus mistérios do que com a ótica ou a gravidade. A nossa compreensão do mundo é muito baseada nos seus *Principia*, mas ele passou a maior parte da sua vida académica à procura de interpretações secretas nos

textos bíblicos e a transcrever, com anotações próprias, textos alquímicos e esotéricos. Foi John Maynard Keynes quem lhe chamou o último dos mágicos, porque Newton via o mundo com uns olhos que ainda não separavam a magia da razão. Iván não sabia por que motivo essa história lhe ocorreu nesse momento, mas Lina pareceu acalmar-se um pouco, deixou a posição fetal e contraída que adotara e deitou-se de barriga para cima, com os olhos fechados. As lágrimas ainda lhe rolavam pela cara enquanto Iván continuava a falar de Newton e dos seus estudos secretos sobre o oculto e os textos sacrílegos. Lina afastou o saco de água quente, que tinha arrefecido, e pediu a Iván que lhe aquecesse mais água. Quando ele voltou da cozinha, e enquanto esperava que a água fervesse numa panelinha, sentou-se na cama junto da filha e pousou a sua mão aberta no ventre dela. A mão que cura, disse-lhe a sorrir, sem saber de onde lhe viera a ideia. E como a filha lhe sorriu de volta, ele deixou a mão aí, tentando fazer com que, com ela, a dor diminuísse, concentrando todo o seu pensamento nessa mão, imaginando que ela exalava calor, que com ela podia agarrar na dor, fazer dela uma bola e atirá-la para longe.

– É que eu também sou mágico, filhinha.

*

Só nessa noite no hospital recordei Newton e aquela tarde com o meu pai, quando tive uma cólica terrível. E só nessa noite no hospital compreendi que o que me tirara as dores tinha sido a mão que cura, a mão do meu pai, não os medicamentos ou a água de rapadura. Que só quando ele me pôs a mão no ventre e a deixou ali, paciente e tranquila, é que fiquei sem cólicas. Embora já fossem horas, as enfermeiras da noite não fizeram a sua ronda e eu era a única testemunha de que o meu pai regressara do esquecimento, de que o seu cérebro estava intacto. Perguntei-lhe então se se lembrava da mão que cura, dessa tarde em que ele me tirou as dores. Ele respondeu-me que sim.

– Não soube porquê, filhinha, mas acredito que a minha mão te curou.

– Eu também acredito nisso, papá. Se calhar, o último grande mágico és tu – disse-lhe, tentando que ele não reparasse na minha enorme tristeza. Queria dizer-lhe mais coisas, mas as palavras não me saíam porque percebi que, se as dissesse, cada uma delas seria uma despedida, uma sentença. Então ouvi-o, embora ele não movesse a boca, ouvi-o dentro da minha cabeça. Tu também tens a mão que cura, filhinha. E agora sou eu quem não suporta as dores. As palavras soavam claras na minha mente e no seu olhar descobri a confirmação de que eram suas. O meu pai pôs as suas palavras na minha cabeça, como se pões os sonhos ou os pesadelos. Prefiro partir assim, filhinha, não creio que haja outra despedida possível.

Há coisas que se sabem sem se saber porquê, coisas ocultas que se manifestam sem avisar, mas que são verdadeiras. Nesse momento, recordei as palavras de uma tia-avó que me contou que há muito tempo, na povoação da minha família, acreditavam que, para ajudar os moribundos a partir, era

preciso cortar-lhes as unhas dos pés. Vasculhei a mesa de cabeceira que estava junto à cama até encontrar a bolsa de higiene pessoal. Lá dentro vi um corta-unhas metálico, o mesmo que o meu pai sempre tivera. Então, não sei como, e não consegui voltar a fazê-lo com ninguém, nessa noite eu também pus as minhas palavras na cabeça do meu pai para que ele soubesse que o amava muito e que ia morrer um pouco quando ele já não estivesse aqui. Era melhor assim: sem as dizer em voz alta, as palavras talvez não doessem tanto. Aproximei-me da sua cama e puxei pelo cobertor para lhe destapar as pernas. Estavam magras, com os tornozelos espetados e os dedos compridos a cheirar a lama, como se já soubessem para onde iam, os dedos a procurar deitar raízes de novo na terra, como tudo o que morre. Uma por uma, cortei as unhas dos pés do papá, com cuidado, talvez com demasiada lentidão. Quando terminei de o fazer, procurei-lhe os olhos, receosa de não ter mais tempo. Então o meu pai moveu a boca e, com uma voz débil, afogada, pediu-me a mão que cura e eu pus-me a chorar ali, parada ao lado da cama, mantendo a minha mão esquerda sobre o seu peito por uns minutos até sentir o seu coração deixar de bater.

Nunca soube em que momento a visão do meu pai sobre a morte se alterou, em que momento percebeu que, às vezes, a morte não acontece, apenas se decide. Não sei se foi nesse labirinto de esquecimento em que estava preso. Não contei nada à minha mãe nem à Estefanía, quando elas voltaram da cafetaria e me encontraram a chorar com a mão sobre o peito vazio do papá. Engoli o segredo e guardei as dez unhas que lhe cortei na noite em que morreu numa caixinha metálica que antes contivera rebuçados de menta.

Soledad chegava quase sempre dez minutos mais cedo, para ser das primeiras a entrar na sala e poder sentar-se onde gostava, na cadeira de trás, ao pé da janela. A mais afastada do professor. Nessa manhã, o cabelo molhado e colado à nuca provocava-lhe calafrios. Saíra de casa tarde e só a correr conseguiu apanhar o autocarro que ia para o centro. Não teve tempo de secar o cabelo nem de ir buscar uma camisola ou o guarda-chuva, e a água, escorrendo em gotas lentas pelas suas costas, fazia-a tiritar. Mas ainda conseguiu sentar-se no seu lugar. Pousou a mala de cabedal na cadeira à sua frente, onde também apoiou os pés, e ficou a olhar pela janela enquanto os colegas entravam na sala. O céu estava encoberto nesse dia e Soledad pediu que, por favor, não chovesse antes de ela conseguir voltar para casa. Não queria molhar-se nem passar frio o resto do dia, naquelas salas grandes e velhas que pareciam intensificar a temperatura exterior. Nessa altura a sala parecia gelada, mesmo a encher-se de gente, de vozes, de movimentos de malas, cadernos, livros, cadeiras, sapatos. Soledad olhava pela janela e não se deu conta em que momento quase todos os lugares foram ocupados. Pôde localizar facilmente as suas três colegas de curso. Quatro mulheres entre um mar de homens, todos estudantes de Engenharia Eletrónica. Ela ainda não compreendia o que a levava a escolher essa profissão, mas sentia a mesma convicção obstinada que, desde miúda, a impelia a fazer qualquer coisa que alguém lhe dissesse que não podia fazer. Nesse dia, Soledad acordou de um sonho mau, um pesadelo de que não conseguiu lembrar-se, mas que lhe deixou a secura na boca que sentia sempre que alguma coisa ia acontecer. E soube imediatamente, enquanto corria pela rua tentando apanhar o primeiro autocarro da sua rota, que o cabelo molhado e a falta de tempo eram só o início. Quando o professor entrou na sala soube, como sabia as coisas importantes, sem perceber como, que ele ia ser o problema.

Desde o primeiro dia de aulas, esse professor passeava-se pelos espaços estreitos entre as carteiras a falar de engenharia, de eletrônica, das futuras possibilidades de trabalho, dos segredos tecnológicos que seriam revelados aos melhores, aos que conseguissem aguentar esse primeiro ano que, na realidade, era um funil para descartar os incapazes. Muitos de vocês, disse o tipo com uma voz que mostrava ter repetido esse discurso até à exaustão, já não estarão aqui em novembro. E então olhou para ela por mais um segundo do que para os restantes. Para ela e para as três colegas que se sentavam perto e se procuravam inconscientemente umas às outras nesse mar de olhos que as viam como estranhas. Soledad aprendeu a habituar-se aos pequenos comentários que o senhor deixava cair no meio de qualquer explicação, comentários de que muitos nem se davam conta, mas que ela apanhava do chão e guardava num bolso para se lembrar deles. E olhava para o professor com atenção, imaginando as coisas que lhe faria, se pudesse. Fã-lo-ia desaparecer. Deixá-lo-ia nu em público. Levá-lo-ia a dizer coisas estúpidas. Fã-lo-ia chorar como um menino com uma birra. Fã-lo-ia contorcer-se de dor e faria com que ele soubesse que era ela, Soledad, quem lhe causava essa dor. Levá-lo-ia a enlouquecer de medo, porque, cada vez que o tipo se olhasse ao espelho, a veria a ela, entre as sombras, atrás de si. Mas Soledad prometera não usar os poderes para saldar contas triviais ou empreender vinganças pessoais. Ana Gregoria ensinara-lhe que os poderes são tudo e que ambas faziam parte deles, que não podiam usar-se por vingança ou para conseguir vantagens para si própria, por isso não podiam vender-se de qualquer maneira. Só deviam trabalhar com eles para ajudar as pessoas que necessitavam, para procurar uma espécie de equilíbrio ou de justiça, e essa decisão de quem necessitava ou não da ajuda dos poderes recaía diretamente sobre quem os trabalhava, sobre quem os compreendia, sobre quem tinha os olhos abertos. Não era como qualquer um desses charlatões que dizem ser feiticeiros, benzedeiros ou curandeiros e que pululam no centro da cidade ou vão de aldeia em aldeia a oferecer serviços que realmente não conseguem prestar, porque esses homens não sabem, porque eles não veem. Soledad percebia que não podia usar os poderes, que, em vez disso, devia ignorar o professor e estudar. Cada vez que tinha uma boa nota, nota que o tipo lhe dava a muito custo, porque já dissera nas aulas que as mulheres estariam melhor na cozinha e não a ocupar o lugar de um futuro engenheiro, Soledad sabia que era um pequeno triunfo, mas não conseguia evitar a secura da boca, a certeza de que nada do que ela fizesse o faria ver. Não conseguia evitar querer fazer-lhe alguma coisa, vê-lo sofrer só um bocadinho.

Naquela manhã não foi diferente. Soledad apanhou com cuidado mais dois comentários, para não se esquecer das palavras exatas. No fim, as palavras eram o mais importante. A duas cadeiras da sua estava Iván. Ela sentia os olhares dissimulados que ele lhe lançava, fingindo há meses que não se dava conta. Mas era difícil. Sabia, toda a gente sabia, que Iván se apaixonara por ela, apesar de só lhe ter falado algumas vezes. Não a chocava

de modo nenhum, era uma situação inofensiva, mais terna do que outra coisa. Sentia-se um pouco curiosa, mas alguma coisa a travava, não sabia se eram as suas calças de poliéster, as camisas acetinadas que usava ou o ar de nunca ter saído da casa da mãe. De qualquer modo, durante essa aula, Soledad sentiu que os olhares de Iván se tornaram reconfortantes, como uma coisa conhecida. Sabia que não era totalmente invisível, que alguém ali olhava por ela. Nessa altura, o professor fez um comentário que lhe era dirigido e que tinha a ver com o seu cabelo molhado, traço de pouco profissionalismo, não desejável num engenheiro. Que mais se podia esperar das mulheres que, com tantos enfeites e laços, não percebiam a importância de viver no mundo prático, de tomar decisões pragmáticas, eficazes, rápidas. Soledad viu as palavras caírem ao chão como alcatrão quente e espalharem-se, chegando aos pés da sua cadeira. E viu também, pela primeira vez, o ódio nos olhos de Iván, que nesse momento não olhavam para ela. Soledad sorriu sem querer e o professor, que não estava à espera disso, expulsou-a da sala. Lá fora, no corredor, a ouvir a voz do tipo que continuou a dar a aula como se nada fosse, ela olhou para os sapatos e quase conseguiu ver o alcatrão dessas palavras impregnado nas solas. Pensou em Ana Gregoria, no que a sua professora diria deste senhor. O que a aconselharia a fazer. Soledad sabia que ela lhe diria para não fazer nada. Que não valia a pena, e era verdade. Mas Soledad queria fazer alguma coisa.

Encostada à parede do corredor, esperou que a aula terminasse e que todos os estudantes saíssem da sala. Evitou os olhares e as perguntas, particularmente as de Iván. Atenta, ouviu os sons que o professor fazia lá dentro, a apagar o quadro, a arrumar as anotações da aula que acabavam sempre espalhadas pela secretária, a fechar a pasta, a vestir o casaco. Nessa altura, Soledad abriu a porta e disse, sem fazer barulho, as palavras que tinha de dizer. O chamamento das almas, para que a rodeassem como um exército. E sentiu o ar estático como se o tempo parasse e viu, sem ver com os olhos, a multidão de sombras escuras que se juntavam à sua volta, que se erguiam altas como um bosque. Uma delas, mais alta e escura do que as outras, pôs-se atrás de si. Soledad já vira antes esta alma, no espelho ou no reflexo de uma janela, sabia que estava sempre ali, atrás dela, e às vezes sentia mesmo como a sombra lhe pousava a mão no ombro e a guiava para um lado ou para outro. Soledad desconhecia quem era aquela sombra, mas aprendera a não a temer, embora o seu aparecimento lhe arrepiasse a pele como quando saía de uma piscina. Rodeada e coberta, entrou na sala e fechou a porta. O professor ficou a olhar para ela sem perceber e depois pareceu que alguém tinha corrido as cortinas das janelas, apesar de as janelas não terem cortinas. O ambiente escureceu e Soledad avançou entre as sombras, rodeada pelas almas que lhe pegavam nas mãos, se agarravam às suas roupas e cabelo, que quase a levantavam do chão. Quando o professor retrocedeu até embater na sua própria secretária, Soledad deu o sinal, a palavra aprendida com a sua professora, e as almas abriram os olhos brancos, vermelhos, amarelos, os

olhos que não eram deste mundo, e olharam para o professor, que estava acororado no chão a chorar, a suplicar como uma criança, aterrorizado. Soledad sorriu, apreciando esse sofrimento. Aquilo era uma coisa que aprendera sobre si própria e que nunca revelaria a ninguém, mas ali na sala, de pé, quase em cima do professor que olhava para ela em pânico, permitiu-se gozar do medo alheio, do medo que conseguia provocar. Disse então a outra palavra, agradeceu às almas e estas desapareceram. Só a sombra grande, a mais escura, ficou ao seu lado enquanto o local voltava a iluminar-se com a luz cinzenta do céu que entrava pelas janelas. O professor continuava no chão a chorar quando Soledad saiu da sala. Lá fora, no corredor, a sombra voltou a pousar-lhe a mão no ombro e apertou um pouco. Depois desapareceu.

*

No resto do semestre, a matéria foi dada por outro professor, menos falador, mais cingido às teorias e à sebeta. Para Soledad, as aulas eram igualmente aborrecidas, mas alguma coisa mudara, já não tinha de suportar aquele professor e os seus comentários, que lhe causavam um ódio terrível no estômago, e Iván começara a conversar um pouco mais. Era como se no seu íntimo algo se tivesse movido, como que o tremor de uma coisa viva, e já não sentisse aquele medo asfixiante cada vez que se dirigia a ela. Às vezes esperava-a no corredor, sempre para conversarem sobre a aula, os trabalhos, se queria estudar com ele, dizendo-lhe que, se ela precisasse de ajuda, ele estava disponível. Soledad começou a perceber que Iván não tinha escuridão, que se revelava como era, nervoso, bom, demasiado obediente às normas, obcecado pelos estudos, por ser o melhor, por saber sempre mais. Ela, pelo contrário, estudava o indispensável e nunca se preocupou em ser a melhor. Queria licenciar-se, arranjar um trabalho, ajudar os pais, que desde que vieram para Medellín com toda a família tinham uma vida dura. Deixaram a povoação quando o pai decidiu que não queria ver as filhas terminarem o ensino primário e ficarem à espera de que qualquer camionista ou polícia lhes propusesse casamento. De alguma maneira, Soledad compreendeu que Chepe não queria que elas se casassem com homens que as mantivessem na vila, dependentes, quem sabe se maltratadas, como muitas em Heliconia. Quando Soledad atingiu a idade de entrar no ensino secundário, Chepe pegou na família e foram para Medellín. Ali viveram, primeiro numa casinha pequena que ficava por baixo da casa da sua avó, em Manrique, e, mais tarde, arranjaram outra casa lá perto. Soledad quase não ia à rua, preferia ficar com as irmãs ou irem ao centro todas juntas, comprar uma peça de roupa ou um livro, quando sobrava algum dinheiro. Descobrira uma livraria onde trabalhava uma senhora que lhe recomendava livros, que lhe falava de poesia, de filosofia, e que mais de uma vez lhe ofereceu revistas com contos e poemas, porque sabia que Soledad a visitava para conversar, mas que não tinha com que comprar. A senhora recordava-lhe muito Ana Gregoria; embora fisicamente fossem bastante diferentes, irmanava-as a maneira de mover as

mãos e de falar. Se calhar a livreira também via, também sabia, também tinha os poderes. Mas Soledad nunca se atreveu a perguntar-lhe. Às vezes bebiam um café que a senhora fazia, usando uma meia de *nylon* como coador, e conversavam até começar a escurecer e Soledad se dar conta de que eram horas de ir para casa. Tinha medo dessa cidade tão grande onde não conhecia ninguém, com as portas das casas sempre fechadas e aqueles autocarros que rugiam como feras pelas ruas. Por isso não saía muito, só de casa para a universidade ou para a livraria ou, às vezes, a passear pela cidade com as irmãs ao sábado. Enquanto a senhora fechava a livraria e corria as portas metálicas que protegiam as vitrinas cheias de livros, Soledad esperava, olhando para ambos os lados da rua, dizia as palavras que tinha de dizer e as almas vinham ter com ela. A livreira despedia-se e Soledad interrogava-se sempre se ela as veria, a todas essas sombras escuras em seu redor, agarrando-lhe no tecido da camisola, no cós das calças, nas madeixas do cabelo, na alça da mala de cabedal, protegendo-a enquanto Soledad apanhava o autocarro que a levaria a casa.

A última aula do semestre foi quase tão longa como qualquer outra e Soledad não percebia que mais se poderia ensinar em duas horas que já não tivesse sido ensinado. Estava cheia de fome e tinha a certeza de que os colegas conseguiam ouvir os barulhos do seu estômago. Quando a aula terminou, saiu da sala e dirigiu-se para o corredor à direita. Nessa altura sentiu-a, a sombra escura, grande, contra as suas costas, que lhe pousava uma mão no ombro e a guiava na direção contrária, para a esquerda. Soledad habituara-se há anos a estas indicações, desde que a sombra começara a aparecer quando chegou a Medellín com a família. Encontrou-a pela primeira vez diante da igreja de Manrique, parada entre pessoas que não conseguiam vê-la, como se esperasse, e soube que aguardava por ela. Seguiu-a desde esse dia, ou seguiram-se, a sombra a Soledad e Soledad à sombra. A única comunicação era essa, uma mão no ombro, um impulso numa determinada direção. Desta vez para a esquerda, por um corredor onde Iván estava parado, à conversa com outros colegas. Soledad deixou-se levar e, ao passar ao seu lado, cumprimentou-o apenas com um movimento da cabeça e um sorriso, porque não queria falar com os outros. Passou a direito e, nessa altura, sentiu um puxão na alça da sua mala de cabedal, um puxão igual ao das almas, só que desta vez provocado por Iván, que se afastara dos outros para falar a sós com ela. Convidou-a para um café, fora da universidade, num local que ficava a uns três quarteirões, onde faziam uns folhados de queijo muito bons e muito caros que Soledad provara, quando muito, umas duas vezes na vida. Aceitou o convite, que vinha mesmo a calhar com a fome que tinha, porque estava curiosa com essa nova valentia que via nos olhos de Iván, porque ele disse saber o que aconteceu a esse professor que os deixara a meio do semestre mas, sobretudo, porque essa era a direção indicada pela alma e porque o pequeno puxão de Iván na alça da sua mala lhe pareceu familiar, um gesto entre duas pessoas que se conhecem há anos.

Pela primeira vez na vida, Soledad saiu da universidade acompanhada por Iván. Achou amorosa a distância prudente que ele mantinha entre os dois, como se não quisesse aborrecê-la. Tomaram o café com o folhado e Iván ficou com pedacinhos de massa no bigode. Estou a pensar rapá-lo, disse-lhe ele, desculpando-se e limpando-se com um guardanapo. Mas Soledad proibiu-lho. Não podes rapá-lo, não vês que vais parecer um tonto? Iván gostou daquela autoridade dela, uma forma forte de carinho, alguma coisa nele a interessava, e decidiu então seguir o seu conselho. Nunca tirou o bigode. Nunca, em toda a sua vida.

No autocarro que a levava do centro ao parque Manrique, Soledad não conseguia deixar de sorrir, mesmo que parecesse uma louca. A história que Iván lhe contou sobre o professor era como um triunfo absoluto, embora soubesse que nunca poderia partilhá-la com ninguém. O tipo ficara na sala a chorar até outro professor o encontrar ali deitado, parecendo possesso, a dizer incoerências, com a cara coberta de ranho, de lágrimas e de sujidade do chão. Só conseguiram controlá-lo quando a enfermeira do gabinete médico da universidade lhe deu uns calmantes. Mas, assim que o efeito passava, o professor voltava a ter ataques de pânico, chorava desconsoladamente, pedia ajuda, porque as sombras o rodeavam, dizia, gritava coisas que ninguém conseguia entender e depois arranhava os braços e as pernas, tentando livrar-se de alguma coisa que mais ninguém via. Piorava na presença da filha, que teve de evitar aproximar-se para não o incitar. Durante muitos dias a família tentou tudo, mas o professor não saía desse lugar estranho, desse medo paralisante que o destruiu por completo. Foi preciso interná-lo, disse Iván a Soledad, enquanto pagava a conta. Enlouqueceu sem mais nem menos. A família não sabe porquê e nenhum médico conseguiu acalmá-lo. Estão a pedir uma bolsa de estudos à universidade para a filha mais nova poder terminar o curso. Iván soube da bisbilhotice porque, além de estudar, trabalhava como assistente académico e ouviu-o da boca da secretária da faculdade.

Soledad teve de esconder qualquer tipo de reação e tentou parecer surpreendida, assentir, arquear as sobrancelhas quando Iván dizia alguma coisa particularmente importante. Mas ela já sabia. A sua intenção fora enlouquecê-lo de medo, metê-lo numa caixa onde todos os temores do professor o envolvessem até o asfixiarem. Na sala, enquanto se aproximava dele e o via deitado no chão a chorar, imaginara-o num caixão, numa gruta sem saída, num quarto sem janelas, numa cave. Fechado, fechado, pensou para consigo, e as almas fizeram o seu trabalho. O que Soledad não sabia era o que elas mostraram ao professor ao abrirem os olhos, que não era deste mundo. Isso era-lhe negado saber, era um segredo entre as almas, o professor e os seus medos, o seu passado. Enquanto saía do autocarro, tentava imaginar de que teria tanto medo esse senhor. Começou a subir a rua, porque a sua casa ficava ainda a quatro quarteirões, quando sentiu o puxão no ombro, a mão da sombra que a travava. E soube que não devia ir por ali. À distância, na outra

equina, viu um grupo de rapazes que se metiam sempre com ela e mais de uma vez tinham tentado apalpar-lhe o rabo, embora misteriosamente nunca conseguissem. Nessa noite estavam desaforados e Soledad, com a sombra escura atrás de si, soube que tinha de ir pelo caminho mais longo, contornando outros quarteirões para chegar à sua casa por trás. Sabia que estava acompanhada mas, como o professor, como Iván e como o resto do mundo, tinha medo.

Enquanto caminho através do parque, perseguem-me umas moscas que não sou capaz de afugentar. Insistem, mas eu ainda não consegui compreender os seus avisos. Oiço-as, embora não as possa ver na penumbra da tarde que se instala sob as árvores. Mas, entre os seus zumbidos, oiço também esses passos de animal grande, agora mais claros e ásperos do que nunca, mais próximos. Passos que me seguem e me alcançam. Nessa altura vejo-a. Uma cadela negra e enorme, que sai dos arbustos do parque e fica a olhar para mim como olham as pessoas, de frente, para a cara e sem titubear. Questiono-me sobre o seu tamanho, porque a pouca luz mistura as coisas com as suas sombras, mas aguço o olhar e apercebo-me de que não é uma cadela qualquer. Além disso, alguma coisa na forma das suas orelhas, nos olhos negros que quase não vejo, na respiração pausada e na forma de olhar para mim como se me reconhecesse me faz lembrar outra cadela, uma cadela de há muito tempo.

*

Mesmo tendo perguntado muitas vezes, nunca ninguém da família soube dizer-me por que razão a cadela da minha avó se chamava *Babalú*. Ninguém se lembrava se o nome viera com ela quando chegou, ainda cachorrinha, ou se alguém da família lho deu. Nem sequer se lembravam de onde saíra. Um tio disse que a tinha trazido para oferecer à mãe, mas as minhas tias contradisseram-no e mesmo entre elas não se punham de acordo. Que foi o avô que apareceu com a cadela numa das suas bebedeiras. Que não, que dessa vez o que trazia era um gato a que chamaram *Carlangas*. Que foi a avó que salvou a *Babalú* quando era uma cachorrinha. Que não, que a *Babalú* se limitou a aparecer vinda do monte, que um dia saiu de uns cafezais e se tornou amiga da *Gati*, a outra cadela, e que isso surpreendeu os avós, porque a *Gati* era arisca e não gostava de ninguém a não ser da minha avó, mas engraçou

com a *Babalú* e por isso ficaram com ela. Embora nessa altura os animais não fossem totalmente de ninguém. Nunca acorrentaram ou prenderam as cadelas, elas iam e vinham à vontade, mas percebiam que a casa dos avós era também a sua e ali dormiam, comiam e passavam a maior parte do tempo. Ali as conheci em criança, nessa casa no campo. Da *Gati* nem me aproximava, porque ladrava muito e mostrava os dentes. Mantinha-se ao pé da avó, que era o seu mundo. A *Babalú* era outra coisa. Era grande, o dorso chegava a meio da coxa de um adulto, tinha o pelo grosso, preto e comprido, com madeixas despenteadas por onde espreitavam algumas cãs, os olhos negros pareciam olhar pacientemente, mas quando nós, os netos, a aborrecíamos demais e a enraivecíamos, mostrava os dentes grandes e especialmente os caninos compridos, ameaçadora. Quase nunca se separava de nós desde que chegávamos a casa. Deixava que a montássemos como um potro, que lhe puxássemos o pelo, que dormíssemos com ela no chão e lhe déssemos comida nas nossas mão pequenas. Apesar de não estar doente, a *Gati* morreu semanas depois de o cancro levar a avó. A *Babalú* durou mais. Acompanhou o avô quando este deixou a casa no campo e foi viver numa casa da aldeia, perto da praça. Acompanhou-o nesses anos lentos em que a sua saúde se foi degradando, ajudada pelo álcool. Mas soube morrer antes de o avô, já meio paralisado, deixar a aldeia para ir viver com as minhas tias em Medellín. A *Babalú* acompanhou-o enquanto foi necessário e depois partiu em silêncio. Neste momento já nem me lembro como foi a sua morte, quem me contou ou o que aconteceu ao seu corpo. Sinto uma tristeza estranha quando penso na cadela, a imagem da *Babalú* sempre permaneceu em mim sem se desvanecer, mesmo sendo uma lembrança de há tantos anos. Por isso me assusto agora, diante desta outra cadela que me persegue pelo parque, porque é idêntica à da minha memória.

Aparece-me ao fim da tarde, depois de eu ter ido comprar *arepas* feitas em fogão a lenha ao senhor que as vende perto do parque, num Renault 4. Sai de trás de uns arbustos. Fico com medo, porque não sei se a cadela quer atacar-me e tento ver se alguém por ali é seu dono. Habitualmente há sempre cães grandes no parque, de pessoas que vão exercitar-se ou fumar uma ganza. Mas esta cadela está sozinha. É então que olho para ela, que olho para ela como se olha para as coisas conhecidas, de toda a vida. Não se trata afinal de ser parecida com a *Babalú*: é a *Babalú*. Os mesmos olhos escuros e pacientes, o mesmo pelo preto e grosso, salpicado de cãs, o mesmo tamanho. Quando está sobre as quatro patas, a cabeça chega-me ao umbigo e imagino que, sobre as duas patas, teríamos a mesma altura. A cadela aparece e fica a olhar para mim, porque sente o meu medo, mas, quando acalmo, ela aproxima-se lentamente e são esses passos, já familiares, que me seguem há dias. Assim que fica ao meu alcance, eu estendo uma mão e afago-lhe a cabeça. *Babalú*, digo, e ela abana a cauda. Olho de novo à minha volta, para ver se mais alguém consegue ver a cadela, para confirmar que não é outra coisa e que a parecença é só uma coincidência quase dolorosa. Mas estamos sós no parque.

Já é noite, está um pouco de vento e parece que estamos sozinhas no mundo, mas sinto-me tranquila, protegida talvez. Há um silêncio estranho no ar, nem o vento que me arrefece os braços faz nenhum som, nenhum assobio. Não passam carros nem se vê ninguém ali a fazer exercício. O mundo esvaziou-se de repente. Ficamos assim muito tempo, a reconhecerno-nos, até se acender a iluminação pública e eu conseguir ver, à luz amarela dos candeeiros, a sombra da *Babalú* projetar-se sobre a mata escura. Comprida e enorme, é impossível ser a sombra da cadela que tenho à minha frente. Parece a sombra de outra coisa, sem forma definida, que quase não se move, sempre alerta. Sei que nela, na *Babalú*, há uma ameaça, uma escuridão que palpita, e que a *Babalú* é também outra coisa. Nessa altura, aparece um senhor que atravessa o parque e a sombra que se estende como um regueiro desaparece. No seu lugar está a sombra da cadela que olha para mim, expectante.

Durante os primeiros dias com a *Babalú* vou-me habituando a viver com a cadela. Tenho de conhecer a sua maneira de ser, os seus sinais, mas, sobretudo, tenho de me acostumar à sua presença. Sinto que o seu aparecimento é como o regresso de um ente querido que não via há mais de vinte anos, simultaneamente próximo e incómodo. Acho que a conheço, que a percebo, quase como se o corpo do animal tivesse deixado um vazio na minha memória que esperava ser preenchido e que agora que finalmente voltou, tudo se sente mais tranquilo, completo. Mas também me custa um pouco a presença constante da *Babalú* ao meu lado, na minha cama, no meu apartamento, e tenho de aprender a não ter medo dos seus passos quando me segue. Depois de tanto tempo sozinha, qualquer outra presença pode, por vezes, ser excessiva. Enquanto estamos sós, a *Babalú* descontraí, a sua sombra dilui-se nesse borrão estranho que vi no parque, mas quando vamos à rua a *Babalú* parece uma cadela qualquer. Gosto de andar com ela, sinto-me segura. Talvez por o seu porte impor respeito. Desde que ela apareceu, passeio mais à noite, à procura de ar fresco, depois do calor dos dias.

A *Babalú* não come, não urina, não faz cocó, e a minha mãe apercebe-se disso. Trouxe-a ao apartamento, ou melhor, ela seguiu-me. Quando apanhei o autocarro perto da minha casa, senti que a *Babalú* se desmaterializava, desaparecia, reaparecendo ao meu lado quando saí diante da portaria do prédio da minha mãe. Ela diz-me que a *Babalú* é um espírito. Acredita, insiste. As duas vemos como a Estefanía brinca com a cadela no relvado diante do terraço.

– Nesse caso, como consegue a Estefanía vê-la? – pergunto-lhe. – Eu nunca vi o teu espírito.

– Isso é a cadela que decide. Deve ser também por a Estefanía se dar mais com os animais.

– Mas ela não tem os olhos abertos.

– Não, ainda não. Não sei se irão abrir-se. Embora ela tenha qualquer coisa, uma mão boa para sarar.

– A mão que cura – digo, sem saber se a minha mãe me compreenderá.

Nunca disse isto à sua frente, mas não me surpreende que sorria.

– Onde foste buscar isso, pirralha?

– Não sei, ocorreu-me simplesmente.

– Hum... achas que sou tonta? Fazes o favor de me dizer onde foste buscar isso.

Eu não sei o que responder e fico a olhar para a Estefanía e para a *Babalú*. A minha irmã pensa que decidi adotar a cadela, talvez como uma forma de ultrapassar o luto do papá. E embora para ela seja só uma cadela, o facto de conseguir vê-la já diz muito. A maior parte das pessoas nem se dá conta de que a *Babalú* está presente, a não ser que ela queira mostrar-se aos outros, como quando caminhamos à noite ou quando sente uma ameaça. A *Babalú* guia-me e eu aprendi a compreender as suas indicações. Quando não quer que eu vá por um caminho, solta alguns ganidos e morde-me a mão, devagarinho, para me fazer parar. Quando quer dizer-me por onde ir, vai à minha frente e olha para mim até a seguir. Quando está frio, dorme comigo na minha cama, mesmo que ela não precise de dormir. Eu acho que ela gosta de brincar a ser cadela, de habitar o corpo da *Babalú*.

– Deste-lhe esse nome por causa da cadela da minha mãe, não é verdade? – pergunta-me a mamã, para que a conversa não esmoreça quando percebe que não quero falar da mão que cura.

– Não, *mã*, não lhe dei o nome, o que acho é que são a mesma.

– Sim, também acho. Vejam lá, quem havia de dizer que a cadela da minha mãe era uma alma! Nem eu me dei conta disso.

– Tu sabes porque chamaram *Babalú* à cadela da avó?

– Do que me recordo é de que a minha mãe dizia que se lembrou desse nome sem mais nem menos, como se o soubesse sem saber que o sabia, percebes?

A minha mãe explica-me, mas eu já sei a que se refere. Isso aconteceu muito nesta família.

*

No entanto, não conseguimos explicar por que motivo as coisas que aconteciam no meu apartamento começam a passar-se também aqui, quando estamos as três juntas, ainda a lidar com os livros do pai, com as suas coisas e com o vazio que deixou. Aqui também as plantas morrem, embora não daquela maneira tão inexplicável como no meu apartamento. Aqui também há um pingo na torneira da cozinha que nenhum conserto consegue parar. Aqui também apodrecem as frutas e a casa aparece todos os dias cheia de pó, como se não a limpássemos há semanas.

A mamã insiste em passar as manhãs a conduzir, mas a Estefanía já conseguiu que ela não o faça todos os dias ou convence-a a que a deixe acompanhá-la enquanto eu fico sozinha no apartamento, na minha tarefa de catalogar livros. Com o passar dos dias, vamos construindo uma rotina à qual a *Babalú* se adapta sem problemas. As três acordamos cedo, neste

apartamento não há muita vontade de dormir. A Estefanía vai para o trabalho, a mãe sai de carro e eu fico diante das estantes. Nos dias em que a minha irmã não trabalha, convence a mãe a fazerem uma caminhada juntas e usa a *Babalú* como pretexto, diz que é preciso passeá-la e a cadela deixa-se levar, feliz por ser cadela. Mais tarde, quando é possível, almoçamos juntas por volta da uma. Depois, a mãe senta-se na sua poltrona a ler o jornal e a fazer palavras cruzadas. E eu continuo o meu trabalho. A tarefa é lenta, porque me distraio a ler fragmentos de cada livro ou as anotações que o meu pai deixou nas páginas. Num sítio ponho as torres de livros que vamos doar, noutro, a montanha de livros que queremos vender. Os restantes, aqueles com que queremos ficar, volto a colocar nas prateleiras, mas dou-lhes uma nova ordem, diferente da definida pelo meu pai. Uma ordem que não perpetue a sua presença, uma ordem que conte uma nova história.

Quase não falamos do que se passa cá em casa, é como se nos fizessemos as três desentendidas, mas todas nós sabemos. Sabemos que essa humidade pesada que se respira no apartamento, mesmo com todas as janelas abertas, é um indício. Sabemos que o bolor que começa a aparecer nas páginas dos livros é um indício. Sabemos que o frio invulgar nos quartos, mesmo que lá fora estejam quase trinta graus, é um indício. Sabemos, mas não dizemos nada porque perpetuamos essa mania de calar as coisas, e eu penso que isso talvez seja outro indício, um silêncio que nos afoga, que nos deixa sem ar, que nos afasta, mesmo que tenhamos voltado a viver juntas. O silêncio e a tristeza de cada uma foi gerando cá em casa uma massa escura, como um fumo negro que começa a mover-se entre os livros e as coisas do papá, um vulto sombrio de pena, de tristeza, de solidão, de frustração, de abandono, de esquecimento. Eu sei que a *Babalú* consegue ver esse vulto que se passeia pela casa fazendo ninho, e acho que foi por isso que a cadela apareceu, para nos proteger desse naufrágio. Decido ir ver Ana Gregoria porque talvez ela saiba alguma coisa, ou saiba o que fazer.

Tenho-a visitado regularmente, quase todos os dias da semana desde que falámos dos olhos abertos. Frustra-me que nem ela nem a minha mãe me expliquem as coisas de uma vez, mas percebo que há coisas difíceis de traduzir em palavras. Também me dou conta de que às vezes Ana Gregoria se distrai, como se de repente se alheasse da conversa. As funcionárias do lar dizem-me que é possível tratar-se de demência senil, que Ana Gregoria já é muito velha e é normal que a sua memória falhe. Mas, quando interrogo a professora sobre esses momentos em que estamos a conversar e ela se distrai, fica com o olhar perdido e deixa de responder durante algum tempo, ela diz-me outra coisa. É como se, de repente, eu aparecesse noutro lado, menina. O meu corpo continua aqui contigo, sentado nesta cadeira de rodas tão desconfortável, mas eu estou no segundo andar, diz-me. Ou lá fora, na rua. Ou em algum lugar do passado, na povoação da tua família, ou na casa da minha infância. Chamam a isso desdobrar-se, explica-me. Ouvi esta palavra um dia, no centro, a uma senhora que me vendia umas ervas muito difíceis de arranjar

na cidade. Essa senhora era boa para me trazer coisas raras, do monte, percebes-me? Coisas proibidas, ou melhor, escassas, mas muito importantes para certos trabalhos. Embora precisas de saber que temos de ser nós próprias a conseguir os ingredientes mais problemáticos, como as favas negras ou a terra de cemitério. Ana Gregoria explica-me que, quando isso lhe acontece, quando se desdobra sem querer, tem de caminhar de volta ao seu corpo e que, se se desdobra para muito longe, a caminhada é mais longa. É por isso que fico como que alheada, menina, porque não estou aqui, diz.

Essa é outra das razões pelas quais as minhas perguntas são muitas vezes respondidas a meias, e pelas quais me sinto às cegas nesta nova situação de ter os olhos abertos. Desde o dia em que tive a visão de Ana Gregoria rodeada de moscas, alguma coisa se distorceu no meu íntimo e agora acho que o meu futuro já não existe e que tudo o que planeei para a minha vida deixou de ter importância. A única coisa que me dá uma espécie de sentido é organizar os livros do meu pai, passear com a *Babalú* e visitar Ana Gregoria. Começo, conforme posso, a minha aprendizagem sobre os poderes a olhar para as palavras como objetos preciosos que podemos dar, receber e guardar, mas também a vê-las como bolas escuras e densas, como alcatrão, que podemos atirar e magoam, amaldiçoam. Começo a aprender que nada disto pode fazer-se sem sujar as mãos de terra e de sangue. Nestas conversas com a professora, ela fala-me da sua infância e depois da infância da minha mãe. Às vezes dá-me receitas que eu aponto num caderno, outras vezes diz-me as palavras que fazem acontecer certas coisas: abrir e fechar portas, invocar o silêncio, matar ou fazer crescer uma planta, fazer o sangue retroceder para dentro de uma ferida como um rio ao contrário. E outros dias não me diz nada e limitamo-nos a passear pelo jardim.

– Menina, vais ter de aprender sozinha, como eu – diz-me. – É que eu já quase não estou aqui. Todos os dias oiço a voz da minha mãe a chamar-me.

As palavras da professora soam pesadas e eu sinto que os espíritos dos velhos mortos à nossa volta estremecem, tiritam. Depois fica a pensar e, por momentos, julgo que voltou a alhear-se, mas vejo que coça a cabeça da *Babalú*, que se senta, ajuizada, ao seu lado, e sei que continua ali, no seu corpo, talvez à procura das palavras. Essa peste no apartamento da Sole, menina, é culpa vossa. E só vocês podem limpar essa casa, diz-me sem que eu lhe tenha contado nada. Por alguma coisa os poderes te abriram os olhos, filhinha. Mas fica atenta, porque, se continuas assim, eles também te podem comer viva.

A *Babalú* ladra duas vezes e de repente apercebo-me de que tudo à minha volta se ouve mais alto: os vermes da terra que escavam galerias nos canteiros, as folhas que se movem e caem com o vento, as abelhas e as moscas que voam entre as plantas, a respiração de Ana Gregoria e a minha. Também consigo ouvir o sangue nas veias, o vaivém dos cabelos nas cabeças, o som das peles contra o tecido das roupas, os carros lá fora na rua e o ruído dos motores. Oiço tanto que me atordo e sento-me num banco junto da

cadeira de rodas de Ana Gregoria.

Não somos nada, diz-me ela, as duas cobertas pelas sombras dos açacus do jardim. Ainda está sol, mas o calor foi diminuindo e eu tento concentrar-me nas palavras da professora e não nos ruídos que me explodem na cabeça. Não somos nada. Não passamos de um canal por onde corre o que é verdade. Tudo o que será já foi. Os poderes mostram-nos o que fazer para que volte a ser. Oiço estas palavras que ela já me disse antes, mas só agora, submersa no ruído de tudo, pareço compreendê-las verdadeiramente. Ana Gregoria fala de forma diferente, a voz é mais rouca, como se fosse uma voz de outros tempos. Sempre que tiveres dúvidas, mete as mãos na terra, diz-me.

*

Das histórias que a minha mãe me contava, filhinha, lembro-me de que dizia que Babalú Ayé é o senhor da lepra, da peste e dos cemitérios. O senhor que dá e tira as doenças. O senhor coroadado de moscas, que são as suas mensageiras. Com ele trabalha-se com os mortos, dizia a minha mãe que lhe tinham ensinado, embora ela não conseguisse acreditar no que contava. O meu pai arrancara-lhe os poderes à pancada. Também me dizia que se chama São Lázaro, mas eu prefiro o seu verdadeiro nome. Acompanham-no dois cães pretos e tem muito poder sobre a pele e os seus males. De repente, Ana Gregoria fala de seguida, como se dissesse palavras que lhe chegam de antes, e eu oiço-a em silêncio enquanto observo os olhos negros da cadela *Babalú*, ao meu lado. Os olhos que conheço desde pequena, em cujo fundo reside a escuridão mais escura de todas. Foi com certeza aí que foram buscar o nome da tua cadela, filhinha. Esta é a tua alma, uma alma poderosa e escura, uma boa companheira para o que te espera. Para tudo o que terás de aprender sozinha. Depois dessas palavras, ficámos ambas caladas. Para mim não parece haver uma resposta possível.

*

A *Babalú* segue quase sempre ao meu lado esquerdo. Saímos as duas do lar e decidimos ir a pé até ao apartamento da minha mãe. Percorremos a Rua Basura até acima, na direção do parque de Envigado, mas a cadela orienta-me, desviando-nos do caminho. Sigo-a até à praça do mercado e entramos as duas, apesar de saber que as pessoas só me veem a mim. No fundo de um corredor há uma portinha pequena rodeada de ramos pendurados de ervas secas. Conheço o local, comprei aqui várias coisas ao longo dos anos, sobretudo calêndula para a gastrite, sálvia branca e pau-santo. A lojinha é de um senhor mal-educado que só atende quem lhe apetece. A princípio nem reparava em mim, até que, de tanto insistir, me atendeu uma tarde, como se fosse a minha primeira visita. Venho cá muitas vezes e sei que ele me reconhece, mas nem sabemos os respetivos nomes. As transações são sempre simples: eu peço-lhe o que procuro ou pergunto-lhe se tem uma erva para isto ou para aquilo, e ele

dá-me o que necessito, dizendo a meia-voz palavras que não entendo. Diz-me o preço, eu pago e vou-me embora. Desta vez não imagino que vá ser diferente, exceto pelo facto de não saber o que procuro. A *Babalú* espera-me ao lado da portinha estreita, sentada; nessa altura vejo que uma mão vinda de dentro lhe acaricia a cabeça. O senhor também consegue vê-la. Sorri-lhe e dá-lhe um pedacinho de frango que está a comer e a *Babalú* engole-o, contente. Depois o senhor olha para a minha cara, acho que é a primeira vez que me olha para a cara. É um homem grande que a idade ainda não conseguiu vergar. Tem a pele queimada e enrugada pelo sol de anos e os olhos pequenos, cor de café, com a íris rodeada de um anel cinzento leitoso que anuncia a cegueira; lembra-me o avô Chepe, não sei porquê. Talvez por causa do cabelo branco e crespo, já escasso, pelo nariz largo ou pela grossura dos dedos. Cumprimenta-me com familiaridade, como se nos conhecêssemos há uma vida inteira, e diz-me que espere um momento, que já me traz o que vim buscar. Eu sento-me como um fantoche, como uma atriz que se esqueceu do guião da sua obra, porque não sei o que faço ali, limitei-me a seguir a *Babalú*, confio nela. Entre a confusão da loja, cheia de ervas secas, de velas, de bolsinhas para banhos da sorte, dos anjos, do dinheiro, do amor, dos negócios, e de frascos com líquidos escuros mal escondidos na parte de trás, o senhor junta um molho de ervas, reunindo raminhos de muitos lados, amarra-o com fibra vegetal e mete-o num saco de plástico preto. Mete também uma vela roxa e um frasco com tripas a flutuar numa substância opaca, avermelhada. Tripa de galinha negra, menina, diz-me, porque se dá conta de que eu não sei o que é. Com tudo isto está despachada, só lhe vai faltar a terra de cemitério, mas isso já é um problema seu. Eu aceito o que ele me dá. Sei que foi a *Babalú* que lhe disse o que procurávamos, com as palavras do pensamento. Sei-o como se sabem as coisas verdadeiras, com o ventre. Pego no saco, pago o que me diz e saio para a praça do mercado. Chamo a *Babalú* e ela vem para o meu lado. A *Babalú* anda comigo, penso. É ela quem cuida de mim, penso. Com ela posso passear à noite e nada me há de atacar, penso.

*

O que Ana Gregoria disse sobre limpar a casa ecoa-me na cabeça. Sei que já não podemos continuar a fingir-nos desentendidas, nem a minha mãe, nem a Estefanía, nem eu. Resta-nos aprender como fazer a limpeza da casa para expulsar esse vulto escuro que está a formar-se com o silêncio das coisas que calamos. Basta encontrar as palavras, pedi-las aos poderes. Eu e a *Babalú* caminhamos, evitando a avenida. Metemo-nos pelo bairro Obrero para descermos até La Magnolia e, nessa altura, lembro-me de experimentar as palavras que Ana Gregoria me ensinou, de as experimentar sozinha, sem a presença dela a guiar-me. Fecho os olhos para bloquear tudo em meu redor e a *Babalú* para o meu lado, protegendo-me. Eu invoco o silêncio para não ser ouvida, e baixinho, apenas mastigadas, digo as palavras que devo dizer para não ser vista. Tenho de tentar várias vezes, até, finalmente, o sentir sobre nós.

Decido meter-me numa loja que uma senhora tem na garagem de sua casa, onde em criança comprava gelados de manga verde. Entro na loja, sigo diretamente até ao fundo, mas a dona não vê que já estou na sua casa e que chego até ao quintal traseiro com a *Babalú* ao meu lado. O que sinto não é exatamente alegria, é uma emoção que parece um sismo, é a ideia fascinante e aterradora de saber ser invisível. O quintal está cheio de gaiolas com pássaros diferentes, pássaros que já vi mas cujos nomes desconheço, pássaros que não deviam estar engaiolados, isso eu sei. Penso na Estefanía, na sua reação selvagem se visse estes pequenos cárceres. Ao fundo, na extremidade do quintal, vejo uma porta fechada com uma corrente grossa e um cadeado. Tento então as palavras que abrem e fecham. Aproximo-me da porta e demoro mais de meia hora ali parada. Queima-me nos músculos o esforço que o meu corpo faz nesta luta, dói-me como se alguma coisa quente quisesse sair por cada poro, como se fervesse por dentro, até que consigo abrir o cadeado e a corrente cai ao chão sem fazer barulho. Sinto que é difícil ver sendo invisível, como se estivesse atordoada ou com os olhos muito cansados. Dentro do quartinho, a senhora tem uma certa quantidade de caixas de televisores arrumadas. Tenho a certeza de que não devem conter nada bom, sinto medo e decido não espreitar. Saio e fecho a porta. A corrente fica no seu lugar. Mas, antes de ir, peço à *Babalú* que espere por mim e, com as palavras devidas, abro todas as gaiolas do quintal. Abro-as, confiante de que os pássaros sairão a voar. Vejo-os espreitar, acho que hesitam, a liberdade não deve ser muito fácil. Não sei se neste estado de invisibilidade consigo emitir um ruído forte que os assuste e os obrigue a sair; então espero. A *Babalú* olha para mim e anda às voltas pelo quintal, não percebo se está impaciente ou vigilante, quer dizer-me alguma coisa, mas não sei que possa ser. Passado algum tempo, os animais dão-se conta, param na beira das gaiolas abertas e vejo-os estremecer, parecendo recordar o voo. Depois lançam-se ao ar. Mas, diante dos meus olhos abertos, cada um dos pássaros cai ao chão, todos eles mortos, como que eletrocutados, atingidos por algo invisível, e a cadela ladra, inquieta. Não sei se disse mal as palavras, talvez seja verdade que quem muito quer tudo perde. O corpo dói-me devido ao esforço e à visão dos pequenos cadáveres dos pássaros no chão do quintal. Penso novamente na minha irmã. Na sua raiva, se soubesse. Mas não posso contar-lhe nada, estas mortes engulo-as eu sozinha. Conto os pássaros, são dezassete. Dezassete pequenos fantasmas emplumados que, calculo, me perseguirão por uns tempos. Saio, silenciosa e derrotada, com a *Babalú* ao meu lado.

Umás ruas abaixo, entro numa taberna de músicas antigas que também conheci toda a vida. Há relativamente pouco tempo, entre estas duas esquinas, os homens do bairro organizavam lutas de galos ao domingo. Às vezes, eu vinha vê-las com a minha mãe. Nunca com o meu pai ou com a Estefanía. Creio que essas lutas de galos eram outro dos nossos poucos segredos. Peço uma cerveja e sento-me numa das mesas da esplanada a olhar para a rua, para os carros, para as varandas das casas repletas de plantas, com telhados de

telhas de barro que ainda sobrevivem entre prédios de três ou quatro andares que engolem as casas antigas. Sento-me a observar como a *Babalú* se deixa ver por outros cães que passam e como brinca com eles. A cerveja arrefece-me toda por dentro, mas não me reconforta da tristeza e da culpa que agora carrego e que pesam o mesmo que os pássaros. O fracasso tira-me as forças e a confiança que senti anteriormente. Não me faz nada, mas continuo a beber para ter alguma coisa que fazer e não chegar tão cedo a casa. Um tipo da minha idade que passeia um *poodle* francês, desses pequenos e olheirentos, pergunta-me se a cadela morde e eu digo que não. Já mais confiante, pergunta-me como se chama a cadelinha tão bonita e eu respondo-lhe, séria, que se chama *Babalú*, porque me choca que lhe chame cadelinha. Ele parece querer continuar a conversa, mas a *Babalú* percebe e rosna ao seu *poodle* francês, o que é suficiente para que ambos, o cãozinho e o tipo, se vão embora.

Estão a atravessar a rua quando passa uma dessas motas modificadas para que faça muito barulho. O cãozinho assusta-se com o rugido, foge a correr e a mota atropela-o, estripa-o sobre o pavimento, desfá-lo. Acontece tudo muito depressa, os gritos do tipo que chora, que suplica, despedaçado ao pé do seu cão. Mataram-mo, mataram-mo, grita, e esse grito devasta-me por dentro. Apesar dos dezassete pequenos cadáveres de pássaro que trago às costas, enquanto bebia a cerveja estava satisfeita por ter usado sozinha o silêncio para ser invisível. Mas agora essa sensação de triunfo desaparece. Fica apenas o sangue do cãozinho moribundo a tingir a rua. A *Babalú* exalta-se, olha para mim, ladra com insistência e depois começa a dar voltas em redor do homem e do seu cão, mas ninguém a vê. Eu compreendo o seu apelo, o seu pedido. Aproximo-me do homem, que já está rodeado de outras pessoas: alguém que o consola, alguém que chama um veterinário conhecido, alguém que liga para a polícia porque o condutor da mota desapareceu. Ninguém me vê ou ouve, porque invoco novamente as palavras para não ser vista ou ouvida. Ajoelho-me junto do cãozinho que está a morrer e que, de tão desfeito, nem consegue gemer. A respiração, gorgolejante, agita-lhe o pelo branco. Ponho a mão por cima dele, sem lhe tocar, acariciando apenas as pontas do pelo, húmidas de sangue. Aperto os maxilares e repito as palavras na minha cabeça e também na boca, movo a língua presa entre os dentes e faço força como se tentasse expulsar alguma coisa do corpo, com a vontade como uma corda que amarra o que quer controlar. Tento então essas palavras que Ana Gregoria também me ensinou, as palavras para pedir ao sangue que fique no interior, para lhe dizer que essa é a sua casa, que cá fora é só mancha, mau augúrio. O sangue do cão começa a mover-se um pouco, a borbulhar, embora quase não se veja entre tanto pelo, mas eu insisto e, finalmente, diante dos meus olhos, o sangue torna-se rio ao contrário, retrocedendo, de volta ao interior do cão, arrependido mesmo.

O tipo leva o cãozinho de táxi para uma clínica veterinária enquanto eu pago a minha cerveja e me vou embora com a *Babalú*. Chego ao apartamento.

A minha mãe e a Estefanía já estão a dormir. Lavo os dentes na casa de banho que antes partilhava com a minha irmã e que agora é a das visitas; nessa altura, sinto que alguma coisa passa pelo corredor em direção à cozinha. Uma sombra, mas não é ninguém. A *Babalú* sai do meu quarto com as orelhas de cão-espírito alerta. Acendo a luz da cozinha e vejo-a. Iluminada pelo círculo de luz fria do candeeiro do teto, vejo uma sombra negra, gasosa, que se move à procura de uma forma. Por instantes parece-me que é a sombra do meu pai, projetada quem sabe de onde. É a sua forma magra, a sua cabeça, os seus ombros um pouco descaídos, as suas pernas compridas, a maneira de sustentar o próprio corpo. Depois a forma dilui-se e volta a ser essa mancha pesada que há dias nos persegue pela casa. Avança na minha direção e atravessa-me para sair da cozinha. Eu sinto o corpo congelar por um momento, um gelo que raspa e que corta sai-me de dentro e penso que nunca mais conseguirei aquecer. Saio a correr, verdadeiramente assustada pela primeira vez em muitos anos, e faço o mesmo percurso que eu e a minha irmã fazíamos quando éramos pequenas e à noite tínhamos de levar a nossa roupa suja para o quarto de trás, para a pôr no cesto da lavandaria. Acendíamos todas as luzes para termos o caminho bem iluminado, púnhamos a roupa no cesto e saíamos a correr como almas perseguidas pelo diabo, e a cozinha e depois o corredor que dava para os quartos tornavam-se longuíssimos, eternos. Como eu era a mais velha, ia sempre atrás apagando as luzes, porque a energia é um recurso muito importante e o nosso pai ralhava connosco se a desperdiçássemos. Volto a sentir esse medo enquanto corro até ao quarto dos meus pais, agora só o quarto da minha mãe, abro a porta de chofre, meto-me na cama com ela, acordo-a e digo-lhe que o vi, que vi o pai. Para me acalmar, ela dá-me umas gotas de valeriana, talvez demasiadas. Só adormeço de madrugada. No dia seguinte, eu e a minha mãe tomamos o pequeno-almoço sozinhas, a Estefanía saiu cedo para o trabalho. Então aproveito e conto-lhe que Ana Gregoria manda dizer que temos de limpar a casa. Sei que ela sabe a que me refiro. Creio que perturbámos alguma coisa, *mã*, digo-lhe. Ou que as três aqui fechadas, tão caladas, sem falarmos das coisas, estamos a criar esta sombra que nos persegue. A mãe olha para mim, assente e atira a *Babalú* um bocado de *arepa*, que ela come, satisfeita.

– Eu também a vi – responde-me. – Apareceu-me ontem à tarde e sentou-se comigo no sofá.

– Era a sombra do papá?

– Não, filha. Parecia ele, mas eu sei que não era. O Iván não teria ficado preso como uma alma – diz-me. – Isso que está a rondar esta casa não é o Iván, é outra coisa, uma coisa escura que está a sair de nós, e a negra realmente tem razão, temos de limpar esta casa.

A minha mãe sentencia e eu confio que ela saberá como fazer essa limpeza, porque a mim não me ocorre nada. Falo-lhe então do senhor da praça do mercado e mostro-lhe o saco de plástico com as coisas que comprei. Ela reconhece tudo. Assim que lhe mostro as ervas, ela diz o nome de cada uma

delas, e quando tiro o frasco diz que são tripas de galinha preta. Por fim, entrego-lhe a vela roxa e ela fica a olhar para ela, acabando por dizer que talvez necessitemos de uma maior, de um círio, como os das igrejas.

– Só falta a terra de cemitério – diz, guardando tudo novamente no saco –, mas isso és tu que tens de arranjar.

Enquanto ela falava, Iván não conseguia concentrar-se por estar a observar-lhe os olhos, tentando perceber até que ponto eram verdes e fixar esses risquinhos cor de café, quase vermelhos, que os atravessavam. Às vezes custava-lhe responder a alguma das suas perguntas, porque sentia que se alheava da conversa e se tornava uma terceira pessoa que os observava à distância, aos dois, um casal bastante inverosímil. Olhava para ela, uma mulher linda, e depois para si próprio, magro, talvez demasiado narigudo, sempre um pouco inclinado para dentro de si mesmo, como se não quisesse incomodar, sobressair. Soledad ficou a olhá-lo, esperava uma resposta que ele não pôde dar-lhe porque, sinceramente, não tinha ouvido a pergunta. Estava longe, no outro lado da rua, a observá-los. Pediu-lhe que o desculpasse, que andava distraído, que não sabia o que se passava consigo nesse dia.

– Não era nada – disse-lhe ela –, estava a falar-te sobre o tabuleiro Ouija. Queria saber se acreditas em fantasmas.

Iván nunca fizera a si próprio essa pergunta. Na sua casa não se falava disso. Na sua casa não se falava realmente de nada do que Soledad queria falar nesse dia: de Oujias e fantasmas, de espíritos presos no plano material, de bruxas, feitiços, amarrações, ajudas e não sei que mais. Era muita informação nova, informação que não conseguia compreender na totalidade. Por isso, às vezes, concentrava-se nos olhos dela para se sentir ancorado. Além disso, continuava incrédulo por esses olhos, finalmente, o olharem de volta. O café em que estavam era o mesmo desde o dia em que começaram a sair, a três quarteirões da universidade se fossem pela Rua 70. Soledad gostava, porque vendiam uns folhados de queijo derretido que não se pareciam com nada que ela tivesse comido antes. Não era o café mais íntimo ou mais silencioso para terem este tipo de conversas, porque as pessoas entravam e saíam sem parar. Na verdade era mais uma padaria do que um café

e havia mais clientes na fila para comprar biscoitos e pão do que sentados nas cadeiras metálicas a beber alguma coisa. E eram justamente os da fila que lhes lançavam olhares estranhos quando conseguiam ouvir pedaços das suas conversas. Iván remexia-se na cadeira, pouco à vontade, mas Soledad parecia não se incomodar minimamente com isso, era como se não houvesse nada à sua volta. Ele gostava dessa característica dela, dessa segurança que sentia ao seu lado, como se mais ninguém e mais nada importassem. Algo que para ele era completamente estranho.

– Não sei se acredito, Sole. Nunca pensei nisso.

– Rapaz, nunca viste nada? – perguntou-lhe Soledad, insistindo sempre.

Nesse momento Iván não sabia ainda, mas pressentiu que depressa teria de se habituar a isso. Agradou-lhe a ideia, como uma leve onda de premonição. Às vezes acontecia-lhe, sentir-se diante da sombra de uma verdade, de uma certeza, mesmo que não tivesse provas. Iván fechou os olhos com força e apertou a cana do nariz entre o polegar e o indicador. Não percebia por que motivo a pergunta o inquietava, como se revolvesse as suas recordações mais antigas. Quando abriu os olhos o café estava cheio, a fila saía pela porta e o ruído tornou-se insuportável. Pediu a Soledad para se irem embora. De volta à universidade, Iván contou-lhe o que nunca contara a ninguém. No fim de contas, era o que andavam a fazer nas suas saídas dos últimos meses: contar coisas um ao outro, coisas que quase mais ninguém sabia. Mas isto que Iván lhe contava era diferente, nisto nem ele tinha querido pensar durante muitos anos, mas a pergunta de Soledad abalara-o.

– Na minha casa, eu e os meus três irmãos dormíamos num quarto do segundo andar. Era um quarto grande, com uma janela e uma porta que dava para uma varanda. Davam ambas para a rua. A minha cama ficava ao fundo, era a mais afastada da entrada, e daí conseguia ver todo o quarto, as camas dos meus irmãos, a janela, a porta que dava para o corredor e a que dava para a varanda. Na parede ao pé da porta, o meu pai tinha pendurado um espelho grande, com mais de dois metros de largura; ali se via o reflexo da minha cama ao comprido, era a única cama que o espelho cobria por completo, as dos meus irmãos refletiam-se fragmentadas, só os pés ou metade. Nenhum deles podia ver-se por inteiro, deitado, como eu. Lá em casa às vezes ouviam-se barulhos, coisas estranhas, mas não lhes ligávamos muito para não nos assustarmos; além disso, a minha mãe dizia que era o diabo e punha-nos a rezar ajoelhados, e com a dor nos joelhos de tanto tempo apoiados nos mosaicos ásperos fíamos perdendo o medo. O meu irmão mais novo dizia que no pátio interior da casa, o que ficava ao lado do corredor, havia uma senhora que não tinha olhos, só buracos negros na cara, que falava muito baixinho, e que foi ela que uma vez o convenceu a saltar do telhado do segundo andar. No salto partiu uma perna e a minha mãe desmaiou de susto. O meu pai fê-lo prometer não voltar a dizer essas mentiras e bateu-lhe nas pernas com o cinto, deixando-lhe marcas escuras e indeléveis na pele. Eu acho que a vi um dia, mas não sei, nesse momento cheguei a pensar que era a minha mãe. Tinha

muito sono e levantei-me para ir à casa de banho de madrugada. E, ao descer as escadas, vi-a de pé entre as plantas do pátio, a olhar para a parede. Achei estranho a minha mãe estar nesses preparos tão cedo, mas, quando cheguei ao primeiro andar e percorri o corredor até à casa de banho, já não estava ninguém. O sono venceu o medo, mas voltei depressa para o meu quarto. Passavam-se coisas destas, mas acho que nunca mais voltámos a dizer nada depois do que aconteceu ao meu irmão, só de nos lembrarmos da tarefa. Por isso nunca contei isto a ninguém. Foi uma noite, quando tinha uns dezoito anos. Acordou-me um calor terrível na cara, como se alguém estivesse a aproximar muito um grelhador aceso. O calor era insuportável e eu não conseguia mover-me. Isso nunca me acontecera, tive medo de estar paralisado. Só consegui abrir um pouco os olhos, mas não vi nada, o quarto continuava igual, com a luz apagada e os meus irmãos nas suas camas. Mas a porta estava aberta e deixava entrar um quadrado de luz que se projetava, perfeito, no chão, apesar de a noite estar escura. Nunca a deixávamos assim, o último a deitar-se fechava-a sempre, e isso assustou-me ainda mais. O calor aumentou muito depressa e já me sentia metido num forno. Soube que era o calor que me impedia os movimentos, o que quer que o gerasse mantinha-me preso. Nessa altura, vi no espelho a silhueta de um senhor com chapéu de aba larga, de pé junto da minha cama, a agarrar-me os tornozelos. Assim que o vi, senti o apertão das suas mãos. E já estava quase sem respiração quando se ouviu fora do quarto um ruído de passos, o homem ergueu os olhos e pude ver-lhe a cara no espelho. Só tinha olhos, toda a cara eram olhos que, do reflexo, olhavam para mim. Depois foi-se embora e, com ele, o calor. Levantei-me da cama e apalpei o corpo inteiro, que estava gelado. Fui até ao corredor, mas não havia ninguém, não sei de quem eram os passos. Não me atrevi a descer ao primeiro andar. Em vez disso, voltei para a minha cama, mas não fui capaz de dormir o resto da noite.

Soledad caminhou lentamente durante o trajeto restante. Iván nunca lhe contara nada assim. Não imaginou que ele pudesse sentir essas coisas. Quis dizer-lhe que não era paralisia do sono, como ele próprio o justificou mais tarde, mas não sabia como fazê-lo. Compreendia que Iván tentara arranjar uma explicação racional, para não enfrentar a angústia que acompanha o não saber, porque Iván queria saber tudo. Talvez mais tarde lhe explique, pensou Soledad. Chegaram à universidade em silêncio, mas, antes de se separarem, ela fez o que sempre se propuseram evitar no recinto do campus: abraçou-o. Encostado à porta da secretaria, Iván viu-a percorrer o corredor até à sala de aula. Não se importava que os seus colegas ou chefes vissem que estava a abraçar uma aluna. As coisas corriam bem e nesse semestre Soledad licenciarse-ia e não teriam de andar todo o tempo a esconder-se. Gostou do abraço, era como um lugar secreto só para os dois onde mais ninguém podia entrar. E gostou do silêncio de Soledad, que não menosprezou a sua história com explicações de paralisia do sono como ele fizera tantas vezes.

Soledad aproveitara o abraço para apanhar dois cabelos de Iván, caídos na gola da camisa. Enquanto se dirigiam para a universidade e ele lhe contava a história, ela viu-os e vigiou-os, esperando que não caíssem, porque ia precisar deles. Iván continuava a viver na mesma casa, a dormir na mesma cama, no quarto com os seus dois irmãos. E ela sabia que a história não era uma invenção, que a mulher sem olhos e o homem do chapéu permaneciam ali. Soledad queria proteger Iván e a única coisa que lhe ocorreu foi fazer-lhe um amuleto. Mas precisava de cabelo. Por isso mesmo, os três que se agarravam à gola da camisa eram tão preciosos. Iván licenciara-se há um ano e trabalhava como coordenador académico na Faculdade de Engenharia; também seria um dos jurados que avaliariam a sua tese no fim do semestre. Por isso ninguém devia saber que andavam juntos, não até ela também se licenciar. Era essa a razão pela qual tinham decidido não exibir demonstrações de carinho na universidade. No entanto, junto à secretaria, Soledad abraçou-o e, com um movimento rápido, agarrou-lhe nos cabelos da gola da camisa. Levou-os na mão fechada durante todo o caminho até à sala de aula e só quando se sentou na cadeira junto da janela é que a abriu e os viu ali, na palma. Com cuidado, fez uma espécie de sobrescrito com uma folha do caderno e meteu-os lá dentro. Depois fechou-o e pô-lo entre as páginas do livro de cálculo. Teria de fazer o amuleto sozinha, porque estava há muito tempo sem saber de Ana Gregoria. Sentiu a sua falta mais do que nunca, as tripas retorceram-se-lhe com as saudades que tinha da professora. A falta dela, o silêncio e não saber onde estava doíam-lhe quase todo o tempo, mas às vezes, como nesse momento, a dor aumentava, como se uma ferida se abrisse e aumentasse, expandindo-se pelo corpo, que sentia vazio, sem guia.

*

Embora Iván não fosse daqueles que usavam colares ou anéis, Soledad soube que tinha de encontrar uma maneira de ele aceitar usar a sua oferta e de nunca a tirar. Só se lembrou de tecer uma pulseira. Para fazer o trabalho, tinha de encontrar um espaço tranquilo onde não a interrompessem, pelo menos durante duas horas. A sua casa não era o local indicado, porque, mesmo sendo grande, uma dessas casas antigas de Manrique, estava cheia de gente que entrava e saía: os seus pais, irmãos, amigos dos irmãos, tias, avô, vizinhos. Na universidade também não podia fazê-lo. Soledad sentiu-se perdida no meio dessa cidade que continuava a parecer-lhe tão grande e, ao mesmo tempo, tão inóspita. Depois de tantos anos a viver em Medellín, ainda não encontrara um lugar. Sentia saudades do monte que rodeava Heliconia, da povoação e do silêncio que encontrava lá facilmente. Para ficar completamente só, bastava-lhe sair um pouco da vila e entrar no monte, meter-se nos cafezais ou subir riacho acima. Ali teria sido mais fácil fazer um trabalho como esse. Nessa altura, lembrou-se da livraria de dona Claudia, onde ia às vezes folhear livros que não podia comprar. A proprietária era uma espécie de amiga e Soledad estava quase convencida de que nela também habitavam alguns dos poderes.

Era estranho, porque nunca tinham falado disso, mas notava-se em dona Claudia, e quando Soledad a acompanhava à noite, ao fechar a livraria, escoltada pelo chamamento das almas, podia jurar que Claudia também as via, mesmo que fosse pelo cantinho do olho, que é como se veem as coisas secretas.

Uma tarde, depois das aulas, Soledad foi até à livraria e ficou ali a conversar e a beber café com dona Claudia. Começou então a perguntar-lhe, como quem não quer a coisa, se ela tinha livros de bruxaria ou se acreditava nessas coisas. A livreira apontou para uma secção pequenina e meio escondida de livros esotéricos e de astrologia e Soledad foi ficando apreensiva, decepcionada.

– Isso não é bruxaria – disse-lhe.

– Eu sei, Sole, por isso ponho esses livros na prateleira de baixo, para não serem muito visíveis.

– Ah, bom. É que eu estava a referir-me a outra coisa – insistiu Soledad.

– O que tu fazes, Sole, não vem escrito nos livros, como bem sabes.

Dona Claudia disse-o como se de uma coisa banal se tratasse e Soledad ficou mais sossegada por saber que não teria de lhe explicar. Mesmo que não tivesse problemas em mentir quando era necessário, não queria esconder nada de dona Claudia. Sempre fora muito amável com ela, deixava-a ler livros sem ter de os comprar e às vezes oferecia-lhe revistas sobre literatura e feminismo, publicadas por um grupo de mulheres da cidade, de que Soledad gostava muito, sobretudo pelas ilustrações da capa. Um dos números trazia o desenho de uma mulher de olhos grandes, com o cabelo feito de ramos. Nas mãos segurava uma corda que a rodeava como um círculo, que ela quebrava, e no peito via-se-lhe um bosque. Sob o seu casaco, junto às pernas, espreitava um pássaro enorme. Assim que a viu, Soledad sentiu que era uma bruxa. Essa foi a primeira revista que dona Claudia lhe ofereceu.

– Preciso de fazer uma coisa e queria saber se me podia ceder a livraria por algum tempo, depois de fechar – explicou-lhe Soledad, sem saber como lhe dizer o que queria. – Não toco em nada, necessito apenas de um espaço vazio e silencioso.

Claudia não fez mais perguntas. Limitou-se a dizer-lhe que sim, desde que ela ficasse a acompanhá-la. Não achava bem deixar uma rapariguinha tão nova sozinha na sua loja, muito menos a essas horas, porque alguém podia entrar. Soledad acedeu, embora ambas soubessem que, se Soledad não quisesse, ninguém conseguiria magoá-la. Dona Claudia comprometeu-se a não dizer uma palavra, a não fazer perguntas e a ficar a ler nas traseiras, enquanto Soledad fazia o que tinha de fazer. Depois de fecharem a loja, as duas afastaram algumas mesas com livros para criar um espaço vazio onde Soledad pudesse trabalhar. Depois, dona Claudia dirigiu-se para as traseiras com um livro debaixo do braço.

Soledad estendeu no chão um pano roxo que trazia na mala e foi tirando os artigos com que ia trabalhar. Uma corda velha e desfiada que herdara de

Ana Gregoria antes de esta deixar a povoação. Fá-la render, menina Sole, dissera-lhe. Esta é uma corda de enforcado, é muito poderosa e muito escassa, muito mais difícil de arranjar agora do que há anos. Agora matam as pessoas de outras maneiras. Também tirou os cabelos de Iván, guardados na folha do seu caderno. Um fio vermelho, dos que a mãe usava para bordar as toalhas de casa. Uma vela azul-escura, como a noite quando há lua, como dizia Ana Gregoria, e a navalha de bolso que o pai lhe tinha oferecido. Em silêncio, porque sabia que enquanto durasse o trabalho não poderia sair nada da sua boca, Soledad pediu aos poderes as palavras adequadas e estas surgiram-lhe na cabeça como pensamentos, como se as tivesse descoberto escondidas e as reconhecesse, por terem estado sempre ali. Fez o apelo às almas e estas rodearam-na como um exército de sombras que silenciou tudo. Começou então o seu trabalho: repetiu as palavras na sua mente como uma oração, como um terço sem deus, acendeu a vela azul em cima de um pratinho de barro cozido, tirou dois fios da corda de enforcado e, juntamente com o fio vermelho, entrançou-os numa trança apertada e bem feita. Quando terminou, pegou nos cabelos de Iván e queimou-os na chama da vela. Com a ponta da navalha, picou o dedo anelar da mão esquerda e deixou cair duas gotas de sangue sobre a chama, com cuidado para não a apagar. Depois cobriu a trança com a cera azul da vela. Sempre a repetir mentalmente as palavras e sempre em silêncio. Já está pronto, disseram-lhe os poderes, disseram-lhe as almas e disse ela a si mesma. Já está pronto. Disse as palavras que tinha de dizer, as almas desapareceram e toda a livraria foi sacudida por um vento que surgia das próprias entranhas da loja. Nessa altura, dona Claudia surgiu das traseiras e ajudou Soledad, que se sentia fraca e atordoada, a guardar as suas coisas. Precisava de dormir. Como a essa hora não havia autocarros para Manrique, dona Claudia levou-a a casa num Lada Niva branco e deixou-a à porta sem fazer perguntas.

Soledad dormiu todo o dia seguinte, não foi às aulas e Iván ficou preocupado com a falta terrível que não a ver lhe provocava. Por isso, quando voltaram a encontrar-se no café habitual passados alguns dias e ela lhe disse que tinha um presente para ele, Iván não teve muitos problemas em pôr a pulseirinha que ela lhe ofereceu. Tive saudades tuas, disse-lhe, e soube que, desde esse dia, poria qualquer coisa estranha que ela lhe desse para poder senti-la ao seu lado.

Estamos há quase uma hora às voltas pelo jardim do lar e Ana Gregoria não disse uma palavra. Hoje não está dentro dela. As enfermeiras avisaram-me assim que cheguei, disseram-me que hoje estava alheada, mas eu insisti na mesma em ficar. Nunca sabemos quando lhe volta a palavra; além do mais, é bom que apanhe sol e vento, que não fique fechada todo o dia no quarto. Suponho que deve estar longe, vê-se-lhe nos olhos abertos que não olham para lado nenhum, que não têm fundo. Até a *Babalú* se apercebe e não se aproxima para que ela lhe coce a cabeça, porque sabe que Ana Gregoria não está ali, naquele corpo já decadente. Sento-me num dos muretes que bordejam os canteiros e ponho a cadeira de rodas da professora ao meu lado. Não sei que mais possa fazer, é indiferente ir-me embora, mas o dia está fresco pela primeira vez em muito tempo e o jardim é como um pulmão secreto no meio da confusão dos carros, das pessoas e do barulho. Um jardim secreto, mais cheio de morte que de outra coisa, mas, mesmo assim, bonito. Sentada, posso dar-me conta do que acontece quando só os mortos se passeiam entre as plantas: elas reagem de forma diferente, movem-se a outro ritmo. Agitam-se, eriçam-se. Os ecos da morte permanecem no nosso mundo, estão por todo o lado, misturados com a vida, e as plantas sabem-no. Tal como o toque de uma mão viva, elas também sentem o toque das mãos das almas. Recordo-me então da conversa que tive com o meu pai na noite em que morreu. Disse-me que o Alzheimer era um labirinto onde estava perdido, um labirinto onde não conseguia encontrar o centro ou a saída, e penso que a morte deve ser assim para as almas, que ficam como que atoladas na lama deste mundo, existindo sem realmente existir. Ao longe, junto à porta da entrada, vejo a mesma enfermeira que me recebeu na minha primeira visita, a que me pegou na mão quando era criança. Já quase se desvaneceu completamente, porque os fantasmas são um pouco assim, como ecos cujas ondas se desfazem

inevitavelmente com o tempo. Como estou a olhar para ela, para a enfermeira, não me dou conta de que Ana Gregoria volta a si e de que uma luz se altera nos seus olhos. Pega-me de repente no braço com a mão e, por momentos, leva-me a pensar que é um dos espíritos que me agarra. Mas é ela, que se volta para me ver, como se acordasse de uma sesta muito profunda.

– Quase não chegava, menina – diz-me e eu olho para ela agradecida, aliviada, porque receava que a professora nunca mais voltasse. Então, ela põe as suas palavras na minha cabeça e pede-me, sem mover os lábios, que invoque o silêncio, porque ela já não tem forças.

Eu estendo a mão esquerda aberta, pouso-a no murete do canteiro entre nós e penso nas palavras que tenho de dizer. Tento concentrar-me várias vezes, porque é difícil fazer o que é preciso. Tenho de ser uma antena e dizer com convicção as palavras necessárias, aquelas com que se procura o silêncio, dizê-las como se o que peço já tivesse acontecido, porque tudo o que será já foi. É necessário pegar nos poderes com a mão, imaginar que são terra entre os dedos e moldá-los à vontade do silêncio. Nessa altura, sinto que da minha mão nasce um vento suave que nos cobre, a Ana Gregoria, à *Babalú* e a mim, e que afasta os espíritos que andam por ali, percorrendo o jardim, julgando-se vivos.

– A *Babalú* levou-te até ao senhor Gildardo, não é verdade, filhinha? – pergunta-me a professora com uma voz rouca, uma voz em desuso.

Apercebo-me de que, passados tantos anos, só agora fico a saber que o senhor da praça se chama Gildardo. A professora pergunta-me se lhe comprei as coisas para a limpeza e eu respondo-lhe que julgo que sim. Que lhe comprei o que ele me vendeu.

– Nesse caso, só falta a terra de cemitério – Ana Gregoria diz isto com o olhar perdido no fundo do jardim, como se estivesse a pensar numa simples lista de compras.

Depois a professora antecipa-se às perguntas que devem refletir-se na minha cara e explica-me que não pode ser qualquer terra. Há um procedimento a seguir para que funcione. Um frio agarra-me os ombros, o frio do silêncio que nos cobre, porque o silêncio também estremece perante as palavras que esconde.

– Olha, filhinha, tu tens de tirar a terra do próprio caixão de um morto. É a isso que se chama terra de cemitério. Não basta tirar qualquer porção de terra de um canteiro do cemitério, não. Tem de ser a terra de um caixão, caso contrário não funciona.

Eu fico pensativa, porque, com tudo o que tive de aprender nestas semanas sobre os poderes e as palavras que fazem as coisas acontecer e a terra que vibra debaixo da mão e a mão que vê as raízes na terra e que chama o sangue para regressar para dentro da ferida, creio que isto que Ana Gregoria me pede é o mais difícil, porque nem me passa pela cabeça como hei de tirar terra de um caixão. Sobre tudo nestes tempos, em que a maior parte das pessoas é cremada. Então pergunto-lhe como hei de fazê-lo e ela ri-se, goza

com a dificuldade da tarefa, com a minha preocupação. Isso já é um problema teu, diz-me, e agarra-me na mão direita, olhando para a palma, como se visse alguma coisa que a mim me escapa. Eu só te digo que peças o que necessitas, porque os poderes saberão. É sempre a mesma coisa, meias respostas. Nada é claro, por isso devo insistir, para ver se adquirei alguma compreensão com os pedaços que me vão sendo dados. Faço outras duas ou três perguntas, mas a professora não cede. Tens de pedir aos poderes a maneira de o fazer, repete, recusando-se a mais explicações.

Antes de me ir embora, quero aproveitar o facto de Ana Gregoria estar no seu corpo, presente, para lhe falar da mão que cura. Porque há dias que sinto uma culpa pegajosa que me asfixia cada vez mais; se calhar, é isso que se arrasta sempre atrás de mim, isso que traz a peste onde quer que eu vá e que faz as plantas secarem e o pó assentar. A professora olha para mim, porque sente que quero falar, porque sabe sempre tudo.

– Diz-me, menina, o que é isso que tens atravessado na garganta?

Liberto o que tenho no íntimo e, à medida que falo, vou desfalecendo. Falo da mão que cura e dessa noite com o meu pai, a última noite com o meu pai. Conto-lhe como se fosse uma confissão, que o matei, que lhe cortei as unhas dos pés que cheiravam a lama e que depois ele me pediu a mão que cura, mas que penso que a mão que lhe pus no peito não era a mão que cura. Digo tudo isto a chorar, porque estou a chorar, que o matei, que matei o meu pai e que ninguém sabe e que não sei como posso dizê-lo à minha mãe ou à Estefânia. E cubro a cara com as mãos, envergonhada com o que conto, pedindo-lhe a ela perdão, porque não posso pedi-lo à minha mãe ou à Estefânia, e ainda menos a ele, ao meu pai. Ana Gregoria pousa-me a mão na cabeça, como faz com a *Babalú*, e também sinto o nariz frio da cadela no meu joelho. Consolam-me. Ambas me acarinham, mas eu julgo-me imperdoável. O tempo alonga-se no jardim até eu deixar de chorar. Como o silêncio nos envolve, ninguém se dá conta, nem os vivos nem os mortos. Só eu, a professora Ana Gregoria e a cadela *Babalú* existimos nesse jardim secreto. As plantas à nossa volta agitam-se com um vento que não sopra e até os açacus deixam cair umas folhas. Todas elas ouviram também a minha confissão, o meu pranto. Todas elas sabem que eu o matei.

Ana Gregoria põe as minhas mãos entre as dela. Olha, filhinha, diz-me, ouve o que te digo, porque não vou durar muito. Levanta então as minhas mãos, obrigando-me a olhar para elas. Uma mão cura e a outra mão mata, diz. As duas juntas são os poderes, invocam-nos, contêm-nos, moldam-nos como barro. Nenhuma é boa ou má, porque às vezes a cura é uma maldição e às vezes a morte é bem-vinda. E Ana Gregoria, com uma habilidade que não corresponde à decadência do seu corpo, agarra numa lagartixa escura que passa ao lado, entre umas pedras do canteiro, depois pega na minha mão esquerda e pousa aí o animal. Não sei como nem porquê, mas sei que ela quer que lhe mostre que posso fazer o contrário do que fiz com o *poodle* francês atropelado. Olho para a lagartixa e digo ao seu sangue que saia. Sinto na mão

o mandado dado ao sangue, na minha mão aberta onde está o animal imóvel, enquanto começa a sair-lhe sangue pelos olhinhos e por fendas que se abrem na sua pele brilhante. A lagartixa contorce-se de dor, mas não foge, não consegue, está presa pela minha vontade. A mão que mata, diz Ana Gregoria. Sei que o animalzinho não vai aguentar mais e digo então as palavras que é preciso dizer para que o sangue se torne rio ao contrário e regresse ao corpo, habitando de novo o interior dos seus pequenos órgãos, dos seus frágeis tecidos. O sangue que está espalhado na palma da minha mão, em volta da lagartixa, retrocede, entra nela por onde saiu e as aberturas na pele fecham-se como se nada tivesse acontecido. Com a minha mão já limpa, pouso o animalzinho na terra e ele começa a correr e desaparece entre umas bromélias vermelhas. A mão que cura, diz Ana Gregoria. Apesar de ter sido eu a fazer o que acabei de fazer, de não saber como o fiz, olho para as mãos, assustada. Penso que os poderes têm um lado terrível, que fere sem misericórdia, e que tenho de compreender rapidamente. Os poderes são como um machete, que tem folha e gume.

O teu pai era um homem bom, filhinha, diz-me a professora. Sabia com quem estava casado e sabia as filhas que tinha. Ele pediu-te a mão que cura porque, com certeza, compreendeu que a sua cura era o descanso e tu deste-o. Tu curaste-o do esquecimento. O teu pai também tinha a mão que cura, mas não a mão que mata. Por isso os poderes atravessavam-no sem que ele conseguisse compreendê-los ou controlá-los. Tu, filhinha, não fiques preocupada, porque agiste bem. Sem conheceres totalmente os poderes, soubeste dar-lhe a cura da tua mão.

Caminho de regresso ao apartamento da minha mãe, acompanhada pela *Babalú*. Sinto-me seca, como se me tivessem chupado até ao tutano. Enquanto a levava de volta ao quarto, Ana Gregoria aconselhou-me a fazer a limpeza da casa o mais depressa possível. Essa coisa escura é uma peste, filhinha, avisou-me. Confirmou o que eu e a minha mãe já sabíamos, que aquilo que se passeava pelo apartamento não era o meu pai. Isso é a vossa culpa e o vosso silêncio que vão tomando a forma do teu pai, porque é ele quem vocês choram. Mas, se não tiverem cuidado, isso vai engolir-vos, menina. Ouve o que te digo.

Iván gostava da vida que tinha com Soledad. Habituararam-se muito depressa um ao outro desde que se casaram, como se já tivessem vivido juntos anteriormente. Noutra vida, disse-lhe ele um dia, para a provocar, porque ele não acreditava nessas coisas da reencarnação, embora nessa possibilidade houvesse algo que o intrigava. Gostava de colecionar histórias de pessoas que se recordavam de vidas passadas e de pormenores inacessíveis dessas vidas. Eram como janelas para esse mistério da mente que ele queria entender, destapar. Quando a relação com Soledad se formalizou e Iván se deu conta de que as conversas dela sobre espíritos, almas e espetros, sobre feitiços e trabalhos, ajudas e bruxas não eram casuais, mas parte integrante do que fazia com que Soledad fosse Soledad, ele comprou uma enciclopédia do paranormal que encontrou numa livraria do centro. Eram vários tomos que abordavam assuntos sobre os quais ele nunca tinha lido, como o terceiro olho, o fio de prata que une o corpo e o espírito e o risco de que, num desdobramento, ele se quebre se o espírito se afastar muito do corpo, ou como as mesas de pé de galo para invocar almas do além. Leu todos os volumes e tornou-se um especialista, mesmo em temas que eram alheios a Soledad, como a vida extraterrestre ou a reencarnação. Forrou cuidadosamente cada tomo da enciclopédia com umas capas plásticas que ele mesmo confeccionou. Estava obcecado em preservar os seus livros, em que as pontas não dobrassem ou se estragassem. Uma das poucas coisas que o horrorizaram em Soledad foi justamente o facto de, em vez de usar um marcador quando lia, marcar a página dobrando a sua esquina superior e fazendo Iván sentir que morria um pouco cada vez que isso acontecia. Como era possível que o amor da sua vida fizesse isso aos livros? Desde esse momento, Iván soube que a biblioteca seria a única coisa da sua vida destinada inevitavelmente a manter-se separada de Soledad. Quanto ao mais, tinham combinado partilhar tudo, tudo o que tinham

era dos dois, sem que interessasse quem o comprara ou quem fora o dono inicial, antes do casamento. Tinham pouco, mas era de ambos, porque juntos eram uma família e isso era o mais importante. Até os ordenados iam para uma mesma conta bancária. Só os livros tinham dono particular naquela relação.

Para Soledad o esforço foi diferente. Nunca tinha vivido com um homem a quem a mãe fazia tudo e teve de bater o pé desde o primeiro dia. Deixou muito claro que a roupa suja não saía pelo seu pé da casa de banho, que as toalhas não se mudavam sozinhas por outras limpas, que a comida não se fazia por magia, que a casa não se limpava ou varria por si mesma. Iván vivia concentrado nos seus livros, que lhe pareciam muito mais importantes do que ir às compras, limpar ou lavar a roupa e os lençóis. Mas Soledad não era uma mosquinha-morta e não se pôs com delicadezas ou pedidos. De pé na casa de banho, ao lado do pijama dele atirado ao chão, apontando-o com o dedo como se isso lhe provocasse a indignação mais absoluta, avisou-o de que só o faria uma vez. Nesta casa, as coisas são assim, Iván, e ponto. Vais ver. Dizia sempre isso, como uma ameaça que ficava no ar. Vais ver. E Iván aceitou, porque depressa sentiu o gume venenoso da língua da mulher.

Durante os primeiros anos, viveram num apartamento em Manrique, perto da família de Soledad, mas depressa começaram a falar em filhos e a tentar tê-los. O apartamento onde estavam só tinha um quarto e queriam poupar para um apartamento onde pudessem viver com esse filho que desejavam cada vez com mais empenho. Mesmo assim, tinham combinado que não tentariam ter filhos nos primeiros três anos de casamento, para viverem tranquilos e se amarem a sós, mas sabiam que a ideia era constituírem uma família em conjunto. Por isso se assustaram, quando começaram a tentar e a esperar todos os meses pelo resultado dos testes de gravidez, que nunca davam positivo. Talvez tivessem algum problema, talvez os seus corpos não estivessem feitos para ter filhos.

Esse era o medo de Iván ao entregar a amostra de sémen para exames complementares. Receava que a culpa fosse sua e magoava-o pensar que não iria conhecer aquela filha com habilidades mentais com quem sonhara há anos. Também fizeram exames a Soledad, para saber se era estéril ou se tinha algum problema. O médico marcou consulta para uma quarta-feira e, embora tenha sido Soledad a receber a chamada da secretária, não lhe surgiu nenhuma certeza sobre o que lhes diriam, mesmo que o tenha pedido. Pediu aos poderes para saber se ela ou Iván tinham alguma coisa no seu interior que os impedisse de ter filhos. Pediu, mas nada lhe foi dado. Pela primeira vez, não havia certezas. Soledad desligou o telefone depois da chamada da secretária, que lhes confirmava a consulta para a quarta-feira seguinte às quatro da tarde, e recordou o parto do menino morto há tantos anos, na povoação. Recordou ter pedido um bebé que estivesse vivo. Nunca lhe ocorrera que o seu destino talvez fosse não ter um bebé. Também se recordou da sua professora Ana Gregoria e a sua falta pesou-lhe porque, embora não a visse desde os onze

anos, o vazio que ela deixara em Soledad continuava fresco, uma ferida aberta que não sarava, uma dúvida que sempre a acoitava.

Estavam de mãos dadas, Soledad e Iván, quando o médico lhes disse que os resultados dos exames eram inconclusivos. Ou seja, Iván apresentava uma contagem baixa de espermatozoides, mas nada fora do normal. E que isso era tudo. Que talvez não concebesses pela pressão que impunham a si próprios. Que deviam descontrair e não pensar tanto no resultado; assim o filho acabaria por chegar. Soledad sentiu essa recomendação bem-intencionada como um muro. Outra vez a falta de certezas, nem sim nem não. Quando saíram da clínica, Iván convidou-a a comerem um daqueles folhados de que ela tanto gostava quando frequentava a universidade. Nenhum dos dois queria voltar ao apartamento, apesar de o terem estreado há pouco tempo, de ser grande, luminoso e lindo. Não queriam voltar porque o tinham comprado para ser a casa, o lar da família que procuravam ter, que se desfazia com as conclusões vagas do médico. O apartamento ficava num novo espaço residencial em Envigado, a sul da cidade. Estava rodeado por árvores altas onde vivia uma família de araras-escarlates. Tinha três quartos, uma grande sala comum, outra sala mais pequena onde Iván e Soledad puseram um sofá e o televisor, uma cozinha ampla, duas casas de banho e um terraço que rodeava quase por completo o apartamento. Soledad queria enchê-lo de plantas, torná-lo uma pequena selva. Mas nada fazia sentido se não conseguissem ter um filho. Há muito tempo que não iam àquele café próximo da universidade, mas, quando chegaram e pediram o mesmo do costume, foi como se o tempo não tivesse passado. Estar ali tranquilizou-os um pouco. Temos de descontrair, Sole, disse-lhe Iván. É tudo. Não temos pressa.

Soledad sabia que não tinham pressa, é verdade. Mas também era verdade alguma coisa no seu íntimo desejar um filho mais do que tudo. De modo que nessa noite foi buscar a chave escura que abria o seu cofre de veludo vermelho. Nele guardava Ana Gregoria, ou o pouco que dela lhe restava. Antes de se despedir, a professora deixara-lhe a corda do enforcado, o amuleto da pata do galo campeão e uma fotografia sua acabada de chegar à vila. Soledad guardara tudo nesse cofre tão bonito, que comprou com um dos seus primeiros ordenados. Queria um lugar importante onde guardar essas coisas tão apreciadas, as únicas que lhe restavam da professora. Não sabia dela, Ana Gregoria nunca lhe disse para onde ia quando abandonou a povoação, nem lhe deu pistas para a procurar. Só lhe disse que voltariam a encontrar-se no centro de Medellín, numa rua cheia de gente e de cafés. Por isso, cada vez que Soledad passava pela rua pedonal Junín, procurava-a atentamente, porque estava convencida de que um dia iria encontrá-la. Ana Gregoria prometera-lhe, mas esse dia não chegava. Abriu o cofre, sem saber muito bem porque o fazia, simplesmente para ver Ana Gregoria. Foi então que olhou para a pata de galo. A professora tinha a outra. Se calhar, podia chamá-la assim e ser ouvida. Esperou pela noite e que Iván fosse para a cama, porque costumava adormecer cedo. Quando ouviu a sua respiração compassada, foi

para o terraço com a pata de galo na mão. Não queria que o marido a visse fazer aquilo. Ela sabia que Iván tinha algumas desconfianças, que pressentia que Soledad tinha segredos, mas nunca perguntava e a sua mentalidade científica impedia-o de indagar assuntos que considerava supersticiosos.

A Lua estava quase cheia quando Soledad olhou para o céu. A noite estava limpa, mas não se viam tantas estrelas como no monte em volta da povoação. Com a mão esquerda, Soledad agarrou num punhado de terra de um vaso e espalhou-a no chão de tijoleira. Espalhou-a em volta até fazer um círculo e depois pôs-se de pé no seu centro, descalça. Com a mão direita, agarrou na pata de galo, entrelaçou os dedos às garras do amuleto e disse as palavras na sua mente, o chamamento das almas. Elas, o seu exército escuro, vieram ao seu encontro, rodearam-na e começaram a abaná-la, chamando a sua atenção. Puxavam-lhe pelo cabelo, pela bainha do pijama, pelo fio de ouro que trazia ao pescoço. Em frente estava a sua alma, alta, se possível ainda mais escura do que as outras. O céu cobriu-se de nuvens que escureceram a noite. Então, Soledad disse o nome da professora. Ana Gregoria, disse. Tragam-me Ana Gregoria. Quando terminou o pedido, varreu conforme pôde a terra do chão e limpou os pés descalços antes de entrar no apartamento. Meteu a pata de galo debaixo da almofada, caiu na cama como uma pedra e dormiu profundamente, sem sonhos.

No café, escolheram sentar-se num dos reservados mais distantes da rua, para terem privacidade. Foi estranho encontrarem-se, estando ambas tão iguais e tão mudadas. Estás na mesma, menina, disse-lhe a professora. Esses olhos travessos delatam-te onde quer que seja. Soledad também pensou que Ana Gregoria estava igual. Conta-me o que fizeste, negra, porque estás igualzinha, disse-lhe, e estranhou essa forma de se lhe dirigir, já adulta. Combinaram encontrar-se no exterior de um velho café da Rua Junín e, assim que se viram, abraçaram-se e ficaram ali, a chorar em silêncio, sentindo que, finalmente, a outra estava perto. O apelo às almas foi rápido. Passados dois dias, Soledad acordou com a certeza de que veria Ana Gregoria. A sua alma escura esperava-a ao pé da cama e guiou-a nessa manhã. Soledad não pôde explicar a Iván aonde ia, porque ela própria não sabia, mas disse-lhe que tinha umas voltas a dar. Saiu de casa seguindo a sua alma, e só quando esta lhe indicou que apanhasse o autocarro que ia para o centro, Soledad percebeu qual o seu destino.

Ana Gregoria parecia quase igual à época em que era professora em Heliconia, talvez com um pouco mais de barriga, não muita, e com as cãs a povoar-lhe a cabeça. Ela sabia que ia ser grisalha como a sua mãe. Mas no interior do seu corpo a história era outra. A professora sentia-se cansada, acabada. Doíam-lhe as articulações e tinha câibras constantes nas pernas. Além disso, estava a perder gradualmente a visão e, embora os médicos

dissemos que eram coisas naturais da idade, ela sabia o verdadeiro motivo disso. Os poderes vão-nos comendo, menina Sole, entregamo-nos a eles e eles dão, mas também tiram. Conversaram muitas horas, pediram café e folhados de queijo, mais tarde uns doces e depois uma infusão. Soledad disse à professora que escolhesse o que quisesse e Ana Gregoria revelou um prazer infantil em provar todos os bolos que ainda não conhecia. Ao anoitecer, quando a conversa entre as duas se desvaneceu num silêncio tranquilo, Ana Gregoria confrontou Soledad.

– Diz-me lá, menina, *pa* que me mandaste chamar.

Soledad não sabia como dizer-lhe, sentia-se egoísta porque a verdade é que procurara a professora por precisar dela.

– Nota-se assim tanto? – respondeu-lhe, prolongando o momento, mas a professora ficou em silêncio, esperando. – Preciso que me ajudes, que me ensines a fazer um trabalho, porque eu e o Iván não conseguimos engravidar.

– Ah, cheirava-me a uma coisa do género.

Soledad soube esperar que a professora digerisse o seu pedido e o aceitasse, avisando-a, no entanto, de que seria um trabalho árduo e difícil, com probabilidades de não funcionar.

– Mas o pior, menina Sole, é que, se der certo, a tua filha ficará prometida aos poderes. Vai ser deles. E eles vão tirar-ta quando lhes apetecer – disse-lhe Ana Gregoria, tentando que Soledad compreendesse e refletisse bem, porque o trabalho que lhe propunha não era um qualquer. – A menina será tua – afirmou –, mas vai pertencer também aos poderes. E tu aí não te podes meter, menina Sole. Tiram-ta porque sim.

*

Depois de calcular a próxima lua nova e de conseguir o necessário para o trabalho, Soledad disse a Iván que iria por três ou quatro dias à vila visitar os pais. Ele entendeu, mas soube que sentiria saudades dela. Na realidade, assim que saiu do seu apartamento, Soledad foi ter diretamente com a professora. Ana Gregoria vivia numa casa de adobe, numa colina dos arredores de Sabaneta. Vivia de vender *arepas* e ovos frescos de umas galinhas que tinha. Mostrou-lhe a casa com orgulho. Era simples, mas era a sua casa, disse-lhe. Comprara-a há pouco, porque estivera fora da cidade durante muito tempo. Quando Soledad lhe perguntou onde vivera todos esses anos, Ana Gregoria só lhe disse que andara metida no monte. Não quis dar mais pormenores e Soledad percebeu que não devia perguntar. Só de vez em quando usava os poderes com pessoas que necessitavam, ganhando assim um dinheirinho extra para beber uns runs no parque. Tinha uma vida calma e isso fazia-a feliz. Madrugava para cuidar das galinhas e recolher os ovos, quando os punham, à tarde dedicava-se a fazer *arepas* e, à noite, um rapaz de Sabaneta vinha comprá-las para as vender no parque, numa loja. Também lhe comprava os ovos. E às vezes as pessoas procuravam-na, recomendadas por outras, e ela avaliava se o cliente valia ou não a pena. Eu cobro pelos

bruxedos, menina Sole, mas não a qualquer um, disse. Como o trabalho ia ser demorado, Ana Gregoria instalou-lhe uma cama num dos quartos traseiros, pôs-lhe ao lado um banquinho com velas como mesa de cabeceira e muitos cobertores, porque conhecia a sua antiga aluna e sabia que era muito friorenta. O trabalho tinha de terminar no domingo, por isso Soledad chegou a casa da professora na sexta-feira à tarde, levando uma bolsa com alguma roupa e parte dos elementos necessários. Ana Gregoria deu-lhe as boas-vindas e voltou a perguntar-lhe se tinha a certeza de querer fazê-lo. As duas sabiam que, enquanto decorresse o trabalho, não poderiam dizer uma palavra.

Nessa primeira noite tinham de fazer o preparado. Na cozinha, Ana Gregoria tirou um tacho de barro negro e pô-lo em lume brando num fogão a lenha. Nele, deitaram água da nascente do rio que a professora recolhera numa caneca lá em cima na montanha, onde nascia um riacho. Depois Ana Gregoria tirou uma úngula escura e deu-a a Soledad para que esta a raspasse com um pedaço de vidro e deitasse a raladura no tacho. Era a unha da grande fera, um animal negro e grande, maior do que um porco, que vivia monte acima, onde fazia muito frio. A unha da grande fera era um produto difícil de arranjar e que era preciso estimar para que não acabasse, mas este trabalho exigia-a. A professora nunca quis tanto que um dos seus pedidos aos poderes resultasse. Depois de acabar de raspar parte da úngula, Soledad cuspiu para o tacho e deixaram-no ferver. Após sete fervuras, já quase de madrugada, Ana Gregoria acrescentou uma raiz seca que tinha guardada num frasco de compota. Raiz da flor de lilolá⁷. Deixaram o tacho em lume brando, acrescentando um pouco de água quando era necessário, até ao nascer do Sol. Nessa altura, a professora tirou-o do lume e cobriu-o com um pano vermelho. Dormiram durante o dia e só comeram *arepas* com sal, que empurraram com água de rapadura.

Na noite seguinte, voltaram a pôr o tacho em lume brando e, por volta das três da manhã, Ana Gregoria acrescentou o segundo produto mais precioso, e o mais difícil de encontrar: a *covalonga*. Tinha acumulado várias ao longo da vida, porque andava sempre atenta, e, embora tivesse mais de dez, eram bastante escassas. Em alguns lugares chamavam-lhes pedras de Bezoar ou bezoares. As pessoas julgavam serem pedras que se tiravam do estômago das cabras e usavam-nas assim. Mas Ana Gregoria sabia que uma *covalonga* se fazia. Sim, eram pedras tiradas do estômago das cabras, mas depois ela tinha de realizar uns trabalhos muito desagradáveis que incluíam matar um gato preto, pôr-lhe as pedras tiradas do estômago das cabras em cada olho, enterrá-lo num cemitério, regá-lo durante três noites à uma da manhã e fazer o pedido aos poderes. Era longo o processo de fazer uma verdadeira *covalonga*, por isso eram tão valiosas. De uma caixa de madeira, tirou a maior de todas, deitou-a no tacho e depois, entre ambas, moeram a casca do ovo de uma galinha branca até ficar em farinha e juntaram-na também. Feito isto, Ana Gregoria dirigiu-se ao quintal traseiro e voltou trazendo uma gaiola com um pássaro verde e azul, um udu-da-amazónia que conseguira atrair dias antes, no

monte acima da sua casa. De madrugada, pusera-se entre as árvores e fizera o pedido, sendo honesta sobre a razão de o necessitar. Então, um udu-da-amazônia voou até aos seus pés e ficou à espera de ser agarrado. Ana Gregoria não achou que fosse uma coincidência terem de oferecer justamente este pássaro, a que as pessoas também chamavam Soledad. Nessa altura soube que o trabalho que fariam ia resultar e que era um trabalho importante. Soledad olhou para o pássaro sentindo-se triste e culpada, mas não disse uma palavra. Abriu a gaiola, enfiou a mão e o pássaro deixou-se agarrar tranquilamente. Ela pô-lo então sobre o tacho e, pegando numa agulha grossa com ponta, atravessou-lhe o bucho. O sangue do udu derramou-se pela mão branca de Soledad e caiu, gota a gota, na mistura que fervia no tacho. Quando o pássaro ficou quase seco, deixaram o preparado em lume brando até ao nascer do Sol. Nessa altura, tiraram-no do lume e voltaram a cobri-lo com o pano vermelho.

Soledad acordou depois do almoço, mas não tinha fome. Com as mãos, abriu um buraco na terra do quintal traseiro da casa e enterrou o pássaro, agradecendo-lhe em silêncio. Nessa terceira noite, Soledad desenhou com sal um círculo sobre a terra do quintal, terra negra e fértil. Bebeu três goles de infusão de flor de trombeta e esperou que Ana Gregoria saísse de casa com o tacho de barro e os dois últimos ingredientes. Do bolso do avental que usava para estes trabalhos, a professora tirou um recipiente de plástico, como os frascos de colheita das farmácias, com o sémen de Iván. Soledad roubara-o na última vez que foram fazer exames de fertilidade. Nesse momento, pressentira que talvez tivesse de usar os poderes para engravidar e soube que precisaria do sémen do marido. Então recorreu às palavras que há muito tempo não usava, para convencer a enfermeira a entregar-lhe uma das amostras. Pediu as palavras aos poderes, estas foram-lhe dadas como se tivessem estado sempre na sua cabeça, ela disse-as e a enfermeira não teve outra opção senão obedecer-lhe e entregar-lhe o que lhe pedia. Soledad apreciou esse pequeno instante de poder sobre a vontade de outrem e apercebeu-se de que sentia falta disso, desse tremor que lhe percorria o corpo quando usava os poderes sem contemplações, quando se deixava levar e o gume que tinha em si aparecia e cortava os outros.

Com a mão esquerda, Soledad verteu o sémen de Iván no tacho que Ana Gregoria pousara na terra. Depois, com ambas as mãos, abriu um buraco na terra, no centro exato do círculo que tinha desenhado. Já com o tamanho suficiente, a professora entregou-lhe um frasco que Soledad reconheceu dolorosamente de uma tarde da sua infância. Lá dentro, negro e velho, estava o cadáver de um nado-morto a flutuar num líquido escuro. Soledad teve de fazer muita força para abrir o frasco e, com delicadeza, deixou cair o feto no buraco. Um bebé vivo, por favor, pediu em silêncio. Depois cobriu-o de terra e deitou-se nua no centro do círculo de sal, mesmo em cima do bebé enterrado. A professora ajoelhou-se ao pé de Soledad, meteu a mão direita no tacho e começou a mexer o preparado na direção contrária à dos ponteiros do relógio. Depois, com essa mesma mão toda untada, lambuzou o ventre de

Soledad e as pernas de Soledad e os seios de Soledad e a vagina de Soledad. Tinham calculado bem o tempo, porque passava justamente da meia-noite. Durante as horas seguintes, Ana Gregoria repetiu o processo, untando o preparado pelas partes do corpo da sua aluna até se acabar o líquido e o tacho ficar vazio. Esperaram que a pele de Soledad secasse completamente ao ar e, de madrugada, Ana Gregoria deitou sobre Soledad cabaças com água da nascente para que ela se limpasse. Quando terminaram o trabalho, abraçaram-se e Ana Gregoria disse a Soledad que estava confiante no resultado. Fizemos tudo bem, menina Sole. Os poderes estão em nós. Dormiram o resto do dia e, à tarde, beberam um café escuro sem açúcar, como ambas gostavam. Combinaram ver-se de duas em duas semanas, para conversarem e tomarem alguma coisa no parque de Sabaneta. Tinham saudades uma da outra. Ao fim da tarde, ainda sem apetite, Soledad apanhou um táxi para voltar ao seu apartamento. Sentia dentro dela uma energia que palpitava.

7. Flor imaginária com origem numa lenda conhecida em Espanha e em toda a América de língua castelhana. (*N. da T.*)

De tanto invocar a cobertura do silêncio, já me parece ser a coisa mais fácil de fazer e sinto muito distante a época em que tinha de pedi-lo várias vezes para que me fosse concedido. O silêncio é uma manta que o corpo sente gelada, embora das mãos só saia uma brisa fresca quando o chamamos. Tudo se vê e ouve de um modo diferente quando se tem o silêncio a cobrir-nos. Com Ana Gregoria aprendi que há várias formas de silêncio. Há o silêncio para que não nos oiçam, disse-me numa dessas vezes em que estava presente, completamente presente, sem que a sua mente fugisse pelos corredores intrincados da memória e do passado. Esse silêncio, disse-me, é o mais simples de invocar. É necessário pedi-lo aos poderes e sente-se assim como uma brisa fria, que sai da mão aberta de quem o pede. Mas há outro silêncio mais complicado, que é o silêncio que afasta. Com ele, além de os outros não nos ouvirem, também não se atrevem a aproximar-se de nós. O terceiro silêncio é o mais difícil de invocar; é o silêncio que faz com que ninguém nos ouça ou nos veja. É um grande esforço que o corpo faz enquanto o executa, mas a prática faz o mestre, como dizia o meu pai, e eu tenho praticado este apelo ao silêncio todos os dias durante duas semanas, de modo que ele já me cobre quase naturalmente, à primeira, sem ter de pensar muito. É o mesmo que fazia quando era pequena e nadava duas piscinas seguidas sustendo a respiração sem sequer o propor, porque, de tanto o praticar, já me parecia normal. Enquanto espero com a *Babalú* numa padaria diante do cemitério, penso que, para mim, os poderes são como nadar. É um pouco incómodo metermo-nos na água gelada que, como um pedido concedido, nos cobre de frio. E os poderes exigem prática, técnica e repetição, como as braçadas. Também nos sentimos como se estivéssemos na água e flutuássemos num tempo e num espaço diferentes dos das outras pessoas. Peço um café sem açúcar e um *pandebono*, um pão de mandioca e queijo. Ainda não abriram o

cemitério, mas eu gosto de chegar cedo, de sair do metro e de tomar um café enquanto observo os outros, os vendedores de flores, os gravadores de lápides, as pessoas que madrugam a chorar, os que fazem montagens digitais das fotografias dos defuntos com entardeceres ou caricaturas para imprimir diretamente nas pedras que tapam os nichos. Gosto dessas montagens, dessas *collages* de cores histriônicas que disfarçam mal a tragédia escura e vazia da morte. As imagens com bebês são as mais terríveis e belas e, nestes dias em que aqui venho tantas vezes, habituei-me a passear um pouco pela ala das crianças, para ver essas obras de arte do luto.

Procuro o que nos falta para fazer a limpeza em casa, mas não é assim tão fácil. Tenho de ficar de guarda ao cemitério para saber quando vão exumar um cadáver depois dos quatro anos regulamentares de inumação. Até agora, nada; a maior parte das pessoas são cremadas aquando da morte. Parto o *pandebono* com as mãos, atiro um pedaço à *Babalú*, embebo outro pedaço no café quente e como-o. Gosto dele embebido no café. Repito isto até acabar o *pandebono* e, com dois golinhos, termino o café que me resta. Depois, com a *Babalú* ao meu lado, atravesso a rua, porque já vejo o zelador do cemitério a abrir as portas. Nos primeiros dias, entrava calmamente e comecei mesmo a cumprimentá-lo, porque reparei que me reconhecia, mas mais tarde apercebi-me de que me perseguia porque desconfiou, com certeza, de que queria roubar alguma coisa dali. E tinha razão. Por isso agora invoco o silêncio antes de entrar, enquanto atravesso a rua, e, ao chegar à porta, já nenhuma pessoa consegue ver-me ou ouvir-me. A *Babalú* faz o mesmo, porque sabe que os animais não podem entrar no cemitério, e acompanha-me durante todo o tempo sem deixar que mais ninguém a veja. Juntas, dirigimo-nos até ao local onde os trabalhadores do cemitério tomam o pequeno-almoço e bebem café, para ver se nas suas conversas algum deles menciona uma exumação. Além disso, dou uma vista de olhos a umas folhas que eles colam na porta da sua pequena cozinha, com os turnos de limpeza e de outros trabalhos. Nessa altura, um deles pergunta pela chave do armazém das ferramentas e eu percebo, a certeza atinge-me de chofre, para que precisa dela. É um velho gordinho que costuma transportar uma escada alta de madeira e cobrar às pessoas para limpar os nichos mais altos, para lhes pôr flores novas e tirar as teias de aranha. Sai da cozinha depois de tomar um café com leite e uma *arepa*. Coberta pelo silêncio, sigo-o até uma pequena divisão onde guardam as ferramentas de trabalho do cemitério, mas a *Babalú* afasta-se e desaparece entre as áleas solitárias, como se procurasse outra coisa. Eu vejo que o senhor agarra num grande carrinho de mão, onde coloca uma vassoura, e, de um canto onde está uma quantidade de ferramentas arrumadas, pega num machado bastante enferrujado, num maço grande e numa vareta de metal. Com tudo isto no carrinho de mão, percorre os carreiros do cemitério e eu sigo-o, invisível, até uma passagem na parte de trás, onde uma família espera em volta de uma nicho identificado com o nome Eustolia Rodríguez. O nicho é antigo, coberto de cimento nu, onde escreveram a tinta preta o nome da

falecida e as datas do seu nascimento e morte. O cemitério também é habitado por algumas almas perdidas, mas não são tantas como no lar. Julgo que as pessoas que se perdem ao morrer mais depressa ficam presas ao quarto onde expiraram do que à casa onde viveram toda a vida. Ao cemitério chegam, quase sempre, os corpos já vazios. Há uma ou outra por aqui que, mesmo com o silêncio a cobrir-me, consegue ver-me. Só reparei nisso há uns dias, quando a *Babalú* afugentou uma senhora que se aproximava com a mão estendida como se quisesse tocar-me. A boca secou-me e tive a certeza de que queria meter-se no meu corpo. A *Babalú* parou à minha frente e a sua aparência de cadela desfigurou-se e ergueu-se como uma coluna escura, como um ser alto e sem contornos definidos que afugentou a senhora, levando-a a esconder-se no interior de uma das campas mais antigas do cemitério. Mas hoje a cadela distrai-se, quem sabe por onde, e eu sinto medo, porque um rapaz olha para mim ao longe, eu devolvo-lhe o olhar e sei que está morto. Espero que pelo menos o silêncio que me cobre consiga mantê-lo afastado; não me agradam os seus olhos, doem porque estão vazios, são dois buracos negros que me olham, que me caem em cima como lanças. Concentro-me então no senhor gordinho, não tenho muito tempo. Ele calça umas luvas de trabalho e começa a desselar a cobertura do nicho a golpes de maço e vareta, partindo o cimento que a unia para a separar. Quando consegue fazê-lo, o caixão, que espreita pelo buraco na parede, fica à vista de todos os que ali estão. O senhor encosta o carrinho de mão ao buraco e, com uma perícia de anos de trabalho, tira o caixão, baloiça-o sem problemas sobre o carrinho e depois leva-o. A família segue-o em procissão e eu também. Misturo-me com eles sem que se deem conta e alcanço o senhor do carrinho de mão. Acompanho-o como a sua sombra. Chegamos a uma espécie de garagem aberta, um espaço atrás de todas as campas onde se veem umas mesas metálicas, máscaras e ferramentas para estes trabalhos de exumação. É ali que o senhor abre o ataúde. Lá dentro, envolto numa quantidade de tecidos que há muito tempo foram brancos, mas que agora estão cheios de manchas escuras, jaz o cadáver de uma senhora, de dona Eustolia. Os ossos misturam-se com a roupa com que a enterraram e com o pó escuro que a rodeia. Terra de cemitério. Coberta pelo silêncio, tiro da minha mochila dois grandes frascos de vidro. Apanha o máximo que puderes, filha, disse-me a minha mãe quando lhe contei o que ia fazer. Perdido por cem, perdido por mil, sentenciou. Agarro à mão punhados de pó e de ossos e vou-os metendo nos frascos até encher os dois. O primeiro com terra próxima da cabeça, o segundo com terra da parte de baixo, a que rodeia os pés. Têm funções diferentes, explicou-me Ana Gregoria. Guardo os frascos na mochila e afasto-me depressa, já cansada de suportar o peso do silêncio. Enquanto caminho, consigo ouvir atrás de mim os golpes do machado que cai sobre o cadáver para lhe partir os ossos. Por momentos penso que é um ato brutal e desrespeitoso partir à machadada a avó destas pessoas, diante delas, sem um ritual, sem pedir licença, sem pudor, mas depois recordo-me de que aquilo que fiz é pior, porque roubei uma parte da avó deles e a levo guardada

em dois frascos na mochila, como quem leva uma coisa qualquer que compra no mercado. A *Babalú* espera por mim à saída do cemitério, trazendo entre os dentes uma navalha ferrugenta e velha com punho de madeira. Não sei onde pode tê-la arranjado, mas aceito-a. Confio nela, na sua intuição, e guardo a navalha no bolso. Enquanto regresso ao apartamento, vendo a cidade que passa à minha frente através da janela do metro de superfície, penso que à noite farei uma oferenda de agradecimento a dona Eustolia Rodríguez, nem que seja só para diminuir a minha culpa.

*

Para a minha mãe já é inegável que a lama que se arrasta tentando agarrar-me os tornozelos, e que eu deixei entrar no seu apartamento, já me alcançou. E é incontestável que esse vulto que antes se passeava pela casa, esgueirando-se, nos procura agora abertamente, terrível na sua escuridão tão escura, no seu desespero de se parecer com a sombra do meu pai e com o meu próprio pai. A desgraça bateu-nos à porta, disse a minha mãe há dias, quando lhe contei que o ingrediente que faltava para a limpeza era a terra de cemitério. Durante algum tempo, fizemos o possível para que a Estefanía não notasse, ocupada como estava com o trabalho. Ela ia e vinha sem se aperceber dessa presença escura, sem notar o pó pesado, como que de anos, que se acumulava sobre todos os objetos, nem o bolor nos livros do pai, nem o cheiro a humidade. A *Babalú* afugentava a sombra quando esta rondava a minha irmã. Mas à tarde, depois do meu regresso do cemitério, a minha irmã vê-o. Vê o nosso pai de pé no seu quarto, a olhar para ela sem olhos, como nos diz. Está desfigurada, porque nunca na vida viu algo assim. Treme, chora e não é capaz de beber a água que lhe ofereço. Chora porque não compreende o que viu e porque nós recebemos a notícia como se não tivesse importância; a nossa ausência de surpresa assusta-a, afasta-a de nós, por pressentir que não lhe contamos tudo. Mas a mãe proibiu-me de dar explicações. A tua irmã não tem os olhos abertos, estes assuntos não são da sua competência, disse-me. Talvez fareje alguma coisa, talvez saiba que temos um segredo, mas é tudo. Nessa altura, lembro-me do que me contou Ana Gregoria a primeira vez que nos vimos. Mais cedo ou mais tarde, os poderes virão reclamar-me. A Estefanía fecha-se na casa de banho para tomar um duche; diz que isso, se calhar, a livra do susto ou da loucura. Nós esperamos, sentadas no sofá da sala pequena, diante do televisor desligado, porque a sombra deitou raízes na sala grande como se estivesse na sua própria casa. A *Babalú* deita-se aos meus pés e eu coço-lhe a cabeça, cada dia que passa a trato mais como uma cadela, um espírito-cadela.

– Mã, isso do trabalho que fizeste para eu nascer, é verdade?

– Sim, filha – responde-me. – Por isso eras tão frágil, sempre adoentada. Eu sabia que a dada altura viriam buscar-te, mas fiz uns trabalhinhos, tive umas ajudinhas para atrasar a coisa.

Não sei muito bem o que fez, mas percebo que usou os poderes para me

curar de tanta doença que eu tinha em pequena, e que os usou também para me bloquear os olhos, para que não se me abrissem muito cedo.

– Para que não te levassem – diz-me. – A tua irmã, no entanto, é diferente, ela não tem porque saber. É normal que a afete a doença desta casa, esta peste que nos caiu em cima; estranho é ter visto essa sombra.

A minha mãe está preocupada, porque se supõe que a Estefanía não devia dar-se conta de nada, mas, como parece que tudo isto está a fugir-nos das mãos, conclui que o melhor é explicar-lhe um pouco, nem que seja um nadinha. Esperamos que ela termine o seu duche para lhe dizermos que temos de conversar. Ela pede-nos que a acompanhemos ao quarto, enquanto veste o pijama; tem medo de voltar a vê-lo, ao pai ou a isso que se parece tanto com ele. Eu e a mãe sentamo-nos na cama dela enquanto se veste. Como pode, a mãe explica-lhe que cá em casa está a formar-se uma sombra escura que sai da nossa tristeza, do nosso silêncio, da nossa culpa. Diz-lhe que não é um fantasma, que é como a materialização do que sentimos. A minha irmã ouve-a em silêncio, com a mãe a tentar dizer-lhe sem lhe dizer, a apresentar-lhe razões sem chegar à parte em que tanto ela como eu temos os poderes ou à parte em que ela tem uma professora bruxa desde miúda. Chega ao fim conforme pode, à parte em que lhe propomos fazer uma limpeza no apartamento para nos livrarmos desta peste que temos em cima. Não lhe dizemos que entre os ingredientes há pó de um cadáver e tripas de galinha preta, optamos antes por apresentar a coisa como um ritual de cura, para que as três fiquemos em paz e para que elas as duas possam finalmente despedir-se do pai, uma vez que não puderam fazê-lo naquela noite no hospital.

A Estefanía aceita sem refilar, mas eu vejo-lhe na cara a sombra de uma suspeita e apercebo-me de que ela pressente mais do que diz, de que não foi em vão que cresceu neste apartamento cheio de pistas, de gestos estranhos que nessa época achávamos normais: as moedas nos cantos das molduras de fotografias e nos parapeitos das janelas; as notas enroladas entre as trombas de estatuetas de elefantes, com a pila sempre pendente; a ferradura em cima da porta; os frascos com líquidos estranhos que às vezes encontrávamos ao revistarmos a cozinha; os ossos de pequenos animais enterrados em algum vaso; os saquinhos de tecido que a mãe usava sempre e em que ninguém podia tocar; as plantas tão excessivamente férteis e frondosas e todas as estranhas infusões que a mãe fazia com elas. A Estefanía saiu ao pai: sabe, mas cala-se. A mãe vai à cozinha preparar uns cafés porque diz que a noite vai ser longa e a Estefanía olha para mim e pede-me explicações em silêncio. Eis a ligação que só se tem com quem se cresceu. Ela sabe que há mais alguma coisa no apartamento, mas também sabe que não lhe compete perguntar. Então eu peço-lhe que confie em mim, que é preciso limpar a nossa casa de uma escuridão que sai de nós mesmas e que é desta forma que temos de fazer as pazes com essa morte do pai, se não quisermos que aquilo nos engula vivas, fechadas neste apartamento. Eu sei que ela compreende, porque também se sente presa nestes longos dias de luto que a torturam, e diz-me que está bem,

que façamos o que temos de fazer, que ela seguirá a corrente desde que a mãe deixe de sair para conduzir como uma doida e que eu não continue obcecada com os livros. Desde que voltemos a ser nós próprias, eu faço o que quer que seja, afirma.

*

De um dos armários dos arrumos, a mãe tira um tacho de barro negro. Vê-se que é antigo, a parte de baixo está manchada pelo lume de anos. Põe-no sobre a boca acesa do fogão. Ri-se, porque nunca fez estas coisas num fogão a gás, e é verdade, o tacho de barro destoa na cozinha branca e moderna do apartamento. Caiu a noite e embora lá fora a vida continue – os carros passam pela rua, as pessoas vão correr depois do trabalho, as janelas dos outros apartamentos iluminam-se com a claridade dos televisores –, o nosso apartamento está todo às escuras. E a nossa é uma escuridão pesada e impenetrável, porque aquilo que se passeia pelos cantos já começa a dar-se conta do que pretendemos. Eu e a Estefanía iluminamos a cozinha com umas velas brancas e vemos a mãe trabalhar, enquanto ela põe o tacho em lume brando com três canecas de leite gordo, a que acrescenta três dentes de alho e as ervas que eu trouxe da praça, as que o senhor Gildardo me vendeu.

Depois pede-nos para, por favor, varreremos a casa. Tem de ser de dentro para fora, pirralhas, diz-nos, e a mim, no meio de tudo isto, não sei porquê, reconforta-me que ela continue a chamar-nos assim passados tantos anos, com esse nome situado entre o carinho e a dureza. Temos de varrer do fundo da casa até à porta, sempre a mover a vassoura na direção da saída. É preciso tirar todo o pó, insiste a mãe. Enquanto varremos, ela deixa o leite com as ervas ao lume e percorre o apartamento fechando as janelas. Não pode entrar ar de fora. Sentimos a escuridão que nos envolve, lodosa e asfíxiante. Eu e a Estefanía varremos como nunca na vida, levantando cada móvel, cada cadeira, com uma atenção que jamais dedicámos aos trabalhos domésticos. Vamos juntando um monte de pó com as nossas vassouras, levamo-lo até à porta do apartamento, que a mãe deixou aberta, e atiramo-lo todo para fora, para o hall. Quando terminamos, voltamos as três para a cozinha. Não dissemos uma palavra e, embora a mãe não nos proibisse de falar, eu e a Estefanía adivinhámos que por ora era melhor o silêncio. Os carros passam na rua e a luz amarela dos seus faróis entra pela janela da cozinha como raios que rasgam a escuridão em que estamos quase mergulhadas, resgatadas apenas pela luz de algumas velas brancas que a mãe acende e deixa em vários lugares da casa. Só assim se pode fazer esta limpeza, à luz das chamas. Eu sinto falta da *Babalú*, mas sei que, se a cadela não está connosco, por algo será, porque isto que fazemos temos de o fazer a sós. Olhar para a cara desta praga que nos caiu em cima, desta desgraça que nós próprias invocámos sem saber.

Na cozinha, a mãe deita as tripas de galinha no tacho, juntamente com o líquido escuro em que flutuam, e a mistura que coze adquire um cheiro nauseabundo que provoca vômitos à Estefanía. A mãe pede-me então, pondo

as palavras na minha cabeça, que acenda a vela roxa e que a coloque na sala de jantar com o que sabemos. Procuo um daqueles velhos suportes de barro para velas, que usávamos na época dos racionamentos de energia. Pouso nele a vela roxa e tiro do meu bolso a caixinha onde tenho guardadas as unhas que cortei ao meu pai. Ainda cheiram a lama, o mesmo odor dos seus pés na noite em que morreu. Uma a uma, faço com elas um círculo em volta da vela roxa. Assim que termino, sinto-o: o vulto escuro inquieta-se, agitando-se no fundo da sala, adquire a forma do meu pai e dilui-se, como se não conseguisse mantê-la. Está assustado ou alerta, não sei. Só sei que o que fazemos o incomoda. Chamo os poderes, para que nos rodeiem, invoco as palavras necessárias para conseguir expulsar esta praga que nos empesta a vida. E com as palavras na língua, rodando-as como uma oração, acendo a vela roxa.

A Estefanía olha para mim e para a nossa mãe sem dizer nada. Estamos todas assustadas, mas sei que ela está mais porque é quem menos percebe o que se passa. Vejo-a pálida, olheirenta, e não sei se será só da pressão do trabalho ou também da culpa, da tristeza e do medo. Sentamo-nos as três à mesa da sala de jantar a beber o café queimado que a mãe fez. Sentamo-nos porque temos de esperar que o preparado arrefeça. Sentamo-nos em volta da vela acesa, em volta das unhas do pai, e cada uma de nós se concentra no café para não ver a sombra que começou a passear-se, agitada, por todo o apartamento, com uma forma horrenda do pai, como que feita de pura raiva. Ouvimo-la entrar nos quartos e abrir as gavetas dos armários, ouvimos o ruído dos seus passos fortes, sentimo-la atrás de nós quando passa da sala para a cozinha ou para o corredor. Sabe que estamos a expulsá-la. No meu caso, só penso nas palavras, como me instruiu a mãe antes de começarmos. Ela também nos disse que cada uma de nós devia despedir-se do pai. Cada uma tem de afastar a culpa para que esta coisa nos deixe em paz. Lá fora, no parque, a *Babalú* ladra e a sua distância fere-me, faz-me sentir órfã. O apartamento está escuro, as velas mal conseguem iluminar uns centímetros em redor. É como se esta densa escuridão fosse constituída por matéria e nos envolvesse. Sente-se o apartamento como se fosse o fundo de um lago, sussurra a Estefanía por entre as sombras.

Quando o silêncio começa a apitar-nos nos ouvidos, a mãe mete o dedo no preparado do tacho e verifica que já não queima. Está pronto, diz-nos. Toca a limpar a casa. Com cuidado para não derramar uma gota, passamos o preparado para um balde. Junto-lhe a terra do frasco onde meti os punhados que rodeavam os pés de dona Eustolia. Com a mão esquerda, mexo a terra para que se misture com o preparado, sete vezes em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. Depois pegamos em três esfregonas novas e embebemo-las no líquido. Torcemo-las com as mãos e cada uma de nós se mete no seu quarto. Temos de passar a esfregona no mesmo sentido em que varremos, sempre para fora. Fazemo-lo sem pressa, com movimentos lentos e suaves, de modo a cobrir com o líquido toda a superfície do chão. À nossa volta o apartamento estremece e aquela coisa escura e densa que o habita contorce-se.

Enquanto me ocupo daquele que foi o meu quarto e que ainda tem a cama da minha infância, mas que agora é uma espécie de quarto das visitas e extensão da biblioteca do meu pai, sinto a porta fechar-se atrás de mim. A coisa escura, esse vulto que me apavora, dá luta. E, de repente, tudo parece ouvir-se de forma diferente. Chamo a Estefanía, mas a resposta dela chega-me apagada, como se falasse do outro lado da rua. Todos os sons se confundem, não permitem que saibamos de onde vêm, como se um mesmo ruído atacasse de vários lugares. A esfregar sempre para fora, chego à porta do quarto e abro-a. Não se vê nada no apartamento, as velas apagam-se à minha passagem. Espreito para o corredor, que me parece eterno, chamo a minha mãe e, embora saiba que ela deve estar no seu quarto, a sua resposta chega-me abafada, vinda da direção da cozinha. No apartamento, os sons comportam-se como se estivessem na montanha, enganosos, parecendo vir de vários lados em simultâneo, confundindo-nos. A Estefanía chama-me de volta, pergunta-me para onde fui e porque estou tão longe. Então a mãe, a gritar, diz-nos que continuemos de olhos fechados; e embora o seu grito nos pareça longínquo, como se estivesse no terraço ou mesmo lá fora no parque, não interessa. Confiamos nela. Esta é a nossa casa, conhecemo-la como a palma da mão, mesmo na mais completa escuridão. Finalmente, quando terminamos de passar a esfregona pelos quartos, encontramos-nos no corredor e, estando juntas, tudo parece menos terrível. Eu e a Estefanía vamos para a cozinha e para a sala e a mãe fica a cobrir o corredor. Enquanto esfrego a sala, peço as palavras, as palavras que limpam e expulsam, as palavras que curam a praga. As palavras aparecem na minha boca e eu movo-as com a língua de um lado para o outro como se comesse um *mamoncillo*, passo-as pelos dentes, saboreio-as, digo-as sem parar enquanto oiço a *Babalú*, que continua lá fora, a andar pelo parque e a ladrar. Parece que está a apressar-nos.

A sombra já não tem a forma do meu pai, parece antes uma amálgama de escuridão mais escura do que aquela que cobre o apartamento. Está encurralada a um canto da porta e agita-se, dilui-se e torna a aparecer. Mantém a sua luta. A Estefanía acaba de passar a esfregona na cozinha; a mãe, no corredor; e eu, na sala. Entre as três cobrimos a sala de jantar, levantamos a mesa e as cadeiras e vamos retrocedendo até à saída. O apartamento parece estalar, como se vomitasse. Eu abro a porta e saio com a minha irmã, mas a mãe fica sozinha no umbral, olha para dentro da escuridão, debruçada sobre a boca aberta da peçonha. De onde estou, vejo como dezenas de mãos sombrias parecem querer arrastá-la para o negrume absoluto contido no nosso apartamento, mas a mãe está firme e faz o chamamento. Um exército de almas cobre-nos e cobre-a, para que ela possa dizer as palavras que pediu e que lhe foram dadas. A mãe diz as palavras, mas eu não consigo ouvi-las porque, a par das mãos que tentam agarrá-la, se ouve um ruído desagradável, de gemidos doridos. Quando acaba de dizer as palavras, a mãe sai então do apartamento e fecha a porta. O que antes gemia, agora lamenta-se com um bramido terrível, com um uivo doloroso. Nenhuma

de nós diz nada, mas eu sinto, enquanto nos dirigimos para o parque à procura da *Babalú*, que uma coisa pesada nos saiu de cima, sinto que consigo tocá-las, que essa distância entre nós desapareceu. Eu e a Estefanía agarramos na mãe, cada uma por um braço, para a ajudar a manter-se de pé. Apesar de também nos sentirmos fracas, ela ficou quase sem fôlego. Esperamos o resto da noite sentadas no parque, porque só podemos voltar a entrar no apartamento quando a vela roxa se apagar. A *Babalú* ronda-nos, atenta. Depois disto, a mãe não deve limpar o chão durante sete dias e sete noites.

Depois da limpeza, a vida no apartamento foi mudando lentamente. A mãe já não anda às voltas de carro e a minha tarefa com os livros, que antes parecia interminável e sem sentido, vai chegando a bom porto. A Estefanía está cheia de trabalho e vemo-la pouco, só à noite ao jantar, mas está menos macilenta e chega com vontade de falar do seu dia de trabalho. Eu quero contar a Ana Gregoria que tudo correu bem, ou é isso que me parece, mas a sua saúde deteriorou-se rapidamente. Os médicos dizem que é uma consequência normal da idade e que os pacientes muito idosos a dada altura atingem um pico e depois parecem desmoronar-se. Ana Gregoria está assim, a despenhar-se no abismo do esquecimento, cada vez mais fraca e com uns olhos sem expressão. Dói-me voltar a ver nela o que vivemos com o meu pai. Essa maldição do esquecimento que vai esvaziando o corpo até não restar ninguém, só o invólucro. Cada vez são mais esporádicos os momentos em que a professora volta a si. Por isso, hoje aproveito para lhe contar tudo o que posso, falo depressa, desesperada, porque pressinto que esta é uma das minhas últimas oportunidades. Enquanto ela me ouve, atenta, coçando a cabeça da *Babalú*, descrevo-lhe a limpeza e conto-lhe como consegui a terra de cemitério. Nessa altura lembro-me da navalha que o animal me deu de presente. Tiro-a do bolso e mostro-lha.

Já posso partir mais tranquila, menina, sabendo que te deixo acompanhada por esta cadela, diz-me a professora, divertida, quando lhe conto que foi a *Babalú* quem apareceu com a navalha no cemitério. Pega nela com a mão esquerda, observa-a, cheira-a, ouve-a. Isto é faca de morto, diz, cuida bem dela, porque serve *pa* muitas coisas, filhinha. Estamos as duas no jardim do lar, com o silêncio a cobrir-nos, mas hoje é diferente porque esperamos pela minha mãe, que há dias sonhou que a professora chamava por ela. Acordou a chorar e soube que, se Ana Gregoria lhe aparecia em sonhos,

era porque a velhota não ia durar muito mais. Antes de a minha mãe chegar, eu pergunto à professora pelo sonho, mas ela faz-se desentendida e prefere continuar a falar da navalha. Explica-me que as coisas dos mortos são muito boas para trabalhar e bruxear porque ficam como que a pairar entre o nosso mundo e esse outro, o das almas, que não é um mundo em si, mas que existe, confundido com o nosso. Por isso a terra de cemitério é tão boa, como o cabelo ou as unhas de um morto e a corda ou as mãos de um enforcado; como a navalha de um morto. Tens de andar de olho nessas coisas, esse é agora o teu destino, filhinha. Alguma coisa se me emaranha na garganta, todas as perguntas que sinto que ainda me restam por fazer e a que sei que ela não irá responder, porque hoje cada palavra me soa a despedida. Apesar de o silêncio que nos cobre enrarecer o ar, consigo ouvir a porta de metal que se abre e a voz da minha mãe. Vejo-a ao longe, na entrada, a falar com a enfermeira morta que não sabe que está morta e já quase desapareceu. A mulher aponta para o lugar onde estamos, porque ela sim consegue ver-nos, e a minha mãe aproxima-se, embora no seu passo me aperceba de uma hesitação, de uma demora intencional.

– Que bom ver-te, menina Sole – diz-lhe a professora, e nota-se-lhe a alegria na voz.

– Como estás, negra? *Pa* que precisas de mim?

Eu reconheço esse tom distante da minha mãe quando não quer revelar que alguma coisa lhe dói, que sente medo ou tristeza, e percebo que este não é o meu lugar. Despeço-me da professora e deixo-as afastarem-se. Passeiam pelo jardim enquanto conversam, com a minha mãe a empurrar cuidadosamente a cadeira de rodas de Ana Gregoria.

*

Depois de limpo o apartamento, amontoo no terraço uma quantidade de livros do meu pai para os queimar. Sempre assumi como evidente que os livros não se queimam. Mas neste momento, com a pilha de livros à minha frente, penso na melhor maneira de os atear e interrogo-me se o plástico que forra algumas das capas cheirá muito mal. Não tenho outro remédio senão incinerá-los, se não quiser continuar a mantê-los cheios de pó em caixotes, como o meu pai fez durante tantos anos. A pilha é composta por enciclopédias científicas desatualizadas, dos anos sessenta e setenta, sebtas do curso de Engenharia Eletrónica do seu tempo de estudante, repletas de sabedoria técnica obsoleta para os padrões atuais, e manuais de eletrodomésticos, televisores, telemóveis e computadores que já não funcionam. Ainda hesito, mas pesa-me vê-los e a única coisa que me ocorre para me livrar deles é reduzi-los a cinzas, varrer essas cinzas e espalhá-las sobre a terra das plantas do terraço. Vendi os livros que tinham valor para os alfarrabistas e doe i a maior parte dos restantes à universidade onde o meu pai estudou. Também fiquei com alguns, os que queria para mim, e misturei-os com os que tinha no meu apartamento, para se adaptarem a uma nova vida, a um novo sítio. Estes

livros que vou queimar já não fazem sentido neste mundo, nesta terra.

Demoro muito tempo a acender uma fogueira que não se apague, que se mantenha e alastre pelo papel, devorando-o. Afasto-me vários passos, porque o fumo do plástico me afeta os pulmões, mas não deixo de olhar. Nunca tinha queimado um livro. Nunca tinha rasgado um livro ou arrancado uma página. O máximo que fiz a um livro foi sublinhá-lo a lapiseira, para realçar ideias que me agradavam, ou deixá-lo cair acidentalmente à água, secando-o depois com cuidado e vergonha, ou roubá-lo de alguma livraria. Mas queimar um livro, nunca.

No dia seguinte à morte do meu avô Chepe, depois do velório, do pranto, dos comes e bebes e do cansaço, acompanhei a minha mãe a levar as cinzas para o cemitério. Regressámos a casa do avô ao início da tarde, com o Sol a pino, e fomos recebidas à porta por um cheiro a incenso que mal disfarçava o odor a queimado. Duas das minhas tias tinham ficado a limpar o quarto do avô, a tirar as suas coisas das gavetas, dos armários, inspecionando-lhe a vida, agora que ele já cá não estava. Debaixo da cama, encontraram uma caixa de cartão que fora de um televisor. Lá dentro tinha um trabalho de bruxaria e alguns livros sobre esse tema. Não cheguei a vê-los, o cheiro que me recebeu à porta era o das páginas a queimar-se. Uma das minhas tias disse que eram livros de magia vermelha e de magia verde, a outra disse que eram de magia negra. Não quis saber, odiei-as imenso por serem tão estúpidas. Só uma estúpida queima um livro, pensei. E odiei-as também porque me negaram a oportunidade de os ler.

Nesse momento, uma parte de mim teve a certeza de que eu e as outras mulheres da minha família carregávamos alguma coisa estranha. Agora sei que, sem o saber, pressentia os poderes. Ninguém me dissera nada, ninguém me educara e os poderes perdiam-se-me, desperdiçavam-se-me. Sei que não sou só eu e a mãe, sei que, se elas também o soubessem, se também tivessem aprendido, se lhes abrissem os olhos. Mas é difícil. A minha mãe diz que, com o tempo e a teimosia, os olhos das pessoas permanecem fechados e não há maneira de os abrir. No entanto, eu senti alguma coisa nesse dia com os pertences do meu avô; por isso fiquei com o trabalho de bruxaria, apesar de as minhas tias também o terem destruído. Porque elas, ao vê-lo, souberam o que era, chamaram o padre, aspergiram água benta por toda a casa e queimaram os livros. As minhas tias, que já nem olhos tinham para abrir. Parte desse trabalho de bruxaria do meu avô incluía uma medalhinha de prata que pendia de uma tira de cabedal vermelho, que a minha mãe diz que ele mandou fazer a um ourives. Num dos lados estavam as iniciais do *Vade retro Satana*, mas no outro não se via São Bento. Em vez dele, fora gravada uma mão com seis dedos e um buraco no meio. Nessa altura, pareceu-me a medalha que a minha mãe me ofereceu quando eu era pequena, por isso as pendurei juntas no fio que trago sempre ao pescoço. Ainda as tenho e adquiri o tique de tocar nelas distraidamente quando alguma coisa me preocupa. Procuro nos relevos do metal uma espécie de segurança, uma âncora.

Os vizinhos queixam-se do fumo dos livros queimados, mas já não há nada a fazer senão esperar que o fogo se extinga. Sinto que cá em casa alguma coisa ainda se contorce, mas é algo pequeno, como uma lagartixa escondida debaixo de um móvel. Quando as chamas se apagam, varro as cinzas e misturo-as com a terra dos vasos. *Vade retro*, digo, agarrando nas medalhinhas com a mão esquerda e entrando no apartamento. *Vade retro*.

À noite, a Estefanía volta a casa com cara de tragédia, nota-se-lhe nas olheiras, no andar derrotado. O gavião morreu, diz-nos. Estamos sentadas no terraço, aproveitando a frescura da noite. Eu abro umas cervejas para as três e bebemo-las sem saber muito bem que mais dizer. A mãe tenta consolá-la, argumenta que talvez fosse inevitável, que ela não pode culpar-se por cada animal que morre, e a mim essa frase parece-me, no mínimo, infeliz. Culpar-se. Não sei como pode a mãe dizer isso depois do que passámos, do que fizemos no apartamento, do que nos perseguia justamente por essa mania de nos culpabilizarmos. E não sei como a Estefanía age como se nada se tivesse passado, como se há alguns dias não tivesse visto que fizemos um preparado num tacho, como três bruxas, como se não tivesse visto a mãe enfrentar no apartamento uma escuridão inexplicável, feita de mãos horrendas que a queriam arrastar, como se não tivesse visto uma versão pavorosa do nosso pai no meio do seu quarto, a olhar para ela sem olhos. Depois dessa noite, a minha irmã não falou mais do assunto, como se tivesse decidido esquecê-lo. Quando o comentei com a minha mãe, ela fez-me notar que há gente que sabe guardar as coisas, que sabe que há certos assuntos que não lhe são próprios. Diz-me que o pai era assim, que assim é também a sua irmã Esperanza e que agora calha à Estefanía ser assim. Mas eu sinto-me frustrada, porque me parece que é fazer-se um pouco desentendida.

A mãe é a primeira a terminar a cerveja, bebe muito depressa e embebedada-se também à mesma velocidade. Mas ela diz que é assim que gosta, que era assim que o seu pai bebia a cerveja na taberna de Heliconia. Pousa a garrafa vazia no chão do terraço e pergunta à minha irmã, como quem não quer a coisa, o que pretende a clínica fazer com o corpo do gavião. A Estefanía diz-lhe que vão cremá-lo, que ainda não o fizeram porque morreu muito tarde, há umas horas. Morreu de uma infeção pulmonar que não tinham detetado. A mãe olha para mim e eu sei o que lhe passa pela cabeça. Só me resta esperar que ela o diga.

– Temos de ir buscá-lo, filha.

– Mas como, *mãe*? Vamos cremá-lo amanhã.

– Não, pirralha, vamos buscá-lo, precisamos desse pássaro. Vocês precisam dele – sentencia a mãe.

A Estefanía olha para mim a pedir-me uma ajuda que não posso dar-lhe porque estou de acordo. Já sei o que a mãe quer, já sei para que precisa dele.

Entramos todas no meu carro, comigo a conduzir. Como já é muito tarde e a mãe tem receio do tráfego noturno, vai sentada atrás com a *Babalú* e a Estefanía vai no lugar do passageiro. Eu peço-lhe que confie em mim, que sei

que ultimamente fazemos coisas muito estranhas, mas que tudo tem um sentido. E ela confia porque sente que, depois da limpeza, as coisas foram melhorando. E limita-se a dar as indicações para chegarmos ao seu local de trabalho. Uma clínica de fauna selvagem nos arredores da cidade.

É quase meia-noite quando paramos o carro num dos lados da estrada, escondido atrás de uns arbustos. Percorreremos a pé a pequena distância que nos separa da entrada. Antes de começar, a mãe diz as palavras e pede ao silêncio que nos cubra. A *Babalú* guia-nos, sempre alerta, mas a noite está clara, é lua cheia, e não temos dificuldade em ver o caminho até à cancela de metal que se abre a meu pedido, como se não tivesse cadeado e correntes. A Estefanía não diz nada, creio que prefere fazer-se desentendida, como se estivesse em piloto automático. Apenas nos informa de que há um guarda, mas isso não nos preocupa. À noite quase não se nota, mas, mesmo assim, sei que a sombra da *Babalú* se dispersa no chão como uma mancha confusa que revela que nela habita algo maior e terrível, e então a cadela vai à procura do guarda. Sabe que o seu trabalho é afastá-lo.

Chegamos ao edifício principal da clínica e eu abro novamente a porta como se esta não tivesse fechadura. Cada vez me é mais fácil fazê-lo, mas também sinto um ligeiro desgaste, como um ranger das articulações, quando uso os poderes. Lá dentro, encontramos o gavião num congelador. A mãe examina-o e diz que sim, que serve. Mete-o num saco de pano e saímos tal como entrámos, cobertas pelo silêncio, invisíveis e inaudíveis. Embora desconfie de que os pássaros fechados em várias gaiolas podem ver-nos, porque os seus olhos brilhantes seguem os nossos passos até à saída.

*

De regresso a casa, já de madrugada, a mãe pede-nos o favor de deixarmos a noite seguinte livre, porque quer mostrar-nos uma coisa. Por isso agora estamos aqui, as três novamente em volta do tacho de barro na cozinha, cada uma com um café na mão. A mãe deita água no tacho e explica-nos que, quanto mais feroz for o animal que nos fornece as patas, melhor. Mais forte fica o amuleto. Surpreende-me que, apesar do seu amor pelos animais, a Estefanía já nem reaja. Não percebe nada, mas sei que, à sua maneira, reúne os dados e as pistas que tem e tira as suas próprias conclusões, que não devem estar muito longe da verdade. Eu, pelo contrário, sei o que a mãe quer e assusta-me pensar que esse trabalho que faz por nós esconda uma espécie de despedida antecipada. Com a navalha que a *Babalú* me deu, corto as patas do gavião como me pede a mãe ao ouvido. O resto do corpo, pomo-lo de parte numa bacia, para mais tarde. Assim que a água ferve, a mãe põe as patas a cozer para, como nos explica, lhes tirar tudo o que apodrece. Quando estão prontas, tiramo-las da água e esperamos que sequem. Depois dá-me uma pata a mim e outra à Estefanía, para que pintemos cada uma das unhas com um verniz vermelho que encontramos numa gaveta da casa de banho. A Estefanía fá-lo sem perguntar nada, mesmo quando a mãe nos pede que arranquemos

cada uma um cabelo da cabeça e os troquemos. Depois, com um alfinete de cabeça redonda, cada uma de nós empurra o cabelo da outra pelo canal da pata do gavião, deixando o alfinete ali cravado. Por fim, a mãe tapa o orifício com cera e amarra um fio vermelho em cada pata. Vamos deixar isto no terraço, ao ar frio da lua, e depois ficarão prontas.

O amuleto vai proteger-vos, filhas, e mantê-las unidas. Com ele podem mesmo procurar-se nas situações mais adversas. Tragam-no sempre convosco, porque isto é mais poderoso do que qualquer imagem do Sagrado Coração, do que qualquer oração, do que qualquer trabalho ou esconjuro. A mãe segura nas patas do gavião enquanto nos explica. Está quase a amanhecer e eu e a Estefanía estamos a cair de sono, mas temos de aguentar. Arranjam-lhe um saquinho de tecido e mantêm-no no bolso, elucida-nos ela, e eu sei que, mesmo que a minha irmã não saiba para que serve a pata ou como realmente usá-la, percebe que é importante, que trazê-la consigo tranquilizará a nossa mãe. O que não sei é se se apercebe, como eu, da despedida velada que ronda cada uma das suas palavras. Quando precisarem, basta entrelaçarem os vossos dedos nas garras da pata, e só então podem pedir o que precisam: tranquilidade, proteção, certeza. Ou digam simplesmente o nome da outra irmã e ela ouvir-vos-á. Eu sinto a urgência nas explicações da mãe e percebo que, para ela, se vai solidificando a certeza do tempo que se acaba. Assim que amanhece, vamos dormir e só nos levantamos depois do meio-dia.

*

Passados alguns dias, decidimos que o melhor é vender o carro. É uma decisão que tomamos por razões práticas, mas que a mim me dói no íntimo, porque sinto que vender o Volkswagen é como trair um ente querido, como abandonar o cão velho da família na beira da estrada. Aceito a venda, mas digo à minha mãe que não quero encarregar-me do assunto, que não sou capaz. Para me despedir, pego no carro para regressar ao meu apartamento. Tenho de levar toda a roupa e as coisas que fui acumulando no apartamento dos meus pais durante estas semanas em que voltei a viver ali. Assim que abro a porta, um ar estagnado atinge-me a cara. Ar de dias de encerramento. Das plantas que tinha, só restam paus negros e ressequidos, e um pó cinzento e fino cobre todas as superfícies. Passo um dedo por cima da mesa da sala de jantar e verifico, aliviada, que é um pó normal, pó de abandono e da passagem do tempo. Não esse pó pesado que aparecia como um vestígio da lama que se arrastava sempre atrás de mim. Demoro dois dias a reorganizar e a tornar novamente o apartamento habitável. Limpo e sacudo. Varro e lavo. Limpo as casas de banho, os vidros. Deito fora o lixo e a terra morta dos vasos. Faço uma lista do que me falta e sinto que estou a voltar de uma viagem de anos. O apartamento parece-me alheio, sei que tenho de o reconquistar.

A Estefanía arranjou um emprego longe da cidade, num projeto nas montanhas, e partiu há uns dias, deixando a nossa mãe sozinha pela primeira vez desde a morte do papá. A minha irmã levou a pata do gavião e ficou de

me telefonar todas as semanas. Eu espero que a pata funcione, porque só passaram uns dias e já começo a sentir saudades dela. Telefono para a minha mãe e acho-a tranquila, diz-me que está bem, que a casa está em calma. Tens de trazer-me o carro, porque amanhã os senhores que o vão comprar vêm buscá-lo, diz-me. Cuidado para não bateres, pirralha. Dá-me alguma raiva essa advertência, porque só bati com o carro uma vez, há muitos anos, mas sei que essa advertência desnecessária é um sinal de que, de alguma forma, tudo voltou ao seu lugar.

A minha mãe começa a visitar diariamente Ana Gregoria e eu noto que, sempre que se cumprimentam, a professora lhe pega na mão esquerda. A mão que cura. A mão que mata. A mãe faz-se desentendida, liberta-se e tenta distrair a velhota com qualquer assunto, mas ela não se esquece do pedido. Eu penso que a minha mãe lho deve, que tem de fazer o que quer que a sua professora lhe peça. Nas mãos também se guardam as dívidas com os poderes.

Faço as últimas visitas a Ana Gregoria com a minha mãe, mas quase nunca conversamos as três juntas. Quando estou com a professora, a minha mãe entretém-se a falar com as cuidadoras, a perguntar pelo estado de saúde de Ana Gregoria, a ver se as condições do quarto estão de acordo com o que paga, porque é um dinheirão o que esta gente cobra, diz sempre, queixando-se, embora encontre tudo bem. E quando é ela, a mamã, a falar com Ana Gregoria, eu percebo que é a minha vez de passear pelos corredores do lar, de me afastar delas, de as deixar sós no seu encontro. Caminho acompanhada pela *Babalú*, olhando para dentro dos quartos dos velhotes, sem quase nunca receber de volta um olhar. A maior parte deles está alheada e essa presença do vazio no corpo aterroriza-me mais do que as almas frias que vagueiam pelo local sem saber se estão mortas ou não. Só nos juntamos as três no fim da visita. Eu e a mãe levamos Ana Gregoria de volta ao quarto, despedimo-nos e saímos para o bulício da Rua Basura. Então cada uma vai para seu lado, ela vai para cima, eu e a *Babalú* vamos para baixo, cada uma de nós para o seu apartamento.

Mas há outros dias em que nos revezamos nas visitas. Hoje é a minha vez. Chego cedo porque tenho disponibilidade e quero aproveitar todo o tempo possível com a professora, uma vez que já são poucos os seus momentos de lucidez. Encontro-a viva, presente. Vamos, como sempre, passear pelo jardim dos açacús, com o silêncio a cobrir-nos como um poncho. Então Ana Gregoria agarra-me com força no braço, enterrando-me as unhas, e eu paro. O esquecimento, filhinha, é como uma fera esfomeada, diz-me. É como uma névoa escura, é a própria selva que vai engolindo tudo. É inevitável, mas não temos outro remédio senão lutar contra ele, fintá-lo, esconder as lembranças para que ele não as engula. A voz dela parece diferente, áspera, como se a fosse buscar a uma fundura desconhecida, como

se as palavras fossem ditas de uma caverna. É isso que tens de fazer: arrancar-me o segredo, arrancar as lembranças da minha cabeça para que se tornem tuas, elas que são o saber. E aí deixarás de estar só. Os olhos de Ana Gregoria ficam mais brancos e afiados quando está em si, quando sabe quem é e recorda, mas o momento dura pouco e novamente essa nuvem cinzenta das cataratas lhe cobre o olhar e é como se não estivesse ninguém lá dentro. Eu sei que ela continua a existir em algum lado, mas imagino que deve sentir-se como se tivesse cada vez mais sono, um sono pesado, desses que surgem depois de comermos um *sancocho*, um sono sem sonhos do qual, de dia para dia, lhe custa mais acordar.

Para trabalhar, Ana Gregoria ensina-me que é preciso organizar o que ela chama mercearia. Ou seja, é preciso recolher produtos que servem para trabalhar com os poderes, como a terra de cemitério, a corda de enforcado, a navalha do morto, os ossos do indicador, os bezoares, a garra da grande fera ou o leite da meia-noite. É preciso estares atenta, diz-me, aos sinais da tua alma, da *Babalú*, porque ela sabe, ela guia. Para poderes fazer o que terás de fazer pelo resto da tua vida, estas coisas são importantes. E eu oiço-a com atenção, mesmo sem perceber muito bem o que terei de fazer pelo resto da minha vida. Sinto que caminho na beira de um abismo sem ver muito bem a borda, sempre em risco de pôr um pé no vazio. Ela fala-me dos partos de crianças mortas. É triste, filhinha, mas têm grande poder os bebés que nascem sem vida. É graças a um deles que estás aqui a passear-me, diz-me.

Assim que Iván adormeceu, Soledad levantou-se da cama como pôde e aproximou-se do berço da filha recém-nascida. Na mesa de cabeceira, ao lado da cama, tinha o lenço de papel com a bola de pelos escuros que a enfermeira retirara à bebé horas antes. Olhou para a filha ali, entre as mantas rosadas, tão pequena, tão transparente a sua pele, e chorou por causa desse medo que ainda lhe infetava o corpo, desse medo que explodiu no momento em que a filha, ao nascer, não conseguiu chorar, não fez nenhum ruído. Pensou que não havia silêncio mais terrível e mais forte do que o da sua filha, asfixiada, sem choro, sem vida, segura por uma perna como se fosse uma galinha, enquanto o médico lhe dava palmadas para a obrigar a respirar. Doía-lhe todo o corpo devido ao esforço do parto, mas ficou parada ao pé do berço, sem querer deixar de olhar para ela, para Lina. Uma bebé viva. Agradeceu aos poderes terem-na dado, mas soube também que tinha de começar a procurar maneiras de bloquear a filha, para que esses mesmos poderes que lhe tinham dado não a levassem tão depressa. Soledad invocou o silêncio que as cobriu, a ela e à filha, só para prevenir, não se desse o caso de Iván acordar e de a ver naqueles preparos. Então, quando se sentiu coberta, pediu as palavras e, com os dedos, fechou os olhos à filha, porque ela os tinha abertos e olhava para a mãe. O trabalho seria longo e constante, mas manteria a filha com os olhos

fechados o tempo que lhe fosse possível.

Passados alguns dias e tendo recuperado um pouco, Soledad levou Lina a casa de Ana Gregoria. Subiu a ladeira com ela ao colo até à casinha da professora e, entre ambas, fizeram um trabalho para a bebé, porque Soledad intuía que a filha tinha nascido doente. Ana Gregoria andou toda a tarde com a menina ao colo e soube que nela estavam os poderes, nos seus olhos escuros que olhavam como uma adulta, fixamente, sem pestanejar, atentos. Esta tua filha é como eu, Sole, não se lhe vê o fundo dos olhos.

Ana Gregoria atira os dentes para perguntar o caminho aos poderes, quando está numa encruzilhada. Durante todas as minhas visitas foi-me ensinando a ler os dentes, a entender as suas formas, a sua disposição depois de atirados. Também me ensinou como obter os dentes e quais os melhores para esta arte da leitura. Mas têm de ser dentes de pessoas. Os que ela usa, guarda-os numa caixinha de lata na segunda gaveta da mesa de cabeceira do seu quarto. Apesar de hoje quase não conseguir mover-se, insiste em querer deitá-los para mim. Afirma que estou perdida. A minha mãe, que também nos acompanha, olha para mim e diz-me que não dê ouvidos à negra, mas os seus olhos verdes e cortantes dizem o contrário, dão razão à sua professora, veem-me perdida. Eu tiro a caixinha da mesa de cabeceira e entrego os dentes a Ana Gregoria, do meu punho para o dela. Ela já não consegue passear na cadeira de rodas, por isso lhe fazemos companhia ao pé da sua cama no lar, onde parece mais pequenina do que nunca, a desaparecer entre os lençóis. Inclino a cabeceira, para que Ana Gregoria fique o mais sentada possível, e ponho-lhe em frente a mesa auxiliar que usa para comer. Ela deita os dentes com um movimento trémulo e fica a olhar para eles durante algum tempo. Não aparece aqui, filhinha, diz-me, preocupada.

A tarde já está no fim e o calor foi diminuindo. Eu e a minha mãe ouvimos um rumor diferente nas almas que vagueiam pelos corredores do lar. Sentem-se expectantes. Eu sei que Ana Gregoria também o ouve, porque passa o tempo a olhar para a porta. Nessa altura percebo que esta é a nossa última visita, que o corpo da professora já não aguenta mais, que os poderes vão levá-lo, para que volte a ser terra e lama e árvore e selva e formiga e raiz e água da raiz. A minha mãe tem estado a chamar-me, diz Ana Gregoria, olhando fixamente para a sua antiga aluna. Eu tenho de me ir embora, menina Sole, diz, com os olhos abertos, escuros e vivos, e as lágrimas deslizam pelos olhos da minha mãe, mas da sua boca não sai um lamento. Chora como se tivesse o silêncio a cobri-la. Chora, mas faz o que tem de fazer, foi para isso que veio nesta tarde de sexta-feira, porque sabia desde o princípio para que a professora a chamara.

Ana Gregoria vira a cara, procurando-me. Ouve-me, filhinha, presta atenção, diz-me. Tu tens de ir até ao monte. Não procures maneiras mais

fáceis, porque não tens outro remédio. Ali, ou te perdes totalmente ou te encontras totalmente. A professora apanha conforme pode, com uma mão lenta e desajeitada, os dentes que estão na mesinha de apoio. Apanha-os e entrega-mos. Do seu punho para o meu. Para que perguntes o caminho, diz-me. E nesse gesto reside a nossa despedida. Nada mais é necessário. A minha mãe deita-se ao seu lado na cama, fecha-lhe os olhos com os seus dedos e depois pousa a mão esquerda no peito da professora. A mão que cura, diz a mãe, e esconde a cara na curva do pescoço de Ana Gregoria. Eu sento-me no sofá que está junto à cama e espero em silêncio. Olho com atenção para as crateras da fotografia do lado escuro da Lua até Ana Gregoria deixar de respirar.

Se o destino já está determinado, só me resta segui-lo. Saio do autocarro na vila da minha mãe. Não vinha a Heliconia há muitos anos, desde que o meu avô Chepe teve de ir para Medellín e a cadela *Babalú* morreu. Ela espera-me no meio da praça, a *Babalú*, a mesma cadela, embora não reste ninguém nesta vila que consiga reconhecê-la. O dia está frio e nublado, mas, como está vento, as nuvens, empurradas, deslocam-se rapidamente, e às vezes o sol espreita, iluminando a rua. Não trago malas, não preciso delas. Só tenho comigo as medalhinhas de prata e, nos bolsos, a navalha, a caixa dos dentes de Ana Gregoria, a garra do gavião e o frasquinho com uma bolinha de pelos pretos, pequena como um açáí. Aproximo-me da *Babalú*, que está sentada ao lado da grotesca estátua de um porco com uns testículos enormes a que chamam *O Varrasco de Guaca*. Representa a lenda de um varrasco que fugiu dos currais e que deambulava à noite pelas salinas da povoação. Os testículos dourados revelam o hábito que as pessoas adquiriram de os esfregarem para pedir boa sorte. Caminho atrás da *Babalú* por uma rua que se afasta do parque, sei que nos dirigimos ao monte pela saída das salinas. Como a vila não é muito grande, não precisamos de andar muito para a deixarmos para trás e chegarmos à ponte dos índios. A *Babalú* guia-me e entramos na ponte, mas ela para a meio e eu imito-a. Olho então para o abismo que se estende sob os meus pés. O abismo que tem no fundo um riacho cheio de pedras e que, ao mesmo tempo, parece não ter fim. Olho para o abismo como se olha atentamente para o fundo dos olhos diante do espelho. No bolso das calças tenho a pata de gavião e agarro-me a ela pensando na Estefanía, que está noutro monte, noutra selva. À beira do abismo que parece querer engolir-me como uma boca cheia de dentes, vejo a minha mãe em criança que me devolve o olhar, assustada, e sei que ela me vê, que não estou a imaginá-la, que é ela que, noutra época, olha para mim à entrada da ponte, porque tudo o que será já foi, porque não somos nada, não passamos de um canal por onde corre o que é verdade. Os poderes mostram-nos o que fazer para que volte a ser. Vejo o meu pai que sonha comigo e sei que não é uma recordação alheia,

sei que ele sonha comigo enquanto olho para ele. Percebo que tenho de sair de tudo para finalmente entrar nos poderes, no monte. Na beira do abismo da ponte dos índios, com a *Babalú* pacientemente aos meus pés, vejo as almas descerem pela água do riacho e vejo as raízes a abrir caminho sob a terra, vejo o fundo dos olhos verdes da minha mãe e o fundo dos olhos negros de Ana Gregoria, e vejo todas as nossas vidas expostas como um tecido que se dobra e se desdobra, porque tudo o que será já foi.

Depois atravessarei a ponte e entrarei no monte. Subirei pela encosta da montanha, agarrando-me às raízes e aos troncos, seguindo a *Babalú*, que às vezes será uma cadela preta e outras uma sombra alta, como uma mancha confusa, como um exército, como Ana Gregoria. Vou andar assim durante algum tempo, porque é o que tenho de fazer. Não terei outro remédio senão meter-me no bosque pantanoso. Dar um passo e depois o seguinte. Não terei outro remédio senão enfrentar o que encontrar por diante. Seguirei a *Babalú* até descobrir o lugar e saberei que é esse porque as plantas se agitarão como se tiritassem. Tirarei os sapatos e, com as plantas dos pés, tatearei a terra. Mais tarde, de um dos bolsos, tirarei o frasquinho de vidro e, do seu interior, a bola de pelos que me retiraram da garganta quando nasci. Olharei para ela como se fosse um objeto precioso e engoli-la-ei inteira. Tirarei a roupa, deitar-me-ei no chão frio do monte e chamarei os poderes, dir-lhes-ei que estou aqui, que já cheguei. O meu cabelo penetrará na terra e avançará por ela como raízes; enquanto isso, a *Babalú* será a minha sentinela, a minha guardiã, a minha companhia. A cadela andarà às voltas pelo monte, em redor do meu corpo imóvel sobre a terra negra. Depois morrerei. Não sei como. Vou estar ali, deitada no meio do bosque, e, de repente, tudo irá apagar-se. Depois levantar-me-ei e verei o meu corpo ali deitado na terra com a *Babalú* a rondar-me, e verei como ela é realmente, dentro do seu corpo de cadela. E verei as cores dos seus passos na terra e o movimento do sangue nas suas patas negras e verei o vento como se fosse água e a terra como se fosse o céu à noite, cheio de coisas vivas. Estará tudo cheio de coisas vivas que eu sentirei e reconhecerei. Conseguirei ouvir o meu cabelo a crescer-me na cabeça, ouvir o meu sangue a mover-se pelas minhas veias. Então caminharei pelo monte e tudo será tão diferente que chegarei a sentir que os poderes me aquecem as mãos, que, como já não estarei no meu corpo, poderei ser muitas outras coisas e meter-me e sair do que quiser e ser imbaúba ou sarigueia ou lagartixa ou udu-da-amazónia ou areia ou lodo ou pedra que guia o caminho da água ou água do riacho. Poderei ser a *Babalú* e entrar nela e vê-la por dentro e mexer-lhe nos músculos, nos olhos. Passarei nisso umas cinco horas, compreendendo tudo, como se a morte me tivesse aberto os olhos para o que há de verdade no mundo. Mas mais tarde compreenderei que era só uma visita, que afinal de contas não me corresponde morrer, que morrerei só por algum tempo para aprender algumas coisas que me faltavam, mas que terei de viver mais. E que tudo o que já foi está sempre a ser. Deitar-me-ei depois sobre o meu corpo, que sentirei duro e gelado, e acomodar-me-ei muito bem, até ficar

perfeitamente metida dentro de mim mesma, e depois mover-me-ei toda por dentro, o sangue nas veias, as fibras dos músculos, as articulações dos ossos, moverei cada órgão dando-lhe uma massagem, moverei os meus intestinos e os dedos das mãos e dos pés, e finalmente poderei despertar para a vida dos vivos e abrirei as pálpebras para ver a cadela *Babalú* ao meu lado. Abrirei os olhos e terei, pousados nos meus, os olhos dos poderes.

Antes de partir, antes de a minha mãe lhe encostar ao peito a mão que cura, Ana Gregoria olhou para mim e, finalmente, consegui ver o fundo dos seus olhos. O negrume do que não acaba. E fixando-me, sem falar, contou-me o segredo dos poderes. Deu-mo e eu apanhei-o e meti-o na boca como se fosse uma pedra lisa e engoli-o inteiro. Agora, o segredo é meu.

Table of Contents

1.	Capa
2.	Ficha Técnica
3.	Morta há cinco horas uma rapariga ressuscita e faz profecias
4.	1
5.	2
6.	3
7.	4
8.	5
9.	6
10.	7
11.	8
12.	9
13.	10
14.	11
15.	12
16.	13
17.	14
18.	15
19.	16
20.	17
21.	18

Landmarks

- [Cover](#)
- [Title-Page](#)
- [Table of Contents](#)